

Rafaela Domingues Costa

**A ORGANIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE *POR*
EXEMPLO EM PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM À LUZ
DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2014

Rafaela Domingues Costa

**A ORGANIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE *POR*
EXEMPLO EM PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM À LUZ
DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos da Língua em Uso

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat (UFMG)

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2014

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que **RAFAELA DOMINGUES COSTA**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, FALE/UFGM, nível Doutorado, Área de Concentração: *Linguística Teórica e Descritiva*, Linha de Pesquisa *Estudos da Língua em Uso*, concluiu o curso de doutorado no dia 06 de junho de 2014, data em que defendeu a tese intitulada *A organização das construções de por exemplo em português: uma abordagem à luz da teoria da estrutura retórica*.

Belo Horizonte, 06 de junho de 2014


Prof.^a Emília Mendes Lopes
Coordenadora
Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos - FALE/UFGM

AGRADECIMENTOS

Sei que durante os quatro anos que me dediquei à tese, Deus esteve ao meu lado. Em muitos momentos de desânimo, de angústia, tenho certeza de que fui tocada e, então guiada a retomar o caminho.

Não posso deixar de mencionar pessoas importantes que fizeram parte desta jornada: meu amado Tuiuiú, que também doutorando, compartilhou comigo aflições e, no momento certo, tinha palavras de força que fizeram a diferença em cada trecho dessa caminhada. Não tenho palavras para traduzir tamanha generosidade que teve comigo. Por vezes, deixou o que tinha de fazer para estar ao meu lado!

Aos meus pais e irmãos, minha eterna gratidão, pois foram eles que me ensinaram a ser determinada e sempre terminar um projeto iniciado.

À querida orientadora Beatriz Decat que, de maneira generosa, dedicada e carinhosa, concedeu muito do seu tempo para que eu me tornasse uma pesquisadora melhor.

Aos colegas do doutorado, em especial, Angela Jamal, Ana Clara, Danúbia, Gustavo, Risolina e Cláudia Siqueira que, juntos, trocamos experiências e conhecimentos que nos tornaram mais sábios.

E a equipe do Colégio Balão Vermelho, em especial à diretora Iêda, às coordenadoras e amigas Ivana, Simone e Cláudia, que confiam no meu trabalho e que incentivam o crescimento dos profissionais, tornando mais leve esta jornada tão cheia de pedregulhos. Tenho orgulho de fazer parte dessa equipe que valoriza o profissional de maneira tão respeitosa.

RESUMO

Em pesquisas anteriores sobre a construção de *por exemplo* sob o ponto de vista da articulação de orações, foi detectada, na maioria de suas ocorrências, a relação semântica geral-específico com uma finalidade argumentativa. Inspirados nesses resultados e em novos questionamentos, partimos, no presente trabalho, para uma investigação da organização textual, sob a ótica da Teoria da Estrutura Retórica (RST), uma teoria descritiva desenvolvida por funcionalistas da Costa Oeste dos Estados Unidos, a qual procura explicar a coerência de um texto a partir das relações retóricas (ou proposições relacionais) que emergem da contiguidade de suas partes, ou porções (*spans*). Buscamos encontrar, nessa fundamentação teórica, novos subsídios para explicar a organização da construção de *por exemplo* e descrever as relações que emergem na porção de texto em que ela aparece, a fim de compreender as intenções argumentativas do produtor. Para isso, utilizamos como *Corpus* Oral entrevistas retiradas do *Corpus* Lusófono que apresentaram, pelo menos, uma ocorrência dessa construção. Tal fonte de investigação abrange variedades do português falado em países que possuem essa língua como oficial: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Nas 47 entrevistas consideradas, foram encontradas 122 ocorrências de *por exemplo*. O *corpus* escrito foi constituído de 34 blogs, retirados do *bloglog* (disponível em *site* da emissora Globo), que apresentaram, no mínimo, uma ocorrência de *por exemplo*, perfazendo um total de 35 ocorrências. Considerando a totalidade de construções de *por exemplo* encontrada nos dois *corpora*, chegamos a um montante de 157 ocorrências. As análises e reflexões realizadas permitiram constatar que grande parte das construções é organizada de maneira que haja a relação semântica geral-específico, na qual encontramos, na unidade A, a informação mais geral, que é especificada na unidade B, corroborando os estudos realizados por Costa (2008). Foi possível também perceber que, dentre as relações retóricas listadas pela RST, a relação de elaboração possuía os mesmos aspectos da relação semântica geral-específico. Essa constatação possibilitou estipularmos uma equivalência entre essas relações, indicando que essas construções são mais prototípicas tanto em relação àquelas que não apresentam a relação geral-específico quanto àquelas que apresentam duas relações retóricas em uma mesma construção. Nas construções ditas mais ou menos prototípicas, do ponto de vista dos subprincípios da Iconicidade, a forma e a função foram consideradas harmônicas, corroborando as intenções iniciais do produtor e facilitando, dessa forma, a organização a serviço da argumentação. Portanto, é possível dizermos que a organização das construções de *por exemplo* se deve à finalidade argumentativa que levará o produtor a selecionar uma ou outra estratégia (relação semântica geral-específico, relação retórica de elaboração, outras relações retóricas, focalização) a fim de conseguir, do interlocutor, a adesão a determinado ponto de vista.

Palavras-chave: Construções de *por exemplo*; Teoria da Estrutura Retórica; Prototipicidade; Iconicidade; Funcionalismo.

ABSTRACT

In previous researches about the *por exemplo* construction (*por exemplo* = for example) under the scope of clause combining, we have detected, in most occurrences, a general/specific semantic relationship with an argumentative purpose. Inspired by the results and the new questions which have arisen, we initiated, in the present study, an investigation of textual organization, based on the Rhetorical Structure Theory (RST), a descriptive theory developed by functionalists from the West Coast of the United States, which seeks to explain the coherence of a text from the standpoint of its rhetorical relations (or relational propositions) which emerge from the contiguity of its spans. With such theoretical approach, we aimed to find new subsidies to explain the organization of the *por exemplo* construction and to describe the relations which emerge from the parts of the text where they appear, as a way to understand the argumentative intentions of the producer. In order to do so, we used, as *Oral Corpus*, the interviews from Lusophonic *Corpus* which presented, at least, one occurrence of such construction. The aforementioned corpus encompasses the variations of the Portuguese Language spoken in countries which hold this language as official: Brazil, Portugal, Angola, Green Cape, Guinea-Bissau, Mozambique, São Tomé and Príncipe and East Timor. Among the 47 interviews analyzed, 122 occurrences of the *por exemplo* construction were found. The *Written Corpus* was composed of 34 blogs, taken from *blogblog* (available through the website of Globo TV), which had at least one occurrence, with a total of 35 occurrences. The totality of both *por exemplo* constructions found in both corpora was 157 occurrences. The analysis and reflexions carried out have allowed us to conclude that a big part of the constructions is organized so that it can exhibit a general/specific semantic relation, in which we find, in unit A, the most general piece of information, which is then specified in Unit B, corroborating the studies carried out by Costa (2008). Then, it was possible to notice that, among all the rhetorical relations listed by the RST, that of “elaboration” had the same aspects of the general-specific semantic one. This understanding made it possible to assign an equivalence between such relations, indicating that these constructions are more prototypical, be it in relation to those that do not show a general-specific relation as well as those which show two rhetorical relations in the same construction. In the constructions which are said to be more or less prototypical, from the standpoint of the subprinciples of the Iconicity, the form and the function were considered to be harmonic, corroborating the initial intentions of the producer, and allowing for the organization toward an argumentative purpose. Therefore, it is possible to say that the organization of the *por exemplo* constructions is due to the argumentative purpose which will make the producer select one or another strategy (general-specific relationship, rhetorical relationship of elaboration, other rhetorical relationships, focalization) so that interlocutor agrees with a given point-of-view.

Key-Words: *Por exemplo* constructions; Rhetorical Structure Theory; Prototypicality; Iconicity; Functionalism.

LISTA DE QUADROS

QUADRO I: A trajetória da gramaticalização de <i>por exemplo</i>	15
QUADRO II: Definição da relação de elaboração.....	42
QUADRO III: A trajetória da gramaticalização de <i>por exemplo</i>	54
QUADRO IV: Esquema argumentativo de Vieira (2002).....	62
QUADRO V: Construções de <i>por exemplo</i>	72
QUADRO VI: descrição das construções de <i>por exemplo</i>	75
QUADRO VII: Definição da Relação Retórica de Avaliação.....	79
QUADRO VIII: Definição da Relação Retórica de Justificativa.....	86
QUADRO IX: Definição da Relação Retórica de Solução.....	88
QUADRO X: Relação entre presença ou não de relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração.....	89

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Esquema de relação núcleo-satélite.....	39
FIGURA 2: Esquema de relação multinuclear.....	40
FIGURA 3: Esquema de relação multinuclear de Lista.....	40
FIGURA 4: Esquema de relação multinuclear de Sequência	40
FIGURA 5: Esquema de relação multinuclear de Contraste	41

LISTA DE DIAGRAMAS

DIAGRAMA 1: Representação clássica da categorização.....	46
DIAGRAMA 2: Representação da categorização a partir da noção de semelhança de família	47
DIAGRAM 3: Representação da categorização a partir da Teoria dos Protótipos	48
DIAGRAMA 4: Estrutura Retórica de (18).....	70

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA 1: A representação da prototipicidade nas construções de <i>por exemplo</i>	51
ESQUEMA 2: Relação entre presença (ou não) da relação semântica geral-específico e da relação retórica de elaboração e a prototipicidade da construção.....	99
ESQUEMA 3: Esquema argumentativo do conector <i>por exemplo</i>	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. ARCABOUÇO TEÓRICO.....	26
1.1. Uma palavra sobre a aposição.....	27
1.2. A Teoria da Estrutura Retórica (RST).....	36
1.3. Categorização e Protótipos.....	45
1.3.1 A prototipicidade nas construções de <i>por exemplo</i>	50
1.4. Iconicidade.....	52
1.5. A Argumentação.....	58
2 . METODOLOGIA.....	66
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	72
3.1 Um esclarecimento sobre as construções de <i>por exemplo</i>	73
3.1.1 As construções de <i>por exemplo</i>	77
3.2 A prototipicidade nas construções de <i>por exemplo</i>	91
3.2.1 Construções prototípicas.....	93
3.2.2 Construções que se afastam da prototipicidade.....	94
3.2.3 Construções não prototípicas.....	95
3.2.4. Construções menos prototípicas ainda.....	96
3.3 A iconicidade e a força argumentativa nas construções de <i>por exemplo</i>	100
3.4. Um caso residual: a construção “ <i>como por exemplo</i> ”	115
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
ANEXO A - Listagem dos textos do corpus Lusófono.....	130
ANEXO B - Listagem dos blogs.....	141
ANEXO C – Definições das relações na RST.....	142

INTRODUÇÃO

No momento da produção de um texto, principalmente do tipo argumentativo, o produtor tende a utilizar inúmeros recursos e estratégias para que o seu objetivo comunicativo seja alcançado. Um dos recursos de que o produtor lança mão no momento da interação é o uso do conector *por exemplo*. Assim, podemos dizer que o produtor elege o uso desse item se possui a intenção de detalhar, acrescentar e especificar uma informação a fim de convencer o leitor de uma determinada ideia.

Devido à abrangência do tema em questão faz-se necessária a descrição do processo de nossa investigação de *por exemplo*. O trabalho sobre *por exemplo* começou na iniciação científica, na Universidade Federal de Juiz de Fora, com a professora Nilza Barrozo Dias¹. Nessa época, as investigações sobre esse conector faziam parte de um projeto maior sobre enunciados apositivos, denominado “Enunciados apositivos: estatuto sintático, semântico e pragmático”. Nesse projeto, nossa tarefa era encontrar as regularidades dos enunciados apositivos, o que nos levou a constatar que *por exemplo* era um dos conectores mais recorrentes nos dados investigados.

Os dados utilizados nesse período da pesquisa foram amostras de fala do corpus do PEUL², do NURC³ e do PROCON/JF⁴, esse último coordenado pela Professora Dra. Sônia Bittencourt Silveira do Departamento de Letras Clássicas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os dados escritos contaram com os artigos de Roberto Pompeu, publicados na revista *Veja*.

O nosso olhar investigativo em relação ao conector *por exemplo* nos mostrava inúmeras possibilidades de estudo. Assim, partimos para o mestrado em busca de novos comportamentos e funções. Nesse momento, o *corpus* de análise foi constituído por

¹ A professora Nilza Barrozo Dias, atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense/UFF.

² PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua.

O grupo PEUL reúne pesquisadores que se dedicam ao estudo da variação linguística na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro. Adotando uma orientação essencialmente baseada na sociolinguística Variacionista, os pesquisadores que integram o PEUL vêm se dedicando, ao longo de mais de vinte anos, à análise da língua em uso e à sua inter-relação com os aspectos sociais, estruturais e funcionais.

³ NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral culta do Rio de Janeiro.

O acervo do Projeto NURC-RJ do Rio de Janeiro, ora disponível *on-line*, constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Trata-se de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas.

⁴ O Procon (Procuradoria de Proteção e Defesa do Consumidor) é um órgão de defesa do consumidor que possui suas normas regulamentadas pelo Código de Defesa do Consumidor.

entrevistas constantes do Projeto de Conceição de Ibitipoca⁵, coordenado pela professora Teresinha Resende, em amostras do Projeto da Fala Mineira⁶, que tem como coordenadora a Professora Doutora Nilza Barrozo Dias; em transcrições de audiências do Procon⁷ Juiz de Fora, projeto coordenado pela Professora Doutora Sônia Bittencourt. E contamos ainda com amostras de dados escritos: Revista Veja (páginas amarelas⁸ e artigos de Roberto Pompeu⁹); seção de entrevista da Revista Claudia¹⁰ e artigos da Revista Veredas¹¹. Encontramos, em plano sincrônico, diversos papéis desempenhados por *por exemplo* numa construção. Denominamos, então, *por exemplo não apositivo* quando esse item não cumpre as relações semânticas de correferencialidade e geral-específico, possuindo como característica principal a focalização de uma informação anafórica ou catafórica.

Retomando o exemplo de Costa (2008), temos:

(01) Os nativos do português realizam padrões silábicos simples do tipo v e cv no início da aquisição da língua, tal como em estágios lingüísticos pigdnizantes (cf. Hall, 1966; Valdman, 1977; Todd, 1974; Mühläusler, 1986; Holm, 1993, *por exemplo*), razão por que produzem “oto” ao invés de “outro”, “coto” por “biscoito”. (*Enfoques de pesquisa sobre a relação língua e sociedade* – Maria Cecília Mollica. *Veredas*, Vol. 8)

No exemplo (01), verificamos a ausência das relações geral-específico e correferencialidade (parcial). Pudemos perceber que a função primeira, nesse exemplo, é evidenciar uma informação, que, neste caso, são as sugestões de referências bibliográficas.

Foi possível notarmos que a focalização das informações acima dava suporte, sustentação acerca do assunto tratado. Sendo assim, pudemos dizer que a focalização é

⁵ Entrevista 1 – Dona Aparecida; Entrevista 2 – Fabiano; Entrevista 3 – Raquel; Entrevista 4 – Waltembergue

⁶ Entrevista 1 - *Marcela e Cia*; Entrevista 2 - *Tocantins*; Entrevista 3 - *Ponte Nova*

⁷ 1) Audiência Yamaha 2) Audiência Gesso Total 3) Audiência CEF 4) Audiência Bradesco 5) Audiência Bradesco Prev. 6) Audiência Ok Veículos 7) Audiência Saudeplan 8) Audiência Super Gesso 9) Audiência Banco do Suriname 10) Audiência Bradesco Previdencial 11) Audiência Bradesco [1] 12) Audiência Brasimac Aval 13) Audiência Pedreiro [1]

⁸ *Entrevistas páginas amarelas da Veja*: 15 de setembro de 2004; 22 de junho de 2005; 22 de setembro de 2004; 07 de setembro de 2005; 23 de novembro de 2005; 02 de março de 2005; 18 de agosto de 2004; 21 de abril de 2004; 10 de novembro de 2004; 04 de maio de 2005.

⁹ *Artigos de Roberto Pompeu*: 15 de setembro de 2004; 22 de junho de 2005; 22 de setembro de 2004; 07 de setembro de 2005; 23 de novembro de 2005; 02 de março de 2005; 18 de agosto de 2004; 21 de abril de 2004; 10 de novembro de 2004; 04 de maio de 2005.

¹⁰ Revista Cláudia: número 7, ano 45 - 07/2006; número 6, ano 45 - 06/2006; número 10, ano 45 - 10/2006; número 1, ano 45 - 01/2006; número 1, ano 44 - 01/2005; número 4, ano 45 - 04/2006; número 12, ano 41 - 12/2002; número 12, ano 43 - 12/2004; número 6, ano 44 - 06/2005; número 7, ano 43 - 07/2004.

¹¹ Foram analisados os números: 7 (artigos de 1 a 9), 8 (artigos de 1 a 8), 14/15 (artigos de 1 a 10).

uma estratégia argumentativa utilizada pelo autor para convencer o leitor a aderir ao seu ponto de vista.

Além de *por exemplo* não apositivo, pudemos encontrar *por exemplo* **apositivo**, aquele que apresenta as relações de correferencialidade e geral-específico.

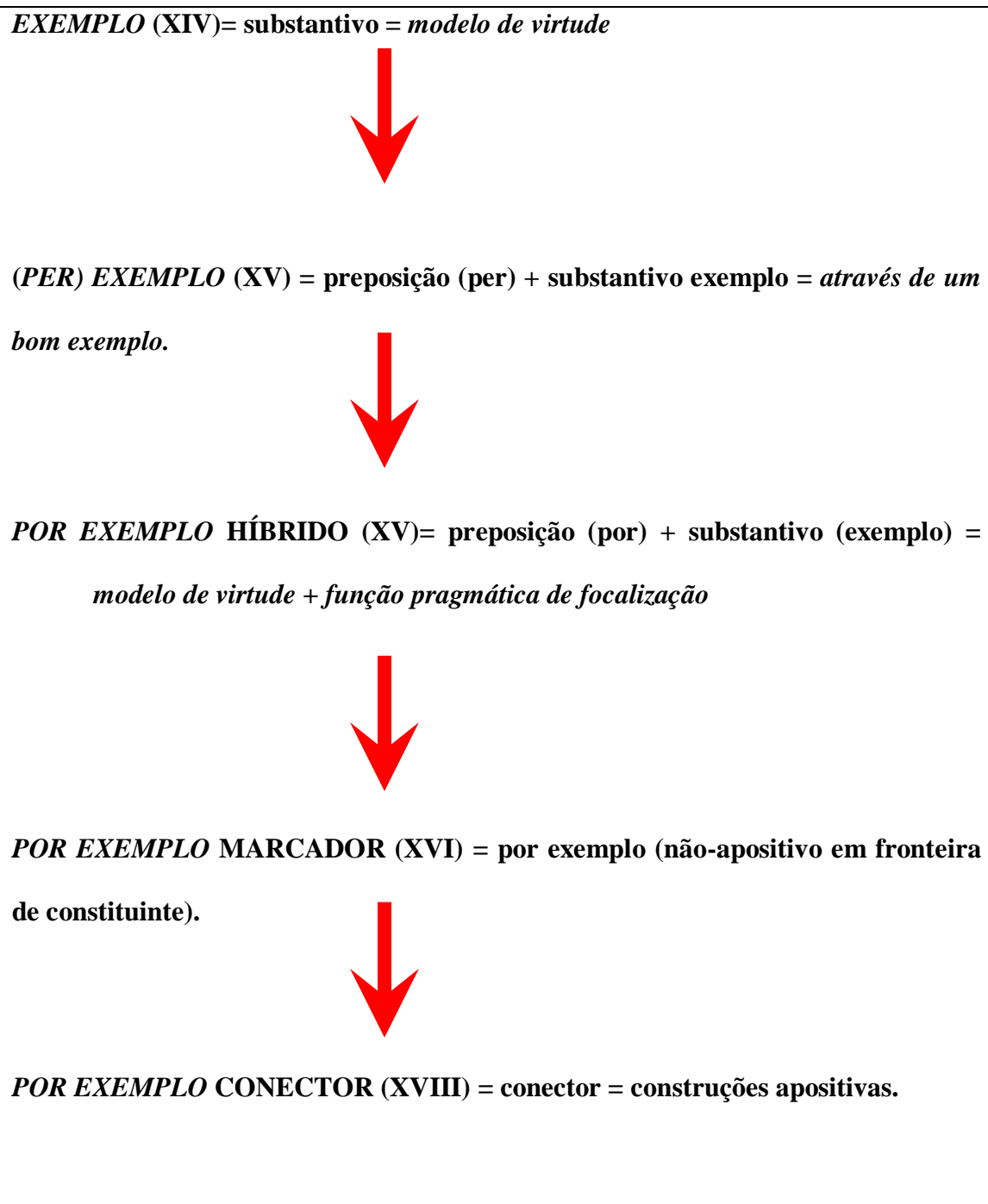
(02) INQ.- Eh...agora vô te perguntá algumas coisas assim sobre:: umas datas e uns lugares pra vê se você cunhece, pra...pra contá alguma história...qualqué coisa que passá, se ocê lembrá e eu não te perguntá você pode falá...***por exemplo, o dia três de maio é o dia da Santa Cruz e::ainda é costume das pessoas daqui irem até o cruzero, nesse dia, pra rezá?*** (Entrevista Raquel/ Corpus de Conceição de Ibitipoca)

No exemplo (02), percebermos, na construção, as relações semânticas de correferencialidade (parcial) e geral-específico. Isto é, o trecho, em negrito, retoma e especifica o que foi dito na unidade base¹² sublinhada. Nesse caso, a função primordial dessa construção é a exemplificação e especificação a fim de sustentar o que fora dito na unidade base.

Descritas algumas funções do conector, passamos à pesquisa diacrônica, no Corpus Informatizado do português Medieval (dos séculos XIV a XX), no Corpus Diacrônico do Português: séculos XIII, XIV, XV, XVII e XX e, ainda, em alguns textos avulsos dos séculos XVI, XVIII e XIX, a fim de justificar as ocorrências encontradas no plano sincrônico. Nessa busca histórica, a primeira forma de *por exemplo*, o substantivo “exemplo”, foi encontrada, primeiramente, no século XIV. Foi somente a partir do século XV que encontramos *por exemplo*, em forma de *per exemplo*. Finalmente, no século XVII, *por exemplo* não apositivo foi encontrado e, no século XVIII, *por exemplo* apositivo.

O quadro, a seguir, mostra o percurso histórico de *por exemplo*, desde o século XIV.

¹² Chamamos de unidade base aquela a qual a unidade apositiva se refere. A noção de “unidade base” será detalhada na metodologia deste trabalho.

Quadro I - A trajetória da gramaticalização de *por exemplo*.

Fonte: Costa (2008)

A partir da investigação diacrônica apresentada, percebemos a importância do estudo da gramaticalização, teoria que contribuiu fundamentalmente para o entendimento do item em estudo, o conector *por exemplo*.

Ainda com muitas questões a serem tratadas, partimos para o doutorado a fim de completarmos os conhecimentos até então restritos à articulação de orações, com o

objetivo de conhecer o funcionamento das construções de *por exemplo* a partir de um outro ponto de vista, que penetrasse o campo da estrutura retórica.

Dessa forma, enveredamos pelo estudo da Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory*), doravante RST, que é uma teoria descritiva, de cunho funcionalista, que tem como objeto o estudo da organização dos textos através da caracterização das relações que se estabelecem entre as partes do texto (Mann & Thompson, 1988). Entendemos que essa teoria poderia esclarecer, em plano hierárquico de análise, a organização textual pretendida pelo produtor, a(s) proposição (ões) relacional (is)¹³ (também chamadas de relações retóricas ou relações de coerência ou relações discursivas, cf. Taboada, 2009) selecionada(s). E, ainda, acreditamos que a RST poderia explicar a equivalência existente entre a função semântica geral-específico e as relações retóricas propostas por essa teoria.

O exemplo a seguir representará as hipóteses elaboradas para o projeto de doutorado e que são levantadas no presente estudo.

(03) Também há elementos árabes em nossa música, como alguns ritmos nordestinos e até o uso do pandeiro. Os números que usamos chegaram ao Ocidente através dos mesmos árabes, que até mostraram o conceito do zero, que não havia na Europa até os séculos XI/XII. Como o tempo foi enorme, os aspectos sociais de todos níveis foram influenciados. *Por exemplo, a palavra “moreno” deriva de mouro, uma denominação também dada aos árabes, e que tem a pele mais escura.* ([http://bloglog.globo.com/rodrigophavanello/\(ator\)](http://bloglog.globo.com/rodrigophavanello/(ator))).

Foi a partir de amostras como o exemplo (03) que construímos a **hipótese da equivalência entre função semântica geral-específico e relação retórica de elaboração**. A unidade apositiva B, em itálico, especifica a unidade base A¹⁴, sublinhada.

Aqui, consideramos a relação semântica geral-específico equivalente à relação retórica de elaboração¹⁵, assim denominada pela RST para caracterizar uma relação que elabora, especifica, adiciona detalhes à unidade anterior. Tal equivalência é percebida no momento da análise da ocorrência, sendo as relações detectadas conjuntamente. Isso ocorre porque desempenham basicamente a mesma função: a unidade B especifica, acrescenta detalhes a fim de que o leitor compreenda da melhor forma possível o que havia sido dito na unidade A, anteriormente.

¹³ A noção de “proposição relacional” será detalhada no arcabouço teórico deste trabalho.

¹⁴ A unidade base e a unidade apositiva são classificadas também como unidade A e unidade B, respectivamente.

¹⁵ Essa e outras relações retóricas serão apresentadas posteriormente no arcabouço teórico deste trabalho.

A ideia inicial da equivalência entre relações, presente no projeto de doutorado, margeou, a todo o tempo, as pesquisas subsequentes. No entanto, no decorrer das análises dos dados, percebemos que nem todas as construções de *por exemplo* apresentavam a equivalência tal como imaginávamos, isto é, nem sempre a relação semântica geral-específico seria equivalente à relação retórica de elaboração, como podemos observar abaixo:

(04) Todos nós sabemos: tem vezes que chorar resolve; **por exemplo:** *quando não quero dormir e convenço a mamãe abrindo um berreiro, ou quando não quero uma determinada comida...e que eu sei que se me empenhar no choro consigo algumas regalias...*
 ...mas tem outras vezes que não adianta; que não tem jeito... vezes quando o objeto desejado está acima do poder de decisão de qualquer pessoa, **por exemplo:** *quando você quer mais sorvete mas acabou o da sua tigela e não tem mais nem no freezer, ou quando vc perdeu a hora brincando com alguma coisa e já passou o desenho que vc queria ter visto... não adianta; tem o sorvete surgir magicamente no freezer, nem como a emissora repetir o desenho só pra vc!*
<http://bloglog.globo.com/luizavaldetaro/> (atriz)

No exemplo (04), nas duas ocorrências, fica evidente a relação semântica geral-específico: na unidade A, a informante generaliza a informação dizendo que “tem vezes que chorar resolve” e, logo após a introdução de *por exemplo*, na unidade B, especifica a informação, mostrando-nos as situações de choro. Conseqüentemente, constatamos também a emergência da relação retórica de elaboração. Ao introduzir a especificação, o produtor do texto elabora, adicionando elementos importantes para que o interlocutor compreenda a mensagem da melhor forma possível. No entanto, ainda é possível detectarmos a emergência de outra relação retórica, a avaliação, também presente no roll das relações retóricas. A autora faz um comentário que avalia, julga as situações do próprio choro. Nesse caso, então, já não é possível falarmos em equivalência entre relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração, pois ambas não são totalmente correspondentes devido à presença da relação retórica de avaliação que entra em competição, disputando o espaço da construção com a relação retórica de elaboração.

A seguir, vamos apontar outro caso em que não é possível encontrarmos a equivalência entre a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração.

(05) -não há nenhum filho que... pode dizer nós vai continuar o meu trabalho.

- [...] pode ser que haja um neto!

-> sim. quem sabe?! [...], talvez mais tarde.

- pois.

-> sim.

- porque é uma pena, não acha que é uma pena perder-se tanto trabalho?

-> [...] sim! se[...], por acaso seria uma pena, mas, olhe, ***por exemplo***, *é da terra, vai ficar aqui na terra.* eu se, quando partir, pronto! adeus borboletas! e adeus coleção! se tiver, eh, alg[...], alguém da minha família que lhe dê continuidade é bom, senão, se [...] vai para o lixo.

(Corpus Lusófono - TÍTULO: Coleccionismo/ Local: Cabo Verde - S. Vicente: 1995)

No exemplo (05), podemos notar a ausência da relação semântica geral-específico na construção de *por exemplo*, tendo em vista que não é possível observarmos, na unidade B, em itálico, uma especificação de uma informação da unidade A, sublinhada. No entanto, ainda é possível percebermos a relação retórica de elaboração, pois a unidade B acrescenta detalhes e informações importantes para a compreensão do leitor.

Nesse caso, não consideramos a relação semântica citada anteriormente, não é possível falarmos em equivalência.

A partir da equivalência (ou não) dessas relações, construímos uma hipótese sobre a prototipicidade das construções de *por exemplo*. Acreditamos que, se há equivalência entre as relações (semântica e retórica), a construção deve ser considerada prototípica, enquanto aquelas que não apresentam a equivalência não devem ser consideradas como tal. Sendo assim, podemos considerar o exemplo (03) como um caso prototípico de construção, enquanto os exemplos (04) e (05) como representantes de casos não prototípicos.

Podemos resumir, da forma que se segue, as hipóteses levantadas até aqui:

Hipótese 1:

- A relação semântica geral-específico é equivalente à relação retórica de elaboração, estando ambas presentes na construção de *por exemplo*, a qual será, na escala da prototipicidade, mais prototípica.

Hipótese 2:

- A relação semântica geral-específico não é equivalente à relação retórica de elaboração, quando, na construção de *por exemplo*, houver outra relação retórica que entra em competição com a relação retórica de elaboração; ou, obviamente, quando a relação semântica geral-específico não estiver presente. Essas características fazem parte das categorias que são consideradas menos prototípicas.

Além da equivalência entre relações semânticas, relações retóricas e prototipicidade, a argumentação é, também, uma estratégia que evidencia a intenção do autor no momento da organização textual. Por isso, levantamos uma terceira hipótese tal como segue:

Hipótese 3

- As construções de *por exemplo* apresentam estratégias e mecanismos argumentativos que o produtor lança mão para atingir o objetivo de persuadir o interlocutor.

O reconhecimento da existência de mecanismos argumentativos nas construções de *por exemplo*, conforme prevê a terceira hipótese, nos leva a tecer algumas considerações sobre a teoria da iconicidade por meio dos subprincípios propostos por Cunha, Costa e Cezario (2003). Tais subprincípios demonstram as relações entre forma e conteúdo presentes nos dados de *por exemplo*, e, assim, facilitam o entendimento das intenções pretendidas pelo produtor.

Com o *subprincípio da quantidade* é possível constatar se nos dados há relação proporcional entre quantidade de informação e quantidade da forma, isto é, acredita-se que quanto maior a quantidade de informação, em uma determinada situação comunicativa, maior a necessidade de elementos para a composição do discurso. Com o *subprincípio da ordenação linear*, é verificado se os termos das construções de *por exemplo* não estão dispostos num período de maneira arbitrária, se realmente existe uma ordem que reflete os interesses pretendidos pelo produtor. E, também, com o *subprincípio da integração* é investigado se os conteúdos cognitivamente interligados tendam a ser sintaticamente interligados.

Entre as ocorrências das construções de *por exemplo*, encontramos:

(06) Se tem uma coisa que não sou é arroz de festa. Pra mim, festa só se for na minha casa, desde que ela não passe da sala de visitas e, sob nenhuma hipótese, chegue à cama. Sou conservador, católico praticante, amante da paz e defensor da família... O que fica bem claro nas novelas que escrevo, nas quais só terá adultério se não houver nenhum outro jeito de agitar as tramas. **Por exemplo:** “*Senhora do Destino*” foi a mais família de todas as novelas, e é a isso que atribuo o fato dela ser a recordista de audiência do milênio. “*Deus, Família, Educação*”: este podia ser o meu lema. E se por acaso meu estandarte lembra alguma coisa, **sorry:** mas nesse mundo de esquerda fundamentalista e enlouquecida, que faz da mentira deslavada uma filosofia de vida, quem ainda ousa defender a civilização cristã ocidental é a direita). <http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/> (escritor)

Para entendermos a relação entre forma e função proposta pela teoria da Iconicidade, é necessário verificarmos o caráter da construção exibida em (06). Para isso, verificaremos se é mais ou menos prototípica, a partir da presença ou não das relações semântica e retóricas.

É possível constatarmos, de forma muito clara, no exemplo (06), a relação semântica geral-específico, pois o trecho da unidade B, “*Por exemplo: “Senhora do Destino” foi a mais família de todas as novelas*”, especifica o que havia sido dito na unidade A. E, conseqüentemente, afirmamos que há relação retórica de elaboração, pois o autor ao especificar, na unidade B, também adiciona informações e detalhes ao que havia sido dito, na unidade A. Essas constatações nos mostram que tal ocorrência pode ser considerada prototípica. Tais considerações interferem no estudo da relação forma e função das construções, pois as funções encontradas estão diretamente relacionadas à seleção dos mecanismos argumentativos e quantidade de forma utilizada. Segundo Decat (2004), as formas que as estruturas da língua assumem são um reflexo da função que exercem num contexto retórico particular.

No exemplo (06) acima, a construção apositiva introduzida por *por exemplo*, é representada por diversos mecanismos argumentativos, dentre eles: generalizações e especificações e também a relação retórica de elaboração. Esses mecanismos são representados, nesse caso, por vários elementos que tendem a construir uma grande força argumentativa com vistas à defesa do ponto de vista do produtor e, conseqüentemente, entendimento pleno da estrutura pelo leitor:

(**Por exemplo:** “*Senhora do Destino*” foi a mais família de todas as novelas, e é a isso que atribuo o fato dela ser a recordista de audiência do milênio. *Deus, Família, Educação*”: este podia ser o meu lema. E se por acaso meu estandarte lembra alguma coisa, **sorry:** mas nesse mundo de esquerda fundamentalista e enlouquecida, que faz da

mentira deslavada uma filosofia de vida, quem ainda ousa defender a civilização cristã ocidental é a direita.

Agora, veja o exemplo (07).

(07) - mas isso é a m[...], a curto ou médio prazo. a longo prazo, o que eu gostaria de saber é, é se tem ideia de que vai ser o seu futuro. se vai continuar como costureira, se vai abrir outras filiais, que, que ideias é que tem de, que perspectivas de futuro é que tem? ideias de futuro, eh, que tenho é de progredir. e se no caso conseguir progredir, arranjar outras filiais! *não só no local onde estou mas noutras partes, fazer, **por exemplo**, fazendo pronto-a-vestir, eh, e, e como o pronto-a-vestir também que serve muito bem para o nosso país e com isso tudo não, eu sozinha não poderei, eh, trabalhar, mas é, é com, como disse atrás, que com a, com as outras pessoas podia dar a nossa contribuição.* (Corpus Lusófono TÍTULO: Costureira de Sucesso/Local: S.Tomé e Príncipe - S. Tomé: 1996)

Diferentemente do exemplo (06), no exemplo (07), percebemos a ausência da relação semântica geral-específico. Sendo assim, temos, aqui, um caso de *por exemplo* não apositivo. O informante apresenta algumas ideias de futuro que possui: “não só no local onde estou mas noutras partes, fazer, **por exemplo**, fazendo pronto-a-vestir, eh, e, e como o pronto-a-vestir também que serve muito bem para o nosso país e com isso tudo não(...)”; no entanto, não há generalizações e especificações, ou seja, o autor não utiliza esse mecanismo como estratégia de argumentação. Em contrapartida, a estratégia de elaboração é utilizada, pois o autor acrescenta detalhes àquilo que havia sido dito. Além desse mecanismo, ele lança mão da focalização, ao introduzir *por exemplo* entre fronteira de constituintes V...Co originando uma focalização catafórica. Dessa maneira, os elementos “fazendo pronto-a-vestir” são enfatizados, cumprindo a intenção inicial do autor do texto.

Quanto à relação forma e função, discutida pela teoria da Iconicidade, vale dizer que, mesmo que o exemplo acima não apresente a relação semântica geral-específico e, sim, outros mecanismos de argumentação, podemos perceber que a quantidade de informação é relativamente proporcional à quantidade de forma. Ou seja, quanto maior a necessidade de argumentação, maior a quantidade de estratégias utilizadas para justificar essa argumentação. Isso parece ocorrer, conforme os exemplos dados mostraram, tanto em construções apositivas quanto em construções não apositivas. No entanto, resta saber se isso constituirá uma regularidade nas construções de *por exemplo*, o que o presente trabalho procura mostrar.

Além do *subprincípio da quantidade*, podemos observar, ainda, o *subprincípio da ordenação linear* que prevê o modo como os constituintes estão dispostos em uma

construção. A posição do *por exemplo* em uma construção não ocorre de forma arbitrária e, por isso, revela a intenção do falante. No exemplo (07), *por exemplo* em posição final de período tem a função primeira de estabelecer uma focalização; nessa posição, o conector já perdeu a função apositiva (relação semântica geral-específico), o que não ocorre no exemplo (06), em que o item estudado apresenta-se em posição inicial e destituído de todas as funções apositivas.

Vale ressaltar ainda o *subprincípio da integração*, último subprincípio descrito por Cunha, Costa e Cezario (2003). Nesse caso, é possível notarmos que o termo *por exemplo* tende a aproximar-se daquele termo a que se refere. Isto é, no exemplo (06), *por exemplo* refere-se ao termo subsequente “Senhora do Destino”, considerado, pelo produtor, como principal, pois é esse termo que é lançado imediatamente após o conector *por exemplo*, representando, dessa forma, o elemento chave no momento da argumentação. Já no exemplo (07), o item *por exemplo* refere-se ao elemento posterior “fazendo pronto-a-vestir”, que nesse caso, é acrescentado como elemento exemplificador e, por isso, focalizado no momento argumentativo. Isso acontece porque, segundo tal subprincípio, os conteúdos mais próximos cognitivamente estão mais integrados – mais próximos sintaticamente – na codificação linguística.

Problematizadas as questões acerca das construções de *por exemplo*, especificamos, a seguir, os objetivos deste trabalho.

Como **objetivo geral**, o presente trabalho procura investigar a maneira como as construções de *por exemplo* se articulam com as porções de texto em que elas se inserem, visando a organização geral do texto.

Como **objetivos específicos**, propusemos a investigação das ocorrências de *por exemplo* a partir da interação entre as funções semânticas apresentadas pela articulação de cláusulas e as relações retóricas, postuladas pela RST. De acordo com Decat (2010, p.167), “funções semânticas, exibidas pela articulação entre orações, num nível micro de organização textual, podem ser equivalentes às relações retóricas consideradas num nível macro da organização do discurso”. Esses princípios da RST forneceram subsídios teórico-metodológicos para interpretação e análise de novas funções de *por exemplo*. Dessa forma, a equivalência entre funções semântica e retórica permitiu a identificação do nível de prototipicidade da construção. Sendo assim, seriam mais prototípicas aquelas que apresentassem a equivalência entre as relações anteriormente mencionadas e menos prototípicas aquelas que não apresentassem tal equivalência. Ainda podemos

dizer que este estudo teve a finalidade de verificar a relação entre forma e função, isto é, a relação entre a quantidade de argumentos utilizados para construir a argumentação e a função (mecanismos argumentativos) exercida pela construção.

De acordo com Butler (2003), a relação de correspondência entre forma e função é possível, já que existem fatores (fatores de pressão) que atuam sobre a língua e que dão forma às expressões linguísticas. Dentre esses fatores, é relevante aos objetivos deste trabalho o princípio da não arbitrariedade, segundo o qual há algum grau de similaridade entre a forma e o conteúdo das expressões linguísticas.

Assim sendo, resumem-se os **objetivos específicos** deste trabalho em:

1. investigar a existência de relações semânticas e retóricas nas construções de *por exemplo*;
2. descrever, nas construções de *por exemplo*, a possível correspondência entre a relação semântica geral-específico e as relações retóricas estabelecidas pela RST;
3. averiguar, no contexto de organização do discurso em que ocorrem as construções de *por exemplo*, a existência de correspondência entre forma (estruturas) e função.

O desenvolvimento desta pesquisa envolveu a análise de construções de *por exemplo* ocorridas em dados que fazem parte de diferentes variedades do português falado, extraídos do *Corpus Lusófono*¹⁶. E, também, análise das construções de *por exemplo* em textos escritos, de cunho pessoal, coletados de *blogs* do site *www.blogglobo.com*.

A escolha desses dados ocorreu a partir do caráter argumentativo que esses *corpora* possuem. O *Corpus Lusófono* constitui-se de entrevistas realizadas com pessoas de diferentes regiões do mundo cuja língua oficial é o português¹⁷. Essas entrevistas apresentam um cunho argumentativo forte e, por isso, foi detectada a alta recorrência do conector *por exemplo*. Os *blogs* analisados são relatos pessoais, que, muitas vezes, apresentam uma opinião e defesa de ponto de vista sobre um determinado assunto do interesse do autor, como reflexões sobre a vida pessoal ou sobre a vida profissional.

¹⁶ O Corpus Lusófono está disponível em:
http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php

¹⁷ O detalhamento do corpus de análise de dados é dado no capítulo de metodologia.

Levando em consideração o caráter dos *corpora* selecionados para fazer parte desta pesquisa, vale mencionar que compreendemos a relevância de uma abordagem variacionista para as pesquisas em âmbito geral. No entanto, acreditamos que as investigações em torno das construções de *por exemplo* - que visam, de maneira geral, observar e descrever as relações que emergem a partir das porções de texto, encontrando, dessa forma, coerência na leitura dos dados e, ainda, identificar novas funções a partir do posicionamento de *por exemplo* - independem do estudo da variação linguística.

Nesse sentido, de acordo com o funcionalismo, foi fundamental e justificou-se a realização de uma pesquisa que procurasse comprovar as regularidades no uso de estruturas em que ocorre a expressão *por exemplo*, ou seja, constatar, de forma efetiva, se a organização dessas construções ocorre, realmente, na equivalência entre as funções semânticas e as relações retóricas presentes no segmento *por exemplo*, comprovando a relação entre forma e conteúdo, prevista pelo princípio da Iconicidade e, também, a prototipicidade das construções de *por exemplo*.

Além desta Introdução, o trabalho apresenta quatro capítulos, da forma explicitada a seguir.

No capítulo 1, apresentamos o aporte teórico que orientou todo o estudo até então realizado. Nessa fundamentação teórica, foi importante o estudo da RST, que promove o entendimento sobre as partes do texto e como essas se organizam. O estudo sobre prototipicidade nos orientou, na análise dos dados, a classificar o que era mais ou menos prototípico. O estudo sobre iconicidade esclareceu a relação entre forma e conteúdo e, por fim, o estudo sobre argumentação foi importante para entendermos a força argumentativa de cada construção analisada.

No capítulo 2, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na realização do trabalho, mostrando passo a passo a constituição dos *corpora* e justificando a escolha de tais dados, bem como os procedimentos de análise.

No capítulo 3, as construções de *por exemplo* foram analisadas por partes, de acordo com parâmetros determinados a partir do arcabouço teórico utilizado.

E, ainda, desenvolvemos uma seção denominada “Um caso residual: *como por exemplo*”, que apresenta um breve estudo sobre a construção “*como por exemplo*”. Essa construção ocorreu nos dados, embora não seja foco de análise deste trabalho. No entanto, faz-se importante registrar a tal ocorrência para entendermos que os produtores de texto, em muitas situações comunicativas, acrescentam a partícula *como* ao conector

por exemplo, talvez por acreditarem que dessa forma ampliarão o significado de exemplificação e com isso atingirão de forma mais bem sucedida seu objetivo: o convencimento.

Finalmente, são feitas as Considerações Finais, em que apresentamos as conclusões do trabalho.

Constam, ainda, desta tese três anexos. O primeiro deles traz a relação das entrevistas selecionadas do Corpus Lusófono, o segundo traz a relação dos *blogs* utilizados e, por fim, o anexo três que traz o quadro das relações retóricas, propostas pela RST.

1. ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo, apresentaremos as teorias que sustentam as análises em torno das construções de *por exemplo*. Sendo assim, primeiramente trataremos das construções de *por exemplo*, mostrando como são constituídas, isto é, quando são apositivas ou não apositivas e demonstrando a importância da maleabilidade posicional nessas construções.

Esclarecidos alguns pontos importantes sobre as construções de *por exemplo*, dedicamos uma seção à apresentação da Teoria da Estrutura Retórica. Essa teoria permitiu-nos compreender as porções de texto das construções analisadas e conseqüentemente, a organização textual (estrutura hierárquica) intencionada pelo produtor, o que nos orientou na leitura dos dados.

Paralelamente ao estudo da RST, ainda no aspecto da organização textual, buscamos algumas respostas para as construções de *por exemplo* no estudo sobre iconicidade. Foi a partir dessas investigações que passamos a compreender que a forma apresentada nas construções de *por exemplo* está a serviço da função. Isto é, a organização/hierarquia nas construções de *por exemplo* vai depender da intenção do produtor.

Uma outra seção contempla uma exposição sobre alguns aspectos da argumentação, uma vez que, nas construções de *por exemplo*, essa foi a principal função encontrada. Sendo assim, ao organizar uma construção que envolva o conector *por exemplo*, o produtor, na maioria das vezes, possui a intenção de argumentar sobre um determinado ponto de vista. No entanto, observamos que essa argumentação varia (de acordo com a força argumentativa) de construção para construção, dependendo da finalidade intencionada.

E, ainda, não poderíamos deixar de apresentar uma seção sobre prototipicidade, pois um dos aspectos da análise procura mostrar o que é, dentre as construções de *por exemplo*, mais ou menos prototípico, a partir dos atributos selecionados para tal caracterização.

1.1 Uma palavra sobre a aposição

A aposição foi tema da pesquisa que realizamos em (2008). Nessa época, constatamos que as construções apositivas de *por exemplo* são constituídas por duas unidades: base (A) e apositiva (B). A unidade apositiva (B) é aquela responsável por detalhar, adicionar informações e especificar a unidade base (A). Essa noção é de extrema importância para o presente estudo, pois foi a partir dela que elaboramos os princípios fundamentais desta pesquisa, como a questão da equivalência entre as relações geral-específico e relação retórica de elaboração e a prototipicidade das construções de *por exemplo*.

De acordo com Costa (2008), quando o conector *por exemplo* possui a função apositiva, interliga unidade base e unidade apositiva, podendo ocorrer em diferentes posições na construção. Segundo a autora, é mais frequente uma construção apositiva (construção em que a relação geral-específico está presente) ser representada por *por exemplo* inicial, encabeçando uma unidade apositiva. As outras posições ocorrem de forma menos sistemática; no entanto, vale dizer que é possível encontrarmos *por exemplo* apositivo em *posição medial*, após sintagma introdutor de aposição e, também, nas fronteiras de constituintes “...-sujeito” e sujeito-verbo; verbo-complemento e fronteira final.

A partir das análises dos dados do presente trabalho, constatamos que a posição inicial de *por exemplo* em uma construção apositiva não prevalece nos dados orais, pois das 122 ocorrências orais, apenas 21 apresentam *por exemplo* iniciando construção apositiva; e nem mesmo nos dados escritos, porque das 45 ocorrências escritas, apenas 14 encabeçam unidade apositiva. Nesses dados analisados, encontramos, na maioria das construções apositivas, *por exemplo* em posição medial ou em fronteiras de constituintes.

Vejam os exemplos a seguir que constata o que foi dito acima:

(08) hoje à volta da cidade do Huambo, ess[...], à volta da cidade do Bié, praticamente o terreno está completamente despido de vegetação. e v[...], nota-se de avião quem chega, não é, eh, porquê? era até, as populações locais iriam até onde podiam ir. Ainda ontem, **por exemplo**, de Saurimo, nós saímos da cidade de Saurimo, que é uma cidade pequenina, mas onde existem, neste momento, vinte ou trinta mil desem[...], eh, desempregados, portanto, pessoas refugiadas e, a toda à volta de Saurimo, pelo menos num raio de dez a vinte quilómetros não há vegetação, não há árvores. árvores todas foram destruídas. só a partir daí depois é que se começa a ver outra vez a floresta. (Corpus Lusófono - TÍTULO: A Guerra e o Ambiente/ Local: Angola – Luanda: 1997)

No exemplo (08), o conector *por exemplo* ocorre depois de um sintagma introdutor de aposição “Ainda ontem”.

Já nos dados escritos, para comprovar o que foi dito, temos:

(09) Vilões são uma peça vital na estrutura de uma história que está sendo contada. É ele que vai gerar o conflito que vai dar pulsão à trama, normalmente vencendo todos os duelos para, no final, perder para o herói. Não é estranho quando um vilão rouba a cena, sendo muito mais charmoso e carismático que o "mocinho". Ou quando o próprio vilão é o protagonista, muitas vezes na imagem de anti-herói, ou muitas vezes como o mau mesmo, como é, **por exemplo**, o caso de “Bonnie & Clyde” ou do recente (e ótimo) “Meu Malvado Favorito”. A história da literatura e das artes nos brindou com maravilhosos(as) vilões(ãs): Moby Dick, Darth Vader, Capitão Gancho, Hannibal Lecter, Maria de Fátima e Odete Roitman, Blanche Hudson, Coringa, Iago, Drácula, Cruela, Mr. Edward Hyde, Tubarão, entre tantos outros. <http://bloglog.globo.com/nizoneto/> (ator e comediante)

No exemplo (09), *por exemplo*, em fronteira de constituinte verbo/complemento, introduz unidade apositiva.

Quando não apositivo, *por exemplo* perde as relações semânticas apositivas, apresentando apenas a função focalizadora de informação. Percebe-se que, nesse caso, as funções da segunda unidade são a exemplificação, enumeração e, principalmente, a focalização, enquanto em *unidades apositivas* ocorrem as funções de especificação (a partir da identificação da relação semântica geral-específico) e de correferencialidade parcial. (COSTA, 2008)

A compreensão dos dados apositivos requer uma análise mais aprofundada dos estudos realizados em torno da aposição. Dessa forma, Halliday (1985) descreve a aposição como um tema complexo, mas que poderia ser definida como uma relação lógico-semântica entre duas unidades, sendo que a unidade apositiva desenvolve a outra, expandindo o significado da primeira, clarificando a informação e, até mesmo, adicionando detalhes.

Segundo Costa (2008), Meyer (1992:39) corrobora tais assertivas de Halliday (1985), acreditando que a delimitação de fronteiras para as ocorrências da aposição é muito complexa, pois há um caráter gradual nesse processo. Para orientar a definição de aposição, Meyer (1992) utiliza critérios formais para definir as relações mais e menos centrais.

Como parte do processo de delimitação de fronteiras daquilo que é ou não apositivo, o autor classifica as construções através de características sintáticas e semânticas. Quanto aos traços sintáticos, a aposição é uma **construção** definida como duas unidades dotadas de formas sintáticas variadas: sintagmas nominais, orações, sentenças e unidades maiores que a sentença. Dentre os *corpora* analisados, Meyer (*op. cit.*) admite a grande recorrência dos sintagmas nominais, demonstrando que pelo menos uma unidade dentro da construção apositiva representa essa categoria.

Assim como Meyer (1992), levamos em consideração a aposição como uma **construção**, já que os dados apositivos de *por exemplo* mostram que a aposição é mais do que uma relação entre orações, é uma **construção**, composta de unidades linguísticas menores. Segundo o conceito da *Escola de Praga*, a noção de construção pode ser entendida como:

“as unidades do plano inferior que tenham por função “construir” as unidades do plano superior, e que as unidades do plano superior sejam compostas de unidades do plano inferior, podendo assim as unidades do plano inferior serem classificadas de acordo com a sua função nas unidades do plano superior” (VILELA,1999:18).

Ainda em ambiente sintático, Meyer (1992:40-41) destaca a *gradualidade das construções apositivas*: é possível distinguir aquelas construções que são mais apositivas, denominadas aposições centrais, daquelas que são menos apositivas, denominadas aposições periféricas.

Alguns critérios, baseados na (in)dependência estrutural das unidades, são propostos pelo autor, para que seja possível verificar se as construções são centrais ou se são periféricas:

- (i) A primeira unidade da aposição pode ser apagada;
- (ii) A segunda unidade da aposição pode ser opcionalmente apagada;

(iii) As unidades da aposição podem ser permutadas.

Corroborando as ideias de Meyer (1992), as construções analisadas, neste trabalho, que obedecerem ao maior número desses princípios serão denominadas *centrais*, enquanto as construções que não satisfizerem aos princípios representados serão chamadas *periféricas*.

Vejam, a seguir, o exemplo que discute o que foi dito acima.

(10) Muita gente reclama que essa história de Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças etc, é puro comércio. Que dia das Mães é todo dia e coisa e tal... Eu concordo, mas é que a gente não acorda todo dia pensando assim, então tem um dia separado pra isso. Pro homenageado (pai, mãe, criança, médico, professor, etc) se sentir especial. Alguns “Dia de”, no entanto, são um pouco estranhos mesmo... *Por exemplo, hoje é o dia Mundial do Rock. Como se as pessoas acordassem e dissessem: “opa, hoje é o dia do rock, então tenho que ouvir muito rock!”* Já pensou se essa moda pega? Dia internacional de música sertaneja; Dia internacional do Pagode. Melhor nem dar idéia... (<http://bloglog.globo.com/rosanaferrao/> (publicitária e escritora))

Com base na visão de Meyer (1992), a construção apositiva em destaque acima (Alguns “Dia de”, no entanto, são um pouco estranhos mesmo... *Por exemplo, hoje é o dia Mundial do Rock. Como se as pessoas acordassem e dissessem: “opa, hoje é o dia do rock, então tenho que ouvir muito rock!”*) é considerada central na escala de prototipia, pois atende a todos os requisitos (i), (ii) e (iii) para ser considerada como tal.

Dessa forma, a primeira unidade da aposição, sublinhada, pode ser apagada; a segunda unidade da aposição, em itálico, pode ser opcionalmente apagada e, por fim, podemos perceber que as duas unidades em destaque podem ser permutadas.

Já com o exemplo (11), abaixo, não ocorre o mesmo.

(11) porque este jornalismo de andar a correr na rua a saber as coisas, a ver, a ver às vezes incorrectamente, e a vir para o jornal a correr e dar a notícia e tudo isso, eu acho uma coisa tremenda

- pois.

-> e fatigante. ao passo, você não pode imaginar o que foi, *por exemplo*, o levantamento da Hungria. (Corpus lusófono - TÍTULO: Homens e Bichos/ Local: Portugal - Castro Verde, Beja: década de 70).

A construção apositiva acima é considerada periférica na escala de prototipia de Meyer (1992), pois não atende a todos os critérios estipulados. Dessa forma, a primeira unidade da aposição, sublinhada, não pode ser apagada e a segunda unidade da aposição, em itálico, também não pode ser apagada e, ainda, podemos dizer que as duas unidades, em destaque, não podem ser permutadas.

Vale dizer que Meyer (1992) classifica a aposição de acordo com os traços de permuta e supressão. O autor, então, julga como central quando as construções apositivas são consideradas semelhantes às estruturas coordenadas. No entanto, Nogueira (2009), que considera o estudo da aposição a partir da teoria dos protótipos, argumenta que as aposições são mais periféricas ou mais centrais devido à semelhança semântica entre as unidades apositivas e não porque as unidades apositivas são coordenadas.

Em relação aos aspectos semânticos da construção apositiva, de acordo com Costa (2008), Meyer (1992) aponta que é possível considerar a aposição como duas unidades correferenciais. Segundo o autor, a correferencialidade ocorre quando as duas unidades da aposição se referem “ao mesmo pedaço da realidade”, podendo dar-se de forma estrita, quando as unidades são estritamente correferenciais. Nesse caso, há uma estrita conexão entre o significado das unidades e os referentes no mundo externo a que eles referem e, também, há a correferência do ponto de vista do falante, quando os significados das unidades não são semelhantes, no entanto, a intenção do falante faz com que as unidades possuam o mesmo referente extralinguístico.

No entanto, vale dizer que nem todas as construções consideradas apositivas são correferenciais:

“(...) restringir a relação da aposição a apenas essas construções cujas unidades são correferenciais limita severamente o número de construções que podem ser admitidas como aposições (...)”¹⁸ (MEYER, 1992:57)¹⁹.

Dessa forma, podemos dizer que, mesmo não havendo correferencialidade estrita entre os elementos, as construções são analisadas como apositivas, o que parece indicar que a correferencialidade não é condição necessária para a existência de aposição.

Por isso, Meyer (1992) propõe as *relações semânticas referenciais* (correferência, parte/todo, referência catafórica) e *não-referenciais* (sinonímia, atribuição e hiponímia) como a melhor alternativa para garantir que construções distintas sejam classificadas como apositivas.

Meyer (1992:61) argumenta que, em aposições cujas unidades são correferenciais, existe uma exata correspondência entre as unidades e seus referentes; no entanto, em outras aposições, não há exata correspondência entre as unidades e seus referentes. É o que ocorre em aposições que apresentam a relação semântica denominada por Lyons (1977) de *parte/todo*, na qual a segunda unidade é incluída na referência da primeira unidade.

Na análise realizada por Costa (2008), todas as ocorrências apositivas de *por exemplo* revelam a relação semântica parte-todo – que a autora chama de geral-específico.

Levando em consideração os aspectos discutidos acima (construção, gradualidade, correferencialidade), foi demonstrado em Costa (2008) que a *construção apositiva* é composta por **duas unidades**: unidade (A) base e unidade (B) apositiva, sendo que ambas, na maioria das ocorrências, são constituídas sintaticamente por *várias orações ou sintagmas nominais* (duas ou mais, daí o nome unidade).

¹⁸ “(...) to restrict the relation of apposition to only those constructions whose units are coreferential severely limits the number of constructions that can be admitted as appositions (...)”.

¹⁹ Essa e outras traduções constantes no presente trabalho são de minha inteira responsabilidade.

(12) A limitação deste modelo adotado pela maioria dos dicionários e glossários jurídicos reside em não considerar outros fenômenos (pragmáticos, lingüísticos e cognitivos) tipicamente relacionados ao discurso. *Por exemplo: o fenômeno da alta frequência da co-ocorrência de termos padronizados como fator de coesão quando associados semanticamente a outros termos através dos vários tipos de sinonímia e da colocação, independentes da sua forma ou função gramatical.* (A representação semântica dos multinomes jurídicos em inglês – Celina Frade. *Veredas*, Vol.8)

No exemplo (12), Costa (2008) já havia percebido a existência das unidades da aposição: a unidade A, sublinhada, e a unidade B, em itálico, compõem a construção apositiva acima.

Lembramos, ainda, que, segundo Costa (2008), o conector *por exemplo*, caracterizado por sua mobilidade, pode ser encontrado em posição inicial, medial, após um sintagma introdutor de aposição e posição final e, ainda, nas fronteiras de constituintes “...-sujeito” e sujeito-verbo; verbo-complemento da construção, constituindo a relação semântica de **correferencialidade parcial**²⁰, em que a unidade apositiva, introduzida por *por exemplo*, retoma e elabora um elemento (sintagma nominal, oração(ões), ou todo o período) da unidade anterior. Simultaneamente a tal correlacionalidade parcial, percebe-se a relação semântica **geral-específico**, compreendida como uma relação referencial existente entre um lexema mais geral e um lexema mais específico - Lyons (1980). Isto é, adaptando a proposta de Lyons (1980), em uma construção apositiva, a unidade base expressa o assunto de forma generalizada, enquanto, na unidade apositiva, o assunto é especificado.

No exemplo (12) acima, podemos perceber as relações semânticas que emergem da construção apositiva, pois, na unidade base, encontramos o tema exposto de forma generalizada: “A limitação deste modelo adotado pela maioria dos dicionários e glossários jurídicos reside em não considerar outros fenômenos”. Logo, na unidade apositiva, com a introdução de *por exemplo*, ocorre a especificação do tema: “*Por exemplo: o fenômeno da alta frequência da co-ocorrência de termos padronizados como fator de coesão (...)*”

Devido à relação semântica geral-específico apresentada anteriormente, a *correferencialidade é parcial* e pode ser observada através do seguinte fragmento da

²⁰ Na literatura linguística, a correlacionalidade foi a relação semântica mais importante para a definição de aposição, porém, não se devem excluir as outras relações, tão importantes para o reconhecimento de construções apositivas: *todo/parte* e a relação *catafórica*. E, ainda, aquelas relações semânticas não-referenciais, menos recorrentes, como: a *sinonímia*, as aposições *atributivas* e a relação *hiponímica*.

unidade apositiva: “*Por exemplo: o fenômeno da alta frequência da co-ocorrência*” que retoma e expande o significado de: “(...) reside em não considerar outros fenômenos(...)”.

Além dessas considerações, podemos dizer que o exemplo (12) pode ser considerado uma construção apositiva prototípica, nos termos de Meyer (1992), já que atende aos três requisitos da gradualidade. Esse caso encontrado representa a aposição como **construção**, constituída de unidade base (sublinhada) e unidade apositiva (em negrito) que são compostas por unidades linguísticas ainda menores (formadas por várias orações, estabelecendo unidades).

Analisando de forma mais minuciosa, é possível perceber, ainda, no exemplo (12), que a unidade apositiva se materializa de forma *desgarrada*, e o conector *por exemplo* é a manifestação sintática da função de destaque, que atribui um grande realce para aquilo que vai ser dito. De acordo com Decat (2004), as desgarradas são ocorrências sintaticamente independentes, que possuem informações isoladas do conjunto informacional. Para definir “informação”, a autora fundamenta-se na noção de unidade informacional, dada por Chafe (1980) que denomina unidade informacional como sendo constituída por blocos ou jatos de informações que correspondem a toda informação que pode ser manipulada pelo falante.

De acordo com Decat (2004), é a necessidade de reforçar um ponto de vista, de dar realce, ênfase a um determinado aspecto que leva o produtor a utilizar a estratégia do *desgarramento*. Ou seja, é a maneira que o produtor encontra de alertar o leitor para uma informação que não pode passar despercebida. A autora ainda mostra que o desgarramento é uma necessidade de destacar, focalizar informação em função da **argumentação**.

A constatação de Decat (2004) é pertinente na aplicação aos dados analisados por Costa (2008), pois, como esclarecido no exemplo (12), a unidade apositiva (“desgarrada” por um ponto final e introduzida por *por exemplo*) insere função argumentativa, na qual a *posição (ponto de vista, ideia do falante)* é representada pela unidade base e a *sustentação*, argumentação utilizada pelo falante para sustentar o ponto de vista/ideia apresentado(a), é realizada pela *unidade apositiva*.

Assim como no exemplo (12), analisado por Costa (2008), o exemplo (13), dado que faz parte da presente pesquisa, comprova a discussão acima.

(13) A Terra trabalha sempre em favor da produção e da reprodução da vida, articulando os aspectos físicos, químicos e biológicos nesse sentido. A Terra mantém o equilíbrio dos elementos físico-químicos de uma forma tão sutil e inteligente que só mesmo um organismo vivo poderia manter. *Por exemplo, o nível de oxigênio da Terra é de 21% há milhões; pois, se ele subisse para 25, não poderíamos sequer acender um fósforo que tudo iria pelos ares; e se caísse para 15, morreríamos por falta de oxigênio.* <http://bloglog.globo.com/jeanwyllys/> (escritor)

Podemos perceber a relação geral-específico no exemplo (13) acima, quando a unidade apositiva (B), em itálico, especifica, exemplifica e adiciona detalhes à unidade base (A), sublinhada. O fragmento *Por exemplo, o nível de oxigênio da Terra é de 21% há milhões (...)* retoma (presença da correferencialidade parcial), especifica, detalha e exemplifica a afirmativa anterior: “A Terra mantém o equilíbrio dos elementos físico-químicos de uma forma tão sutil e inteligente que só mesmo um organismo vivo poderia manter”.

Assim como no exemplo (12), o (13) é considerado um exemplos prototípico de aposição, de acordo com os requisitos de gradualidade propostos por Meyer (1992).

Além disso, notamos também que ambos focalizam a unidade apositiva por meio do desgarramento. Tanto no exemplo (12) como no exemplo (13), os autores tornam a unidade apositiva sintaticamente independente da unidade anterior, como estratégia argumentativa.

Vale dizer que o estudo realizado por Meyer (1992) sobre construções prototípicas foi muito bem vindo no trabalho realizado por Costa (2008), pois, nessa pesquisa, o foco era a articulação de orações; portanto falar em pertencimento à determinada categoria a partir de traços sintáticos e semânticos fazia sentido. De acordo com Nogueira (2009), a abordagem clássica classifica uma determinada construção por meio de traços (sintáticos e semânticos), sem levar em consideração a interferência da subjetividade. Ou seja, serão consideradas prototípicas aquelas construções que apresentarem os traços determinados pela teoria enquanto outras não serão consideradas prototípicas por não apresentarem tais traços.

Em contrapartida, o presente estudo investe na investigação da organização das porções de texto, levando em consideração certo nível de subjetividade por parte do analista, ou seja, o que pertence ou não a uma determinada categoria deixou de ser claro e objetivo. Agora, as construções são analisadas de modo subjetivo, levando em consideração a interpretação do analista; por isso, os estudos realizados por Meyer (1992) cedem lugar à categorização por protótipos na qual as construções apositivas

devem ser definidas não apenas por um traço, mas antes por um conjunto de traços característicos. E aquelas construções que apresentam maior quantidade de traços serão consideradas mais prototípicas, enquanto as que apresentam menor quantidade de características serão classificadas como menos prototípicas.

A noção de prototipicidade será mais bem explicitada em seção posterior.

1.2 A Teoria da Estrutura Retórica (RST)

Os exemplos (12) e (13), citados na seção anterior, ilustraram a organização estrutural da construção de *por exemplo*. No entanto, tal análise não é o suficiente para compreendermos o funcionamento das construções de *por exemplo*. Para isso, é necessário recorrermos, ainda no âmbito da organização textual, às discussões sobre uma teoria da organização do texto que não se limite ao nível da frase, um modo de entender quais tipos de partes o texto pode ter e como essas partes são conectadas e organizadas para formar um todo coerente. Essa teoria, que integra os estudos funcionalistas da língua, é chamada *Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory – RST)*.

A RST foi desenvolvida por um grupo de funcionalistas da Costa Oeste dos Estados Unidos, na década de 80, tendo como expoentes os linguistas William Mann e Sandra Thompson. Num primeiro momento, essa teoria surgiu para dar conta de pesquisas na área da computação que testavam a geração de textos por máquinas. No entanto, as máquinas eram incapazes de gerar textos eficientes e organizados. De acordo com Mann (1984), somente as pessoas possuem essa habilidade.

Logo, essa teoria, que primeiramente visava à geração de texto, passou a ser explorada no campo da linguística. Nessa área, sua função principal é a da organização textual que se estabelece não só pelo conteúdo proposicional explícito conduzido pelas partes do texto como também pelas proposições implícitas, que, segundo Mann e Thompson (1983), são denominadas proposições relacionais e possuem um caráter combinacional, isto é, emergem a partir da combinação entre as porções dos textos.

Mann (1984) apresenta alguns aspectos importantes para uma teoria que leva em consideração a organização textual:

- Compreensibilidade: aplicabilidade a todo tipo de texto;

- Funcionalidade: informatividade, no sentido de como o texto alcança seus efeitos através do escritor;
- Escala de Intensidade: aplicável a todo tamanho de texto, sendo capaz de descrever todas as unidades de organização textual;
- Definitude: susceptível à formalização e programação;
- Geratividade: capacidade de uso na construção do texto, bem como na descrição dele.

De acordo com o autor, no que tange à organização textual, essa teoria leva em consideração, também, a estrutura hierárquica do texto e, para o reconhecimento hierárquico das estruturas, o primeiro passo é a divisão do texto analisado em unidades.

Taboada (2006) assinala que as unidades (porções) são identificadas antes da análise do texto e que a análise depende das unidades e as unidades dependem de como a análise será realizada. No entanto, destaca que as orações independentes representam a divisão mais usual. Esse método é utilizado para que se possam visualizar as porções de texto e as relações retóricas que emergem a partir dessas porções. Então, a partir do processo de interpretação/intuição, infere(m)-se a(s) relação(ões) retórica(s) que segundo Gómez-González e Taboada (2012) são propostas a fim de explicar a construção da coerência no texto.

A coerência, fator relevante na análise textual, é atribuída às partes do texto que se unem para formar um todo contínuo. De acordo com Gómez-González e Taboada (2005)²¹,

“(…) um discurso coerente é aquele em que o ouvinte/leitor consegue estabelecer uma relação entre as porções atuais do discurso e as porções anteriores” (GÉMEZ-GONZÁLEZ e TABOADA, 2005:01).

Essa coerência, presente na organização do texto, é sempre identificada por meio da capacidade cognitiva dos indivíduos, de acordo com Mann (1984).

Nesse sentido, acredita-se que a organização textual será estabelecida de acordo com a combinação entre as partes do texto. Mann e Thompson (1983) postulam que a estrutura retórica é funcional, pois leva em conta como o texto produz o efeito sobre o

²¹ “A coherent discourse is one where the hearer/reader can establish a relation between the current piece of discourse and previous pieces”.

enunciatório, ou seja, toma como base as funções que as porções de texto assumem para que o texto atinja um objetivo global para o qual foi produzido. De acordo com Neves (1997, p. 1), uma das grandes contribuições do funcionalismo no estudo da articulação de orações é “a valorização da participação do falante na organização de seu enunciado, para expressar as relações aí envolvidas”. Sendo assim, as relações estão ligadas às escolhas que o usuário faz da língua para organizar o seu texto, a partir da sua intenção comunicativa e a avaliação que ele faz do interlocutor.

Segundo Mathiessen e Thompson (1988), quem determinará qual informação será central ou periférica será o próprio leitor.

“Tais julgamentos se tornam, em geral, fáceis de fazer, embora possa haver casos problemáticos; a análise de textos de partes de núcleo e satélite hierarquicamente organizados reflete o fato de que os leitores fazem tais julgamentos como parte de sua compreensão de textos, e os escritores constroem textos esperando que eles sejam capazes de fazer isso” (MATHIESSEN e THOMPSON, 1988: 290)²².

Dessa forma, segundo a RST, é possível encontrar as seguintes relações organizacionais: relação *núcleo-satélite*, em que parte do texto, o satélite, auxilia a outra, o núcleo, servindo-lhe de subsídio para sua interpretação. Nesse tipo de organização textual, algumas porções são percebidas e então refletidas como centrais, enquanto outras são percebidas e refletidas como suplementares, subordinadas ao objetivo central.

Essa relação pode ser representada por *esquemas*, tal como elaborado por Mann (1984), tem como objetivo representar as diversas relações estabelecidas pela associação de um núcleo e de um satélite.

Esse tipo de relação é representado na figura 1, a seguir.

²² “Such judgments turn out, in general, to be easy to make, though organized nuclear and satellite parts reflects the fact that readers consistently make such judgments as part of their comprehension of texts, and writers construct texts expecting them to be able to do so”.



Figura 1 – Esquema de relação núcleo-satélite

De acordo com a RST, o esquema da relação núcleo-satélite deve ser analisado da seguinte forma: as duas linhas horizontais representam as porções de texto analisadas e a seta sempre parte da porção que serve de subsídio, o satélite, para o núcleo.

De acordo com Mann (1984:03), o núcleo é aquela parte que tem como função representar a mensagem dada em toda porção textual analisada. No entanto, muitas vezes, o produtor acredita não ser suficiente tal informação e então, acrescenta outros dados informacionais (satélite) para garantir a compreensão pelo falante.

No entanto, vale dizer que não há designação de parte central e periférica em termos de importância de informação; a parte central não significa maior importância na informação. Acredita-se que ambas possuem sua importância e sua função dentro da unidade. Assim, a parte central e a periférica, juntas, compõem um texto e a partir dessa composição é que emerge a relação retórica. Essa noção de integração funcional entre as partes do texto significa a *organização textual*, tão buscada pela RST.

Outra relação postulada nos estudos da RST é a *multinuclear*. Diferentemente do esquema anterior, nesse caso, uma porção não é subsidiária à outra, mas cada parte do texto, por si própria, constitui um núcleo, sem haver entre eles nenhuma hierarquia, como mostra a Figura 2, abaixo.

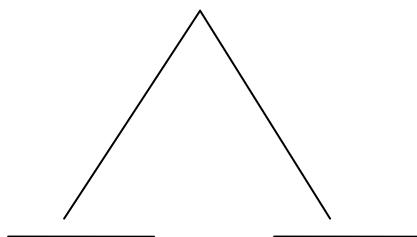


Figura 2 – Esquema de relação multinuclear

Casos de multinuclearidade são as relações de lista, sequência e contraste, representadas pelos esquemas das Figuras 3,4 e 5, respectivamente. Cada porção, nesses esquemas, é um núcleo independente.

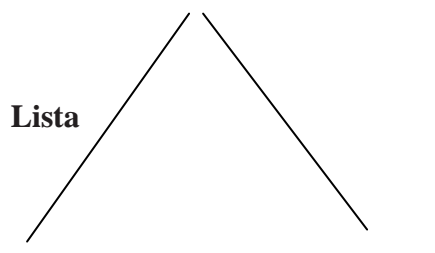


Figura 3 – Esquema de relação multinuclear de Lista

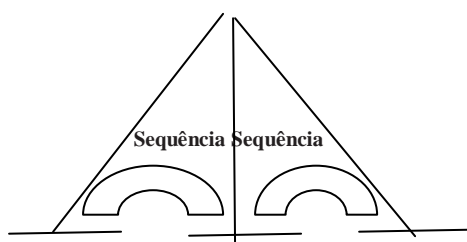


Figura 4 – Esquema de relação multinuclear de Sequência

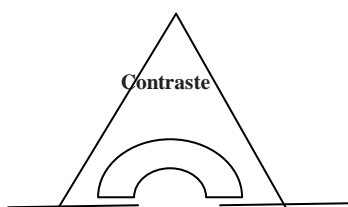


Figura 5 – Esquema de relação multinuclear de Contraste

Nos esquemas das relações multinucleares, Mann & Thompson (1987:07) apontam as linhas horizontais como representantes das porções de texto e as linhas diagonais como os núcleos existentes na relação.

Nesse contexto, vale lembrar que, para definir uma relação retórica, é necessária a identificação de uma relação entre duas partes de texto. E, como o analista não tem acesso ao produtor do texto, então recorre-se aos julgamentos de plausibilidade (MANN

e THOMPSON, 1988), na qual o analista leva em consideração o contexto e as intenções do escritor para estabelecer a relação entre textos.

De acordo com Pardo (2005),

“o principal motivo para isso é que a estrutura discursiva subjacente a um texto depende da interpretação deste. Esta interpretação, por sua vez, é puramente subjetiva, podendo variar com o leitor do texto” (PARDO 2005:12).

Nesse sentido, analisadas as partes do texto, será estabelecida a relação que sobressai às porções de texto, que, segundo Marcu (1997), pode emergir tanto de grandes porções de texto, quanto de pequenas porções. Essas relações permeiam todo o texto. Isso é o que o autor chamou de princípio da composicionalidade. E, para isso, uma lista²³ de aproximadamente vinte e cinco proposições relacionais foi estabelecida por Mann e Thompson (1988): *elaboração, antítese, concessão, avaliação, motivação, reformulação, causa involuntária, causa voluntária, condição, circunstância, alternativa, fundo, evidência, justificativa, interpretação, capacitação, propósito, resultado involuntário, resultado voluntário, resumo, solução, contraste, lista, sequência, união*.

Essas relações retóricas, também chamadas proposições relacionais, que emergem das porções do texto, são encontradas a partir da compreensão da organização textual intencionada pelo produtor. A partir dessa organização, são definidas as condições sobre as relações com base nas: a) restrições sobre o núcleo, b) restrições sobre o satélite, d) restrições feitas na combinação entre núcleo e satélite. No caso dos dados de *por exemplo*, encontramos a recorrência da relação retórica de elaboração que, de acordo com Mann e Thompson (1983), é uma relação cuja porção do texto elabora, especifica a outra porção que apresenta informações mais abstratas ou genéricas.

O quadro a seguir apresenta os aspectos definidores dessa relação de acordo com a RST.

²³ A lista de relações foi retirada do site da Teoria da Estrutura Retórica <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>

Quadro II - Definição da Relação de Elaboração

Nome da Relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre o núcleo + satélite	Intenção do produtor
Elaboração	Nenhuma	O satélite apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do assunto que é apresentado no núcleo ou é acessível inferencialmente no núcleo em uma ou mais das maneiras listadas a seguir. Na lista, se o núcleo apresenta o primeiro membro de qualquer par, então o satélite inclui o segundo. grupo :: membro abstração :: instância todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: específico.	O destinatário reconhece o satélite como fornecendo detalhes adicionais para o núcleo. O destinatário identifica o elemento do assunto para o qual o detalhe é fornecido.

Retirado de Antonio e Takahashi, 2010.

Para compreendermos melhor a relação selecionada, Antonio & Takahashi (2010) a ilustram a partir da análise de uma elocução formal que tem como conteúdo a aula de um professor que ensina aos alunos os passos para a confecção de um relatório.

A aula é iniciada da seguinte maneira:

(14) “... entÃO HOje nós vamos/eu vou estar passando para vocês ... éh:: o relatório que vai ter que ser FEItO,”.

De acordo com Takahashi e Antonio (2010), o fragmento acima apresenta a relação de elaboração que funciona como um supertópico amplo, que abrange todos os assuntos seguintes, que são:

1- folha de rosto (“.. então esse primeiro relatório deverá conter .. a FOLHA DE ROSTO,”); 2- resultados (“.. tá .. agora vamos lá para os resultados.”); 3- referências bibliográficas (“.. referências bibliográficas .. tá,”); 4- recomendações gerais: (a) “.. bom .. não esqueçam,” (b) “.. as folhas de registro devem vir anexadas”. (c) “.. quando o aluno .. copia relatório .. de OUTROS acadêmicos”, (d) “.. ah:: .. outra coisa, / .. vir na monitoria,” (e) “.. então .. eu não vou devolver mais para refazer .. tá?”. (TAKAHASHI & ANTONIO 2010:03)

De acordo com os autores, os subtópicos são desenvolvidos em função do primeiro, para adicionar-lhe informações, no caso, os passos para a realização da tarefa. Nesse contexto, encontramos, no satélite, as informações adicionais, os detalhes que fornecem subsídio para melhor compreensão da informação nuclear.

Nos dados investigados, as construções de *por exemplo* são constituídas por núcleo e satélite. Isto é, no núcleo, encontramos a informação central e, no satélite, a(s) informação(ões) suplementar(es). Vale ressaltar mais uma vez que, dentre as proposições relacionais encontradas nos dados, há recorrência da relação retórica de elaboração. Isso ocorre devido ao fato de que as construções de *por exemplo* têm a função de argumentar, o que leva à utilização da especificação, da exemplificação e do acréscimo de informações.

Para esclarecermos o que ocorre nas construções de *por exemplo*, atentemos para o exemplo (15) a seguir:

(15) bom, eu não sou da opinião que o Estado deve dar apoio. mas em princípio, se o Estado puder dar apoio pode muito bem dar! porque, bom, em princípio, quando não se tem nada, não se consegue nada de nada. é preciso ter alguma coisa para conseguir. *eh, bom, em princípio, se alguém não tem nada e tem esse desejo de fazer qualquer coisa, se o es[...], se pode alcançar um apoio do Estado, muito bem! mas se não pode, pode fazer qualquer coisa.* **por exemplo**, *uma pessoa formada pode, com o pequeno que, no, no, qualquer soma que tiver, pode arranjar uma máquina, eu também comecei assim, em princípio com uma máquina, duas, três, quatro e cinco e pouco a pouco a pessoa se desenvolve, tendo vontade.* (Corpus Lusófono – Título: Costureira de Sucesso/Local: S.Tomé e Príncipe - S. Tomé: 1996)

Podemos perceber, no exemplo (15), a relação de elaboração, implementada pelo satélite, em itálico, que tem o objetivo de adicionar novas informações, novos detalhes àquilo que foi dito anteriormente, no núcleo sublinhado. O produtor acrescenta um exemplo que especifica e exemplifica a seguinte informação: “eh, bom, em princípio, se alguém não tem nada e tem esse desejo de fazer qualquer coisa, se o es[...], se pode

alcançar um apoio do Estado, muito bem! mas se não pode, pode fazer qualquer coisa”. O satélite facilita a leitura e leva, conseqüentemente, à compreensão da construção pelo leitor.

É possível, ainda, a partir da análise das porções de texto, verificar se entre tais porções emerge mais de uma relação retórica. A RST postula a possibilidade para a escolha das relações, isto é, o analista, ao dividir as unidades do texto, elege uma relação que pode estar em discordância com a relação eleita por outro analista. Assim, é fato que um texto pode abrigar mais de uma alternativa na interpretação das relações; no entanto, para que se chegue a um determinado consenso entre os analistas, é necessário que sejam levados em consideração aspectos funcionais e semânticos, a fim de verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor. No entanto, esse consenso não garante a efetividade na análise textual; por isso, recorre-se à presença de um elemento textual (marcadores discursivos) que indique a relação entre as partes do texto. Contudo, vale dizer que o elemento encontrado no texto é apenas uma *indicação, um norte e não um traço definidor*. Corroborando essa ideia, Taboada (2006) argumenta que os marcadores discursivos são apenas *guias* para o reconhecimento das relações textuais. Esses marcadores nunca são suficientes para identificar uma relação particular, mesmo porque alguns podem ser utilizados para sinalizarem diferentes relações retóricas. No entanto, a autora, baseando-se nos estudos de Harberlandt (1982), acrescenta que a leitura se torna mais rápida, fluente, quando o marcador discursivo está presente.

O conector *por exemplo*, empregado para estabelecer conexão entre aquilo que precede ao que segue, formando movimentos fóricos que asseguram a função conectora (KOCH e VILELA 2001:273), orienta a leitura para a identificação da relação retórica de elaboração, conforme foi visto, anteriormente, no exemplo (15). No entanto, tal conector não serve como um traço definidor, mesmo porque, em outros contextos, ele sinalizará, também, outras relações retóricas.

1.3 Categorização e Protótipos

O ato de categorizar é uma das capacidades cognitivas fundamentais realizadas pelos seres humanos; e, de acordo com Lakoff (1987), há categoria para tudo que nós pensamos.

De acordo com a visão aristotélica, as categorias de uma língua são consideradas discretas e absolutas e são interpretadas como dádiva de Deus. A partir dessa visão, acreditava-se que as categorias eram definidas de acordo com a posse ou não de certas propriedades (propriedades necessárias e suficientes). Isto é, seria considerado membro de uma categoria aquele que apresentasse as propriedades necessárias para considerá-lo como tal. Dessa maneira, nenhum membro poderia ser mais central que outro.

Lakoff (1987) apresenta o seu entendimento sobre visão clássica de categorização:

“As categorias são representadas por grupos que são, por sua vez, definidas por propriedades compartilhadas pelos seus membros (...) e não em termos das particularidades da compreensão humana”. (LAKOFF, 1987:8)

Essa visão clássica de categoria pode ser representada a partir do diagrama I, a seguir:

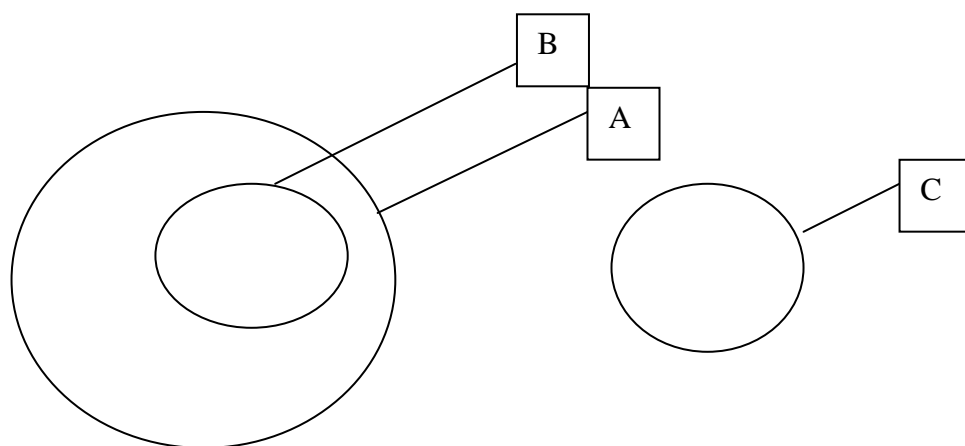


Diagrama I – adaptado de Givón (1984:13) - Representação clássica da categorização.

De acordo com o diagrama, podemos constatar que B é membro de A, porque possui as características individualmente necessárias para fazer parte de A, enquanto o conjunto C não é considerado membro, pois não apresenta as características necessárias para fazer parte da categoria.

Para ilustrar, Givón (1984) cita os trabalhos de Chomsky (1961) que definiam a gramática como um dispositivo puramente formal, cujas categorias eram consideradas claras e discretas e as regras que as regiam eram dedutíveis e sem exceção. No entanto, ao longo dos estudos, há registros de que certa quantidade de estruturas analisadas parecia não se adequar a tais regras que a definição proposta por essa corrente parecia acreditar.

Além dessa visão extremista, encontramos ainda uma outra, de origem wittgensteiniana, segundo a qual por “semelhança familiar” as categorias podem, muitas vezes, assegurar vários membros numa mesma categoria. É o que se chama de **semelhança de família**.

O diagrama II, a seguir, representa o que é uma semelhança de família.

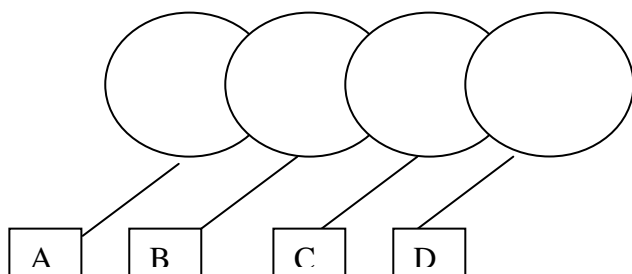


Diagrama II – adaptado de Givón (1984:13) - Representação da categorização a partir da noção de semelhança de família.

Os conjuntos acima representam a categorização a partir da noção de semelhança de família, que leva em consideração a presença de um único elemento em comum com um ou mais itens. Dessa forma, podemos dizer que os conjuntos acima, mesmo compostos por elementos distintos, apresentam, entre eles, um elemento que seja comum.

Ao longo dos anos, levando em consideração os estudos extremistas realizados até então, as investigações sobre a categorização dos elementos foram sendo desenvolvidas por psicolinguístas que, de acordo com Givón (1984), chegaram à **Teoria dos Protótipos**. Essa teoria, muito diferente daquelas que até o momento haviam sido postuladas, não possui uma visão extremista de categoria, mas, de acordo com Lakoff (1987:8), leva em consideração “a experiência e imaginação humana – de percepção, de

atividade motora e cultura e, também, metáfora, metonímia e imagens mentais”. Por isso, prevê a possibilidade de um **continuum**, por acreditar que as categorias nem sempre são definidas em termos de uma ou poucas propriedades. As categorias dentro do continuum apresentam diferentes níveis de semelhança: *uns são prototípicos e outros periféricos*. Segundo Lakoff (1987), Eleanor Rosch foi quem fez da categorização um tema de estudos linguísticos e percebeu que as categorias analisadas apresentavam, em geral, melhores exemplos.

Corroborando a tese de que existem, nas categorias, membros centrais e periféricos, Geeraerts, Grondelaers & Bakema (1994) afirmam que as categorias prototípicas exibem graus de similaridade e que nem todos os membros são igualmente representativos. Para saber o que é mais central ou mais periférico, é preciso contar com os julgamentos que as pessoas fazem dos membros que fazem partes das categorias.

Se a categorização depende dos julgamentos que as pessoas fazem dos membros, é importante dizer que o limite do que é mais ou menos prototípico pode variar, ou seja, as fronteiras devem ser menos rígidas do que aquelas estipuladas na visão clássica de categorização.

O diagrama III, a seguir, representa a interseção das características em comum que apresentam as categorias.

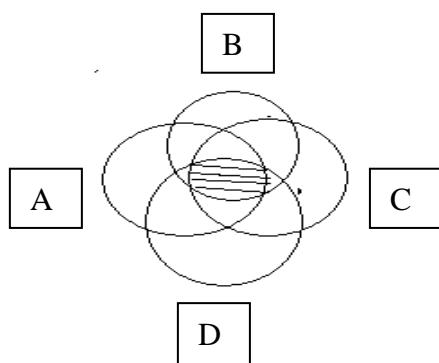


Diagrama III – adaptado de Givón (1984:14) - Representação da categorização a partir da Teoria dos Protótipos

“As coisas são categorizadas com base no que possuem em comum” (LAKOFF 1987:5). E, no diagrama acima, percebemos que a interseção em destaque (listras)

representa as características comuns a todas as categorias; com isso, são considerados mais prototípicos os membros que apresentarem maior quantidade de características em comum das categorias em questão. E todos os outros membros devem ser classificados de acordo com o grau de similaridade daquilo que é prototípico.

Corroborando as ideias de Lakoff (1987), Taylor (1989) nos mostra que as entidades são caracterizadas pelos atributos que serão compartilhados pelos membros de uma categoria. Com isso, serão considerados mais prototípicos membros de uma categoria que compartilharem mais atributos e serão considerados menos prototípicos os membros da categoria que compartilharem menos atributos.

Apesar das evidências psicológicas e linguísticas da prototipicidade, esse tema ainda gera muitas discussões. No entanto, de forma coerente, Geeraerts, Grondelaers & Bakema (1994) afirmam que a prototipicidade é, por si própria, uma noção prototípica, no sentido de que não se reduz a um único fenômeno, a uma única característica ou efeito, mas compreende vários fenômenos, várias características ou efeitos distintos e não necessariamente co-extensivos. Esse conceito formulado pelos autores supracitados parece ser, então, o mais elucidativo.

Retomando o trabalho de Taylor (1989), Gonçalves (2001) ilustra muito bem a forma como se pretende categorizar. O autor, através da Teoria dos Protótipos, propõe uma nova classificação para as orações subordinadas substantivas ou também denominadas pelo autor como oração complexa subjetiva, visto que a classificação da gramática tradicional não dá conta de explicitar com clareza as correlações entre o constituinte e o predicado em que ele se encaixa. Para isso, subdivide tais orações em [subjetivas prototípicas], [afastando-se da prototipicidade] e [OCS não-prototípicas]. Dessa forma, são consideradas prototípicas todas as orações que possuem os atributos elencados pelo autor. Aquele elemento que não apresenta apenas um atributo, com certeza, indicaria maior proximidade com a categoria mais central. No entanto, o autor acredita que é relevante entender qual atributo é mais relevante para a classificação de um determinado elemento para uma categoria. De acordo com o autor, existem atributos mais e menos relevantes na classificação de um determinado elemento.

Assim como Gonçalves (2001), Rodrigues (2001) também observa o seu objeto de estudo a partir da ótica da Teoria dos Protótipos. Nesse sentido, as orações predicativas são classificadas com base numa hierarquia que varia de estruturas [+prototípicas] e [-prototípicas]. A partir de um conjunto de traços percebidos pela autora, ela consegue determinar o que é mais ou menos prototípico.

Com base nos estudos realizados pelos autores supracitados, compreendemos o fenômeno *por exemplo* levando em consideração a Teoria dos protótipos, que aparenta ser a teoria mais apropriada para dar conta dos diversos usos de *por exemplo*.

1.3.1 A prototipicidade nas construções de *por exemplo*

Para falarmos em protótipos nas construções de *por exemplo*, retomamos os estudos realizados por Costa (2008), que abordam a pesquisa realizada por Nogueira (1999) sobre as construções apositivas. Nessas investigações, essa autora mostra que as construções apositivas não são classificadas facilmente e que, por diversas vezes, no intuito de categorizar construções que se situam em fronteiras com outros processos sintáticos, muitos estudiosos classificam essas construções sob o título de apositivas. No entanto, a pesquisadora nos mostra que as construções apositivas não podem ser baseadas em fronteiras tão rígidas e, por isso, acredita que, para uma melhor compreensão das construções, deveriam ser classificadas a partir das categorias de protótipos.

Dessa forma, Nogueira (1999:50), contrariando o trabalho de Meyer (1992), aponta a questão da prototipicidade a partir de outra perspectiva, ou seja, se em Meyer (1992) a prototipicidade revela fronteiras concretas e rígidas de pertencimento, Nogueira (1999) não prevê tal abordagem, apesar da plena consciência de que o estabelecimento de fronteiras entre categorias é extremamente necessário; “se não for restringida, uma categoria poderia cercar o universo de entidades” (Nogueira, 1999:50). A autora não acredita em fronteiras de categorias restritas e limitadas, ao contrário, adota certa fluidez nessas fronteiras, o que resulta em uma abordagem de protótipos que, de acordo com Givón (1995), permite tanto o fluxo nas margens, como a solidez no núcleo das categorias. De acordo com Wittgenstein (1945 *apud* GIVÓN 1995), uma categoria apresenta fronteiras vagas, imprecisas, sem que, por isso, diminua sua utilidade comunicativa. Há realmente atributos tipicamente associados à categoria. Alguns membros compartilham desses atributos, outros compartilham outros atributos.

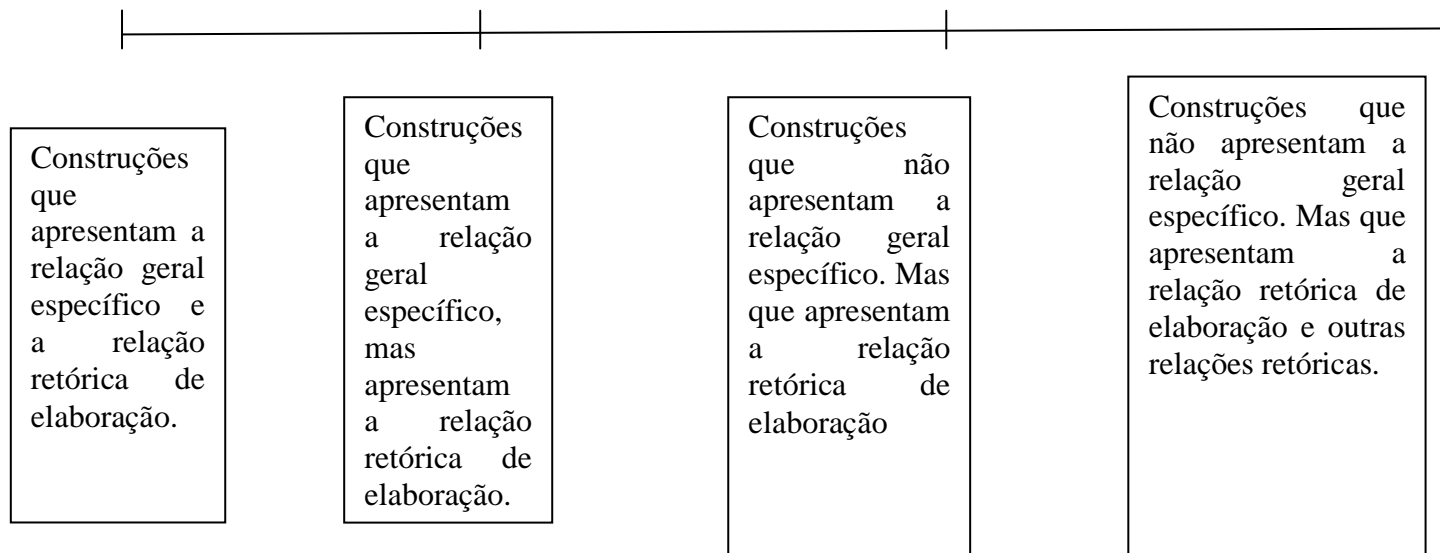
Levando em consideração o trabalho das construções apositivas de Nogueira (1999), constatamos que, nos dados analisados das construções de *por exemplo*, há a possibilidade de se estabelecer um estudo baseando-nos na Teoria dos protótipos, já que as construções apresentam diferentes níveis de semelhança: *uns são prototípicos e outros menos prototípicos*.

De acordo com os atributos das construções de *por exemplo*, consideramos **mais prototípica** a construção que apresenta a relação semântica geral-específico e, conseqüentemente, a relação retórica de elaboração (equivalência). Enquanto isso, classificamos como **construções que se afastam da prototipicidade** as ocorrências que apresentam a relação semântica geral-específico, apresentando, no entanto, duas relações retóricas que entram em concorrência por espaço informacional na construção. São consideradas **não prototípicas** as construções que não apresentam a relação semântica geral-específico, mas que apresentam a relação retórica de elaboração; e são chamadas **construções menos prototípicas ainda** aquelas com ausência de relação semântica geral-específico e emergência de mais de uma relação retórica na construção.

O esquema, a seguir, resume o que foi dito acima.

Esquema I - A representação da prototipicidade nas construções de *por exemplo*.

+ frequência **Grau de prototipicidade** - frequência



O grau de prototipicidade leva em consideração a frequência com que as construções de *por exemplo* ocorrem. De acordo com Bybee (2010), os exemplares de alta frequência são mais fortes e o efeito disso é que são mais fáceis de serem acessados. Por isso, denominamos mais prototípicas, as construções que foram mais recorrentes nos dados analisados: as construções que apresentam a relação semântica geral-

específico e a relação retórica de elaboração. E, consideramos menos prototípicas, as construções menos recorrentes: as construções que não apresentam a relação semântica geral-específico, mas que apresentam a relação retórica de elaboração e outras relações retóricas.

1.4 Iconicidade

Ainda na perspectiva organizacional do discurso, observamos, nos dados deste trabalho, uma relação entre *forma* (código linguístico) e *função* (conteúdo) que garante um movimento de organização do discurso em função de torná-lo mais adequado à situação comunicativa em questão. Essa relação existente entre forma e conteúdo assumiu grande destaque na Sociolinguística e Gramática Funcional a partir dos anos 80 em função do trabalho do filósofo americano C.S. Peirce, que notou que o signo mantém relação de similaridade com o objeto, que a linguagem verbal de algum modo mantém relações de iconicidade com o mundo não linguístico, que a sintaxe das línguas naturais não é totalmente arbitrária, e sim isomórfica ao conteúdo, discordando da ideia de total arbitrariedade que imperou no início do século XX com Saussure.

O estruturalismo apregoava uma distinção entre *langue* e *parole*. De acordo com Saussure, representante dessa teoria, a língua é aquilo que o indivíduo registra passivamente, sem a necessidade de reflexão; já a fala é um ato individual, utilizada com a finalidade de expressar um pensamento pessoal. Nesse sentido, em que a língua é vista apenas como um mecanismo, dotado de regras que são necessárias e suficientes para o funcionamento do sistema, entende-se também que a língua é concebida de forma arbitrária, não há uma causa, um traço referencial na formação do sistema da língua, isto é, as coisas são porque são. De acordo com Saussure, o princípio da arbitrariedade "domina toda a linguística da língua" (SAUSSURE, 2006[1914]: 82).

É importante, nessa perspectiva histórica, mencionar a distinção sugerida pelo filósofo Peirce, em Buchler (1940), que postulava a existência da **iconicidade imagética**, estreita relação entre item e referente, no sentido de um espelhar a imagem do outro (pinturas, fotografias etc.) e, também, da **iconicidade diagramática**, que, diferentemente da iconicidade imagética, não necessariamente possui uma relação idêntica entre forma e função.

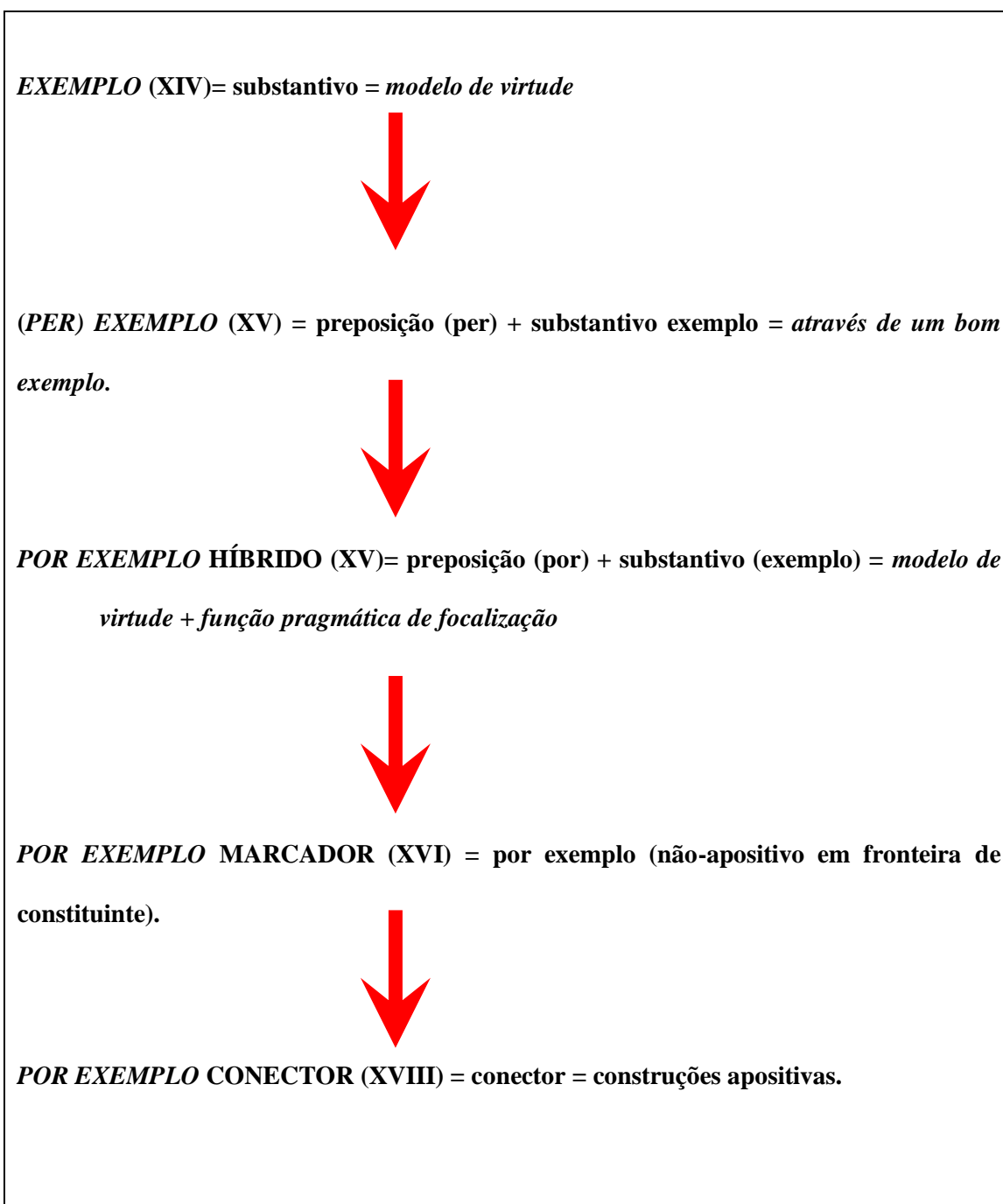
É a iconicidade diagramática aquela que tem maior importância para os estudos linguísticos, pois, com base no princípio de que itens ou construções gramaticais se

transformam estruturalmente, em determinados ambientes linguísticos, a fim de servir às novas funções gramaticais, consegue abarcar investigações de fenômenos importantes, como é o caso da gramaticalização. Em ambos os processos, a forma está a serviço da função. De acordo com Neves (1997), a estrutura analisada (função) está sempre por se estabelecer.

Nesse sentido, Costa (2008) tomou como base os princípios semióticos de Peirce que levam em consideração a não arbitrariedade dos signos e o estudo de gramaticalização para traçar a trajetória de *por exemplo*, a partir de um estudo diacrônico.

Retomando os estudos realizados por Costa (2008), podemos rever o Quadro III, já apresentado anteriormente:

Quadro III: A trajetória da gramaticalização de *por exemplo*.



A partir dessa investigação, é possível dizermos que as diversas funções desempenhadas por *por exemplo* em plano sincrônico, resultado desse processo histórico, serão utilizadas pelo produtor de acordo com a necessidade comunicativa e refletirão na estrutura hierárquica do texto. É a forma a serviço da função.

Na sequência histórica do estudo da Iconicidade, Bolinger (1977) estabelece uma relação isomórfica mais radical na língua, demonstrando que para cada sentido há

uma forma e vice-versa. No entanto, tal versão foi revolucionada pela linguística variacionista no momento em que se percebeu que não havia uma relação tão transparente entre forma e significado, e que a produção de um sentido poderia ser representada por mais de uma forma ou que uma forma poderia representar vários sentidos. Givón (1991) é um dos autores que aposta numa relação moderada (e não absoluta) entre forma e função, pois acredita na existência de certa arbitrariedade, defendendo a existência de uma função para diversas formas e vice-versa. De acordo com Cunha, Costa e Cezário (2003) um exemplo que representa bem o que dissemos anteriormente é o uso do sufixo *-inho*, que, primeiramente, indica tamanho e de acordo com o processo histórico pode, também, ter um valor afetivo, ou pejorativo. Sendo assim, apenas uma forma é capaz de representar diversas funções em diferentes contextos comunicativos.

Levando em conta a versão moderada da iconicidade garantida pela linguística variacionista, Du Bois (1984), em uma pesquisa realizada sobre a língua maia, o Sacapulteco, apresenta uma nova perspectiva sobre a organização das estruturas. De acordo com o autor, existe uma Estrutura Argumental Preferida, isto é, uma estrutura estatisticamente mais recorrente na apropriação do discurso da língua. O falante tende a utilizar uma determinada construção em detrimento de outra levando em consideração os aspectos gramaticais e pragmáticos da língua. Segundo Du Bois (1984), a recorrência de tais estruturas em detrimento de outras se deve a pressões discursivas, entre forças internas e externas ao sistema. Esse conflito gerado por tais forças nos faz, de acordo com o autor, conceber a gramática da língua como um sistema maleável, passível de mudanças, entendendo que a língua é constituída a partir das interações discursivas, deixando claro, então, que nenhuma língua é considerada ótima, totalmente motivada.

Solidificada a concepção de que a língua é uma estrutura maleável e que muda a partir das interações realizadas entre os participantes, Cunha, Costa e Cezario (2003) propõem três subprincípios que norteiam o estudo da iconicidade e serão capazes de demonstrar as relações entre forma e conteúdo presentes nos dados de *por exemplo*. O **subprincípio da quantidade** averigua se há uma relação proporcional entre quantidade de informação e quantidade da forma. Assim, quanto maior a quantidade de informação, maior a necessidade de construções. O **subprincípio da ordenação linear** verifica-se a ordem dos termos reflete os interesses pretendidos pelo produtor, isto é, se a informação considerada mais importante para o produtor aparece em primeiro plano na construção. E, por fim, o **subprincípio da integração** investiga se os conteúdos que estão

mentalmente conectados estão, também, sintaticamente atrelados. Segundo Neves (1997), quanto maior a distância conceptual²⁴, maior a distância linguística entre expressões. Nesse sentido, vale lembrar, ainda, a contribuição de Fodor (1998) que argumenta dizendo que, quando falamos em conteúdos mentalmente conectados, levamos em consideração o processamento de informações. Assim, a mente é um computador que processa e mapeia conteúdos a partir de propriedades causais e lógicas.

Para representar o que foi dito sobre os subprincípios que regem o estudo da iconicidade, selecionamos um exemplo considerado prototípico que abarca todos os subprincípios, demonstrando que a forma é realmente resultado da função, e essa é negociada entre os participantes do discurso.

(16) eu queria tirar foto de tudo, eu queria experimentar tudo, eu queria ver tudo, não é, agora, como a, a Leila já tinha falado

- eu não falei nada.

-> que ela viu as, as fotos que, você não, acho que não conheci[...], você não conheceu, mas eu trouxe um monte de fotos de lá, a metade está, metade está mal tirada e a outra...

- e, lógico, quem foi a fotógrafa, quem foi?

-> metade está mal tirada e t[...], e tem outras, perdão, p[...], ah, muito pelo contrário que eu esperava tirar a foto certinha

- [...]

-> só que eu mexi de tal maneira na máquina que até ho[...], se eu tiver que fazer hoje eu não consigo. então, **por exemplo**, tem uma foto que nós tiramos numa duna de areia e que era para ter saído clara e, e muito pelo contrário, saiu o, o, saiu como se fosse um, um efeito especial, saiu só a sombra das pessoas naquela areia. então ficou muito mais bonito pelo efeito que pela foto re[...], verda[...], real, real, não é, a outra, uma...
(Corpus Lusófono - Título: Surpresas da Fotografia/ Local: Brasil - S. Paulo: 1993)

No exemplo (16), percebemos a não arbitrariedade entre forma e função. Nessa ocorrência, encontramos a relação semântica geral-específico, em que no núcleo, tem-se a informação mais geral, quando o autor fala de sua vontade de tirar uma foto certinha, mas que, após ter mexido na máquina, ele não consegue tirar a foto como gostaria. E, no satélite, encontramos a especificação de tal informação, quando o autor cita um exemplo a fim de elaborar aquilo que anteriormente foi dito no núcleo.

²⁴ De acordo com Gomes (2008), podemos compreender a palavra “Conceitual” como as ideias, os conteúdos que o indivíduo deve saber.

Podemos assim dizer que os muitos elementos utilizados no satélite para especificar o que foi dito no núcleo se deve ao fato de o autor ter que argumentar a favor de uma determinada informação. Com isso, a função argumentativa pretendida pelo autor, no exemplo acima, requer inúmeros elementos que a representem. Dessa forma, percebemos que o subprincípio da quantidade foi atendido.

Podemos dizer, também, que no exemplo (16) a posição de *por exemplo*, após sintagma nominal, no satélite, revela um lugar de destaque na construção, enfatizando a intenção do produtor de argumentar sobre a ideia “de não conseguir mais tirar uma foto certinha”, contida no núcleo. Daí, percebemos o segundo princípio apontado por Cunha, Costa e Cezario (2003), o princípio da ordenação linear, que revela que a informação mais importante tende a aparecer, na construção, anteriormente às informações consideradas menos importantes.

Além disso, o princípio da integração também está presente, pois o item *por exemplo* é o conector responsável pela integração entre a informação geral e a informação específica, que estão mentalmente conectadas.

Nesse contexto, a partir da visão mais branda²⁵ da iconicidade e, conseqüentemente, dos seus subprincípios percebemos que a organização do discurso não é feita de maneira totalmente arbitrária, existe uma motivação para que sejam produzidas, baseadas na realidade. E, ainda, segundo Dik (1997), alguns psicolinguistas atribuem esse paralelismo entre estrutura linguística e ordenação dos fatos no mundo real a um princípio chamado “ordem de menção”. É, portanto, pressuposto básico desse princípio que a ordenação linear respeita a ordem de acontecimento dos fatos.

Como aponta Neves (2001:104)

“A consideração de uma motivação icônica para a forma linguística implica admitir, por exemplo, que a extensão ou a complexidade dos elementos de uma representação linguística reflete a extensão ou complexidade de natureza conceptual”.

Martelotta e Areas (2003:24) concordam com Neves (2001), dizendo que “a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva”.

²⁵ A versão mais branda da iconicidade admite que pode haver uma opacização entre forma e função, isto é, perda de transparência, abrindo espaço para variações do tipo: uma mesma forma pode se relacionar a diversos significados ou diferentes formas que se relacionam a somente um significado.

1.5 A Argumentação

O tema da argumentação remonta aos estudos realizados desde a Grécia antiga. Esses estudiosos se preocupavam com o domínio da expressão verbal, pois tinham o interesse de dominar multidões através da palavra; nesse momento a retórica não era mais do que a arte do bem falar.

A teoria da argumentação foi sendo desenvolvida inicialmente pelos sofistas. Esse grupo não acreditava em nenhuma verdade pura, mas sim no convencimento do outro através da argumentação. Ou seja, aqueles que apresentam as melhores opiniões, convenciam. Nesse momento, havia um olhar atento às técnicas de convencimento e persuasão, muitas vezes deixando o conteúdo da discussão em segundo plano.

Em contrapartida à visão sofista do convencimento, surgem os filósofos que combatiam essa versão, pois acreditavam que o discurso deveria ser dirigido à razão e à verdade e não à emoção dos ouvintes. Nesse momento, a retórica aparece como uma arte que visava descobrir os meios de persuasão para os possíveis argumentos.

Na Idade Moderna, a retórica passou a ser concebida de outra maneira, isto é, essa disciplina deixou de apresentar as características originais (arte do bem falar e argumentativa) e passou a ser compreendida com o caráter estético do discurso. Nessa época, a retórica estava ligada à beleza das palavras, que obedecia aos padrões estéticos daquele momento histórico. Com o declínio da retórica, surgia uma tendência à racionalidade humana, a evidência matemática e a lógica formal.

Muitos séculos mais tarde, o estudo da retórica e argumentação é retomado e discutido por diversos autores. O passo mais importante no estudo contemporâneo da argumentação foi o afastamento da lógica formal, altamente reducionista, instituído pelos clássicos e a implementação de uma visão interacional de argumento.

Nesse sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), com o tratado da argumentação, apresentam a *nova retórica*, questões levantadas que se aproximam daquelas tratadas pelo Renascimento, conseqüentemente, pelos gregos e latinos, que tinham como objetivo tratar sobre a persuasão, convencimento e a discussão.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que possuem o objetivo de estudar as técnicas discursivas, visando à aderência às teses apresentadas, tendem, a partir da interação entre os diversos papéis argumentadores, a levar em consideração a qualidade da argumentação (orador) e a importância do auditório, lançando mão de algumas ideias provenientes dos estudiosos clássicos, inclusive a noção de auditório. De acordo com os

autores do tratado, os discursos sempre se dirigem a um auditório. No entanto, vale ressaltar que, como o objetivo principal é a análise de textos escritos, haverá uma preocupação maior com a estrutura da argumentação que visa à adesão a uma tese, em detrimento da comunicação com o auditório e com o exame da técnica oral.

“O objeto da teoria da argumentação é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento”.
(PERELMAN; OLBRECHTS, 1996:04)

No mesmo caráter interpretativista, Schiffrin (1987:14) entende os princípios da argumentação e lança a seguinte questão: como o falante usa o argumento para persuadir outros de um ponto de vista?

Para responder a essa pergunta, a autora remete aos estudos realizados por Aristóteles, dizendo que tal pensador é a base para estudos sobre persuasão, sugerindo que um elemento de persuasão é a prova ou aparente prova provida do discurso. Ou seja, mostrando-se de acordo com o filósofo, a autora afirma que o verdadeiro elemento de convencimento são as evidências. De acordo com essa ideia, Garcia (2007) assegura que a argumentação existe, de fato, se houver o objetivo de convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões, de evidências.

O estudo que Schiffrin (1987) realiza sobre marcadores discursivos, parte do princípio de que existem dois tipos de discurso argumentativo: o *monólogo*, que se caracteriza por traços de explicação (discurso expositivo) e o *diálogo*, caracterizado por traços que lembram a querela, discussão, disputa etc. Num próximo passo, a autora afirma que o discurso argumentativo não é constituído somente por traços monológicos e nem somente por traços dialógicos e, por isso, propõe a análise discursiva da argumentação, na qual são selecionados tanto traços monológicos (as propriedades textuais e também a posição e a sustentação dos argumentos), quanto traços dialógicos (a função interativa do diálogo e a disputa travada na interação).

Afirmando que a argumentação é composta por traços textuais e interativos, Costa (2008) retoma os trabalhos realizados por Schiffrin (1987:18) que indica três componentes fundamentais para esse fenômeno:

- 1) **Posição:** parte fundamental da posição é a ideia, ou seja, informação descritiva sobre uma situação, evento ou estado e ações no mundo. Outra parte

de grande relevância é a questão do comprometimento²⁶ do falante com aquela ideia: o falante adere ou não àquela ideia.

2) **Disputa**: disputa de uma dada posição/ideia: um determinado indivíduo pode lançar sua oposição/seu desacordo a qualquer uma das partes, ou seja, uma disputa pode ser centrada ao redor do conteúdo proposicional, da orientação do falante ou implicações pessoais e morais da performance verbal. No entanto, a meta de uma estratégia argumentativa consiste em eliminar um desacordo, estabelecendo um acordo. (VIEIRA, 2002:94)

3) **Suporte/sustentação**: é o componente final e núcleo da argumentação, na qual o falante pode sustentar uma determinada posição em qualquer nível em que ela possa ser disputada – alguém a exemplifica a partir de fatos, dados estatísticos, testemunhos, justifica-a por meio de razões ou causas, ou seja, o falante possui esses recursos que levam o outro a concluir sobre a credibilidade da posição ali defendida.

Schiffrin (1987:50) mostra que o elemento mais importante de um discurso argumentativo é a posição, já que é nesse momento que o falante se compromete com uma determinada ideia. Paralelamente, nos termos de Garcia (2010) a proposição deve ser suficientemente clara, bem definida e passível de argumentação.

“A proposição, por exemplo, deve ser clara, definida, inconfundível quanto ao que afirma ou nega. Além disso, é indispensável que seja argumentável, quer dizer, não pode ser uma verdade universal, indiscutível, incontestável”. (GARCIA, 2010:388)

Além da posição, Schiffrin (1987) apresenta a relevância do suporte para a argumentação, mostrando que as evidências, testemunhos apresentados justificam a declaração pela qual o falante está comprometido.

Para destacar ainda mais a importância do suporte para a argumentação, Garcia (2010) chega a dizer que a formulação dos argumentos constitui a própria argumentação. “É o estágio em que o autor apresenta provas ou razões, o **suporte** das suas ideias” (GARCIA, 2010:389).

²⁶ O compromisso será tratado no presente trabalho como grau de adesão (ou alinhamento, cf. Goffman, 1981) que o falante assume em relação a uma posição. (*Apud* Vieira 2002:17)

Vieira (2002:68) retoma a proposta de elementos argumentativos de Schiffrin (1987) – posição, disputa e suporte/sustentação associados aos movimentos argumentativos de Gille (2001) – Posin (posição inicial), Posas (posições associadas, relacionadas com outras já abordadas), Posre (Posição retomada), Rech (movimento de rechaçar uma posição sem argumentação), Refu (movimento de refutar uma posição, isto é, um contra-argumento), justificação e evidência.

Observemos, a seguir, o Quadro IV, que apresenta o esquema proposto por Vieira (2002):

Quadro IV- Esquema argumentativo de Vieira (2002)

COMPONENTES DA ARGUMENTAÇÃO	MOVIMENTOS ARGUMENTATIVOS
<p>POSIÇÃO</p> <p>“Ideia” (conteúdo proposicional) + compromisso (adesão do falante à ideia)</p>	<p>POSIN</p> <p>POSAS</p> <p>POSRE</p>
<p>DISPUTA</p>	<p>RECH</p> <p>REFU</p>
<p>SUSTENTAÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Justificação ● Evidência empírica (exemplos/dados/testemunhos) ● Explicações (justificativa e escusa)

Fonte: Costa (2008)

Baseando-se no modelo de argumentação de Schiffrin (1987), Vieira (2002) considera como sequência argumentativa quando há, em primeira posição, um participante que apresenta uma determinada ideia, e, em segunda posição, outro participante, que questiona e disputa aquela ideia.

Foi com base nos estudos realizados pelos estudiosos interpretativistas que foi possível realizarmos a análise de dados de *por exemplo*, que mostrou aspectos diferentes daquelas apresentadas por Vieira (2002), que serão tratadas em capítulo à parte (Análise de dados).

Sobre a argumentação, vale ressaltar, ainda, outro aspecto importante: o papel dos conectores, no caso *por exemplo*, no ato da argumentação. Os conectores, de acordo

com Portolés (1998a), são importantes porque funcionam como guias na interpretação de enunciados.

(...) são unidades linguísticas invariáveis, não exercem função sintática no marco da predicação oracional e possuem uma incumbência coincidente no discurso: o de guiar, de acordo com suas diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação (PORTOLÉS, 1998a, p. 23-24).

Nesse mesmo sentido, Montolíó (2001) assegura que os conectores funcionam como sinais que são introduzidos no discurso a fim de orientar, da melhor maneira possível, o caminho interpretativo intencionado pelo autor.

Esses conectores, muitas vezes, possuem um papel fundamental na argumentação, pois, como apresentado anteriormente, possuem a função de facilitar o processo interpretativo. De acordo com Koch (1995, p. 29), os falantes apresentam, de forma inata, mecanismos que permitem “indicar a orientação argumentativa dos enunciados”.

Corroborando os estudos de Koch (1995), Harberlandt (1982) mostra que a leitura é mais fluente quando o marcador discursivo está presente.

Schiffrin (1987) afirma que os marcadores discursivos são, muitas vezes, suportes para a estrutura argumentativa, mas deixa claro que nem sempre a estrutura argumentativa é dependente desses marcadores. Schiffrin (1987:50) mostra que “*os marcadores discursivos não são obrigatórios*”. O que isso quer dizer é que, se em um determinado discurso há um marcador, então, ocorre um determinado sentido; no entanto, se nessa declaração o marcador discursivo for retirado, o sentido poderá não se alterar.

Embora os marcadores adicionem estrutura e interpretação em toda a extensão, eles dificilmente são únicos suportes que formam o argumento ou conduzem seu significado. Uma breve olhada em diversos outros argumentos mostrou que sua estrutura e significado é certamente **NÃO DEPENDENTE** daqueles marcadores; de fato a estrutura e significado de argumentos podem ser preservados mesmo sem marcadores (conectores) (SCHIFFRIN, 1987:50).

A propósito de conectores, consideramos oportuno trazer algumas considerações da RST sobre essa temática.

A RST mostra que os conectores não são pré-requisitos para estabelecer a coerência de um texto. Segundo Taboada (2005), existem diversas sequências que são interpretadas como textos e que não possuem conectores coesivos. E ainda adverte que a RST é a responsável por administrar a organização do texto por significado de relações que emergem entre partes de um texto. Com isso, a coerência é garantida por meio da hierarquia que há entre as construções (parataxe e hipotaxe).

No mesmo sentido, Mann; Thompson (1983) indicam que a emergência das relações não ocorre a partir de sinais específicos, mas sim através da combinação de partes do texto.

Segundo Taboada (2006 a), os marcadores discursivos funcionam como *guias* para o reconhecimento das relações textuais, não sendo, então, suficientes para identificar uma relação.

Veja o exemplo abaixo com a presença do conector e, a seguir, sem a presença do conector *por exemplo*.

(17) Os óculos se tornaram uma marca registrada da sociedade moderna. A miopia se tornou uma praga ao longo dos últimos 100 anos, com um aumento significativo nas últimas 2 décadas entre as crianças. *Em Cingapura, **por exemplo**, a incidência de miopia aumentou de 25% para 75% nos últimos 30 anos. Uma pesquisa em 1990 em Israel mostrou que 20% das crianças apresentava miopia, e que este índice aumentou para 28% em 2002. Um bom motivo para heróis como Harry Potter fazerem sucesso entre as crianças!* <http://bloglog.globo.com/leonardoborges/> (oftamologista)

(17a) Os óculos se tornaram uma marca registrada da sociedade moderna. A miopia se tornou uma praga ao longo dos últimos 100 anos, com um aumento significativo nas últimas 2 décadas entre as crianças. *Em Cingapura a incidência de miopia aumentou de 25% para 75% nos últimos 30 anos. Uma pesquisa em 1990 em Israel mostrou que 20% das crianças apresentava miopia, e que este índice aumentou para 28% em 2002. Um bom motivo para heróis como Harry Potter fazerem sucesso entre as crianças!* <http://bloglog.globo.com/leonardoborges/> (oftamologista)

No exemplo (17a), ao retirarmos o conector entre fronteira adjunto adverbial...sujeito, não comprometemos o sentido global do texto. Nesse momento, compartilhamos com os autores supracitados que mostram que a coerência é garantida a partir das porções de texto e que os conectores/marcadores não são suficientes para estabelecer relações textuais.

No entanto, ao retirarmos o conector *por exemplo*, mesmo que a relação retórica de elaboração ainda esteja garantida, o sentido pragmático intencionado pelo produtor foi afetado, isto é, sem o conector *por exemplo*, a focalização antes dada a “Cingapura” se perdeu.

Feitas essas considerações de cunho teórico, passamos, no capítulo seguinte, à apresentação dos passos e estratégias metodológicas utilizados na análise dos dados.

2. METODOLOGIA

Nesta seção, informaremos como se deu, passo a passo, a constituição do *corpus* da pesquisa que originou o presente trabalho e mostraremos como foi realizada a coleta e análise dos dados escritos e falados.

a) Os dados Oraís: O *Corpus Lusófono*

O estudo empírico sobre *por exemplo* envolveu a análise de dados orais, oriundos da fonte *Corpus Lusófono*, obtido através do site http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php.

Esse corpus foi organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse e a Universidade de Provença-Aix-Marselha e é resultado de gravações de conversas informais entre pessoas conhecidas ou entre amigos e familiares e também de intervenções mais formais como entrevistas programas radiofônicos. As gravações são textos que representam o português falado em Portugal (30), no Brasil (20), nos países africanos que possuem oficialmente a língua portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe (5 de cada) e também em Macau (5), em Goa (3) e em Timor-Leste (3). No total, são contabilizadas 8 horas e 44 minutos de gravação que ocorreram do período de 1970 a 2001.

Do *Corpus Lusófono*, foram consideradas as entrevistas em que havia pelo menos uma ocorrência de *por exemplo*, perfazendo um total de 47 entrevistas nas quais foram encontradas 123 ocorrências de construções de *por exemplo*.

A lista dos inquiridos eleitos para fazer parte dessa pesquisa está disponível no Anexo I deste trabalho.

No *Corpus Lusófono*, percebemos que as construções de *por exemplo* apareceram em todas as regiões que fazem parte desse *Corpus*. Por isso, acreditamos que tais construções ocorrem independentemente das regiões investigadas; dessa forma, este trabalho não examinou as diferenças linguísticas que possa haver de região para região.

b) O corpus escrito: *blogs*

Os dados escritos que compõem, junto com os orais, o *corpus* deste trabalho foram obtidos de textos postados em *blogs*, disponíveis no *site* www.bloglog.globo.com. O acesso e coleta dos dados foram realizados no dia 19 de Janeiro de 2011, às 21h e, também, no dia 20 de janeiro de 2011, às 15h.

O *bloglog* é um espaço cibernético onde algumas personalidades são convidadas a criar seu diário eletrônico, isto é, o *blog*. Conforme descrito no *site* www.bloglog.globo.com,

“o BOLGLOG é formado por *blogs* de personalidades, especialistas, famosos e outros formadores de opinião adequados ao perfil do portal. Os convidados podem postar textos e imagens sobre qualquer assunto, relacionado à sua atividade profissional, a um *hobby*, a um acontecimento atual, entre outros temas que desejar. É a oportunidade de se expressar através de um canal próprio e qualificado e de conhecer a opinião de outras pessoas (...)”
<http://www.bloglog.globo.com/sobre.html>

Nos dias do acesso, encontramos no referido *site*, o *link* “*todos os blogs*”. Nesse *link*, os *blogs* das personalidades convidadas estavam organizados em ordem alfabética, de A a Z. Seguindo a organização proposta pelo *site*, todos os 35 (trinta e cinco) *blogs* disponíveis foram examinados, da primeira à última letra do alfabeto, porém só fazem parte desta pesquisa os *blogs* que apresentaram, no mínimo, uma ocorrência da construção de *por exemplo*.

Assim, o *corpus* escrito que faz parte desta pesquisa, conta com 45 (quarenta e cinco) construções de *por exemplo*. A lista dos endereços que fizeram parte da pesquisa está disponível no Anexo II deste trabalho.

Os *corpora* do presente trabalho foram selecionados com base na experiência adquirida em investigações anteriores. Dessa forma, como havíamos dito anteriormente, o estudo em torno das construções de *por exemplo* não é novo e, por isso, muitos outros dados de diversos gêneros textuais já haviam sido analisados, como: entrevistas, acareações, elocuções formais, inquéritos, artigos de opinião e artigos científicos.

As análises anteriores nos mostraram que *por exemplo* ocorre em maior escala em gêneros argumentativos que envolvem, implícita ou explicitamente, uma opinião. De acordo com Costa (2008), em grande parte das ocorrências de *por exemplo*, a

unidade base (A), da construção apositiva, constitui o ponto de vista e a unidade apositiva (B) expressa a sequência argumentativa. Foi com base nesses conhecimentos que partimos para seleção dos dados que deveriam consistir em gêneros diferentes, no entanto, da mesma natureza argumentativa, daí a escolha das conversas e dos *blogs*.

Para que pudéssemos realizar as análises de forma segura, foi necessário entrarmos em outra discussão: o *blog* pode ser considerado um gênero ou um suporte?

Para muitos, o *blog* não é um gênero textual e, sim, um suporte capaz de abrigar vários gêneros textuais.

Segundo Marcuschi (2008:173), “ainda inexitem estudos sistemáticos a respeito do suporte dos gêneros textuais”. No entanto, considera que páginas da internet devem ser consideradas suportes, já que abrigam diversos gêneros textuais. Dessa forma, se tomarmos a noção de *blog* como uma página da internet, então, deveríamos considerá-lo como suporte e não como um gênero.

No mesmo sentido, Mendes (2008) afirma que “se o *blog* for considerado um apanhado de muitos textos, então, conseqüentemente, a noção de suporte será de fundamental relevância para a compreensão dos mais diversos propósitos comunicativos advindos de tal modo de difusão”.

A partir dos estudos realizados pelos autores supracitados, defendemos a ideia de que os *blogs* se caracterizam muito mais como suportes convencionais de textos do que como gênero, já que diversos gêneros discursivos se fazem presentes em cada uma de suas partes.

Depois de tais esclarecimentos em relação aos *corpus* da pesquisa, podemos destacar, abaixo, a descrição das ocorrências das construções de *por exemplo*, a fim de verificar a organização textual presente em tais construções. Destacamos os seguintes passos:

1- Primeiramente, os dados de *por exemplo* foram divididos em **unidades de informação** que, segundo Chafe (1980), são blocos de informações a que o usuário pode ter acesso de uma só vez. Esses blocos de informação, também chamados de jatos informacionais, correspondem a toda informação que pode ser manipulada pelo falante. Esses jatos são limitados quanto à quantidade de informação. Segundo Chafe (1980), essas unidades de informação são constituídas de aproximadamente sete palavras, e, muitas vezes, constituem uma cláusula. E, ainda, podem ser identificadas por meio do contorno entonacional ou pela pausa. De acordo com Chafe (1980), não é necessário

que os três fatores (cláusula, pausa e contorno entonacional) estejam presentes para a identificação de uma unidade de informação; no entanto, o autor nos apresenta o contorno entonacional como a evidência mais clara para tal identificação.

Partindo dos conceitos propostos por Chafe (1980), a primeira providência tomada para a análise dos dados de *por exemplo* foi a separação, nos textos, dos trechos em que *por exemplo* ocorre. Foram, de fato, esses trechos que constituíram os dados desta pesquisa. Em seguida, partimos para a divisão desses trechos em unidades informacionais (UI's). No entanto, diferentemente da divisão prevista por Chafe (1980), as UI's das construções de *por exemplo* nem sempre coincidem com uma oração; em grande parte das divisões, a unidade informacional são conjuntos de orações.

O exemplo abaixo nos mostra como a divisão em unidades de informação é realizada.

(18) E isso, esse orgulho, pode se sentir nas ruas, até entre os mais descamisados. Os argentinos são formais, porque se consideram civilizados. Buenos Aires, *por exemplo*, tem mais livrarias que o Brasil todo. E a você, que acha o Rio de Janeiro “a cidade mais bonita do mundo” eu lhe digo: vá a Buenos Aires e aprenda de uma vez por todas a diferença entre uma cidade e sua localização geográfica – o Rio é uma cidade horrorosamente favelada, uma espécie de ferida aberta bem no meio de uma paisagem de tirar o folego. <http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/>(escritor)

O exemplo (18) representa a divisão das UI's, a fim de atender os objetivos do presente estudo. A primeira UI é representada pela porção grifada, que corresponde ao núcleo da construção e está materializada por um conjunto de orações. Já a porção em *itálico*, que representa o satélite, é materializada apenas por uma oração.

2- A seguir, por meio do processo interpretativista, foi verificado o tipo organizacional das construções de *por exemplo* para localizar **a relação semântica geral-específico** e **a(s) proposição (ões) relacional (is)** que promove(m) a unidade/coerência entre as estruturas presentes nos dados analisados.

Para a visualização, em forma de diagramas, da estrutura retórica do trecho em que a construção de *por exemplo* estava inserida, foi utilizada a ferramenta RSTTool, versão 3.11, de Mick O'Donnel. (O'DONNEL, 2000), como mostrado no diagrama a seguir, que representa a estrutura retórica do exemplo (18).

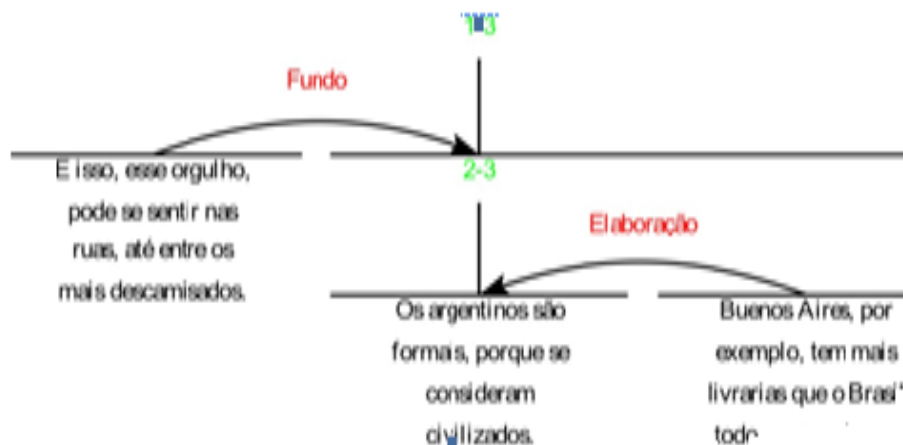


Diagrama 4: Estrutura retórica de (18)

Para que fossem realizadas as propostas até o momento sugeridas, foi eleito o processo interpretativista como norteador na análise dos dados, isto é, a utilização do método qualitativo como paradigma para tais investigações. Sendo assim, a interpretação dos dados é orientada para o processo, não sendo generalizável, assumindo uma realidade dinâmica e passível de descrição. Dessa maneira, não foi interesse deste trabalho uma pesquisa quantitativa, pois acreditamos que as funções de *por exemplo*, no caso, os tipos de ocorrência – *type* -, incidirão independentemente do número de ocorrências - *token*.

3- Estabelecida(s) a (s) proposição (ões) relacional (is) presente (s) nos dados de *por exemplo*, então, o próximo passo foi verificar a equivalência entre as funções semânticas e as relações retóricas em ocorrências de *por exemplo* apositivo. Isto é, verificar se as funções semânticas de geral-específico são, de fato, correspondentes à relação retórica de elaboração postulada pela Teoria da Estrutura Retórica – *RST*. Essa e outras relações retóricas estão definidas no Anexo III deste trabalho.

Checar a emergência da relação geral-específico foi um passo fundamental na leitura dos dados, pois é a emergência ou ausência dessa relação que esclarece se a construção é mais, ou menos, prototípica. Portanto, foi considerada uma **construção prototípica** aquela em que há a relação semântica geral-específico e da relação de elaboração.

4- De acordo com a construção analisada, procedemos à averiguação da relação icônica entre a função (estratégias argumentativas) e a forma (quantidade de estratégias argumentativas empregadas) em ocorrências *de por exemplo* a fim de avaliarmos se nessas construções, realmente, são encontrados os subprincípios previstos pela versão moderada da iconicidade. Foi checado, através do subprincípio da quantidade, se, nos dados de *por exemplo*, a quantidade de informação relaciona-se à quantidade de forma; e, a partir do subprincípio da integração, foi verificado se os conteúdos que estão mentalmente juntos estão, também, sintaticamente juntos; e, por fim, foi considerado o subprincípio da ordenação linear, que avalia se a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar na cadeia discursiva. Somente a partir dessa etapa investigativa foi possível *concluir* se em dados de *por exemplo* há uma conexão entre função e forma, estabelecida pela iconicidade e que constitui a hipótese desta pesquisa.

Passaremos, no capítulo seguinte, à apresentação das análises dos dados, levando em consideração os parâmetros até aqui elencados.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

As funções de *por exemplo* sempre nos chamaram muito a atenção e, por isso, motivaram-nos a continuar as investigações em torno desse item.

Percebendo a multifuncionalidade de *por exemplo*, notamos que, as ocorrências que apresentavam a relação semântica geral-específico mantinham uma equivalência com a relação retórica de elaboração. Sendo assim, motivados por essa equivalência, partimos em busca de novas funções e conseqüentemente descrições dessas construções.

Dessa forma, após as análises dos dados, que contabilizaram um total de **167** ocorrências, sendo **45** ocorrências do *corpus* escrito (<http://bloglog.globo.com>) e **122** do *corpus* oral (*Copus Lusófono*), constatamos que, nas construções de *por exemplo*, havia ocorrências que nem sempre se materializavam de maneira prevista. Isto é, nem todas as ocorrências manifestavam a equivalência mencionada na hipótese deste trabalho.

As seguintes ocorrências foram encontradas a partir da análise dos *corpora* e elencadas, a seguir.

Quadro V: Construções de *por exemplo*

- Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração;
- Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação;
- Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e condição;
- Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração;
- Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa.
- Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição.
- Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações de elaboração e solução.

Nesse sentido, vejamos as análises dos dados.

A seguir, em cada seção, as relações acima identificadas serão detalhadamente investigadas de acordo com os aspectos teóricos que embasaram este trabalho: os postulados da RST e os conceitos de Prototipicidade, Iconicidade e Argumentação.

3.1 Um esclarecimento sobre as construções de *por exemplo*

Observando os dados analisados, podemos perceber o funcionamento das construções de *por exemplo* e conseqüentemente compreender as funções e relação (ões) retórica(s) existentes. A partir da organização textual pretendida pelo produtor, podemos identificar diferentes funções nas construções de *por exemplo*. Levando-se em consideração o quadro anterior, na *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração*, as porções de texto são organizadas a fim de, primeiramente, generalizar uma ideia para depois, em outra unidade, especificá-la, de forma que o seu interlocutor compreenda da melhor forma possível o assunto. Com essa organização, detectamos, quase simultaneamente, a relação retórica de elaboração, pois ambas têm o papel de adicionar informações, acrescentar detalhes. Com isso, podemos dizer que, em tais ocorrências, as relações semântica e retórica podem ser consideradas **equivalentes**, isto é, quando a relação semântica geral-específico é detectada quase conjuntamente com a relação de elaboração.

A seguir, encontramos outros dois tipos de construções, que apresentam a *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação*; e *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e condição*, respectivamente. Ambas apresentam a relação semântica geral-específico, o que garante que as informações serão, primeiramente, generalizadas e, depois, especificadas. No caso das construções que apresentam *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação*, além da relação retórica de elaboração, nesse caso, ainda é detectada a relação retórica de avaliação que entra em competição e disputa a protagonia com a relação de elaboração. O mesmo ocorre com as construções que apresentam a *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e condição*, pois além da relação retórica de elaboração, ocorre também a relação retórica de condição, que entra em competição com a relação de elaboração. **A introdução de novas relações retóricas à construção é mais um mecanismo que o produtor encontra para desenvolver a argumentação.**

Nesses dois últimos casos citados, a relação semântica geral-específico não é detectada conjuntamente com a relação retórica de elaboração, pois há outras relações retóricas em competição, que prejudicam esse processo de detecção. Portanto, as relações semântica e retórica não podem ser consideradas equivalentes.

Na sequência, encontramos construções com *Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração*. Nesse caso, o produtor não possui a intenção de especificar algo que havia dito anteriormente; no entanto, ainda há a finalidade de elaborar, exemplificando e explicando o que havia sido dito anteriormente. Por último, observamos três tipos de construções: 1) *Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa*; 2) *Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição*; e, ainda, 3) *Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações de elaboração e solução*. Tais construções não apresentam a relação semântica; no entanto, nesses casos, aparecem as relações retóricas de justificativa, condição e solução que tendem a entrar em competição com a relação retórica de elaboração.

A seguir representamos de forma sistemática os dados de *por exemplo* analisados:

A partir das análises, encontramos nos dados escritos (*Corpus Blog*) um total de 45 (quarenta e cinco) ocorrências, isto é, em todas elas encontramos ocorrências de *por exemplo*. No entanto, das 45 ocorrências, 10 (dez) são “como *por exemplo*”, não podendo ser analisadas juntamente com a partícula *por exemplo*. Então, 35 (trinta e cinco) ocorrências de *por exemplo* foram analisadas de acordo com as relações encontradas, conforme quadro IV, a seguir:

Quadro VI - Construções de *por exemplo*

Relações encontradas nas construções de <i>por exemplo</i>	Dados escritos Ocorrências/Frequência 45 / 100	Dados orais Ocorrências/Frequência 123 / 100
Relação geral-específico e relação retórica de elaboração	25 / 71,42%	49 / 43,36%
Relação geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação	9 / 25,71%	29 / 25,66%
Relação geral-específico e relação retórica de elaboração e condição	1 / 2,87%	1 / 0,88%
Ausência da relação geral-específico e presença da relação retórica de elaboração	0	29 / 25,66%
Ausência da relação geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição	0	3 / 2,65%
Ausência da relação geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa	0	1 / 0,88%
Ausência da relação geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e solução	0	1 / 0,88%
Presença de “ <i>como por exemplo</i> ”	10	1
Construções não analisáveis (truncamentos, hesitações e deficiência de contexto)	0	9

Vale dizer que, dentre os dados escritos, percebemos uma grande quantidade de ocorrências em que há relação geral-específico, ou seja, das 35 ocorrências analisadas, todas apresentaram a relação geral-específico. Dentre as ocorrências que apresentaram a relação semântica geral-específico, 25 (vinte e cinco), 71,42%, possuíam a relação retórica de elaboração e 9 (nove), 25,71%, possuíam a relação retórica de elaboração e avaliação. Apenas 1 (uma) ocorrência apresentou a relação semântica geral-específico e

as relações retóricas de elaboração e condição. E nenhuma ocorrência apresentou ausência de relação geral-específico, o que demonstra que os produtores do texto tinham, de fato, a intenção de elaborar, por meio da especificação, do acréscimo de detalhes o assunto em questão, mostrando-nos que a preocupação, nesses casos, é com a argumentação.

Já nos dados orais (*Corpus Lusófono*), das 123 ocorrências em que o item *por exemplo* foi encontrado, 113 (cento e treze) foram analisadas de acordo com as relações elencadas, as outras 9 (nove) ocorrências foram consideradas como resíduo, pois apesar de haver a expressão *por exemplo*, não eram analisáveis devido a tantos truncamentos, hesitações e falta de contexto que nos levasse a uma determinada conclusão. Apenas 1 (uma) ocorrência dos dados orais apresentou “como *por exemplo*”.

Das análises realizadas nos 113 dados orais, 79 ocorrências, 69,9%, apresentaram a relação semântica geral-específico, isto é, assim como no *corpus* escrito, tal relação semântica é muito utilizada, também, nos dados orais, o que mostra, mais uma vez, que a preocupação primeira é a argumentação. Vale dizer, ainda, que dentre as ocorrências que apresentaram a relação semântica geral-específico, 49 (quarenta e nove), 43,36%, ocorrências apresentaram a relação retórica de elaboração, 29 (vinte e nove), 25,66%, a de elaboração e avaliação e apenas 1 (uma), 0,88%, apresentou a relação retórica de condição.

Nos dados orais, foi possível, também, constatar outra função da construção de *por exemplo*: aquela que não apresenta a relação semântica geral-específico e é percebida a partir das funções de exemplificação e focalização de informação, que aparece em 34 ocorrências, 30,07%. Apesar de, nesses casos, já não encontrarmos a relação semântica geral-específico, é possível localizarmos a relação retórica de elaboração, que apareceu nas 34 (29 + 3 + 1 + 1) ocorrências.

Vale lembrar que encontramos, nos dados orais, mais ocorrências de resíduos do que nos dados escritos. Isso quer dizer que, na oralidade, o falante tende a planejar o discurso de forma simultânea à fala, não podendo “apagar” aquilo que foi dito, havendo, então, mais truncamentos e hesitações do que nos dados escritos, quando o produtor planeja o que escreve de modo anterior à produção e tem a possibilidade de revisar e, conseqüentemente, corrigir o que será escrito, possibilitando, assim, o menor aparecimento de estruturas residuais. O mesmo acontece com construções que não apresentam a relação semântica geral-específico. Podemos notar que nos dados escritos nenhuma ocorrência deixou de apresentar tal função semântica, enquanto nos dados

orais, 30,07% apresentaram a falta dela; isso quer dizer que nos dados escritos, em que há a possibilidade de revisão e correção, o autor tende a organizar as porções de texto da melhor maneira a fim de incrementar a argumentação, utilizando como recurso a relação semântica geral-específico, tornando tais ocorrências [+ prototípicas], enquanto nos dados orais, em que o planejamento é feito *online*, o produtor do texto nem sempre dá conta de desenvolver a argumentação de forma tão ampla, tornando tais ocorrências [- prototípicas].

3.1.1 As construções de *por exemplo*

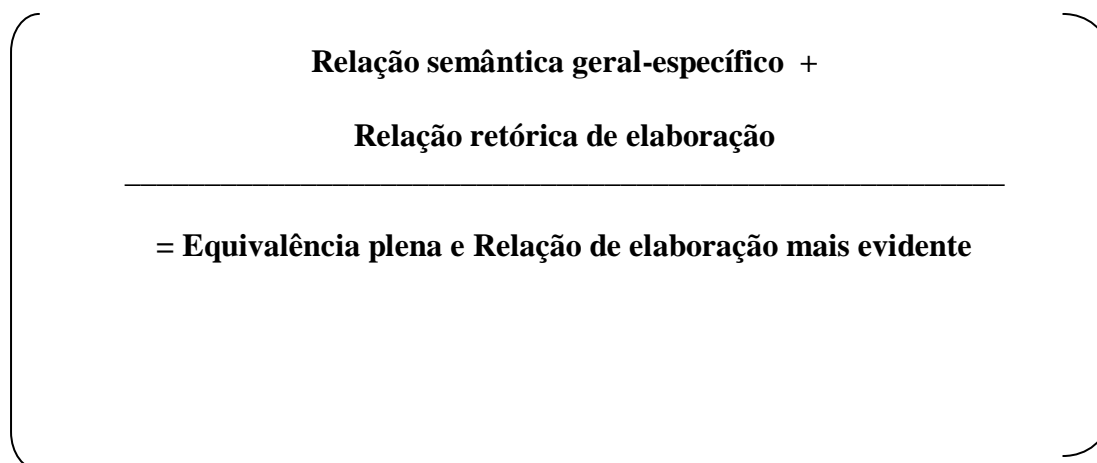
Nesta seção, analisaremos, nas relações detectadas (vide quadro da seção 4.1), os aspectos que fazem parte do estudo da RST: equivalência entre a relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e, também, o grau de evidência da relação retórica de elaboração.

a. Presença da relação geral-específico e relação retórica de elaboração

(19) E isso, esse orgulho, pode se sentir nas ruas, até entre os mais descamisados. Os argentinos são formais, porque se consideram civilizados. Buenos Aires, *por exemplo*, tem mais livrarias que o Brasil todo. E a você, que acha o Rio de Janeiro “a cidade mais bonita do mundo” eu lhe digo: vá a Buenos Aires e aprenda de uma vez por todas a diferença entre uma cidade e sua localização geográfica – o Rio é uma cidade horrorosamente favelada, uma espécie de ferida aberta bem no meio de uma paisagem de tirar o folego. [http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/\(escritor\)](http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/(escritor))

No exemplo (19), podemos notar a presença da relação semântica geral-específico. Na unidade base (A), o produtor do texto deixa muito claro que “Os argentinos são mais formais porque se consideram mais civilizados”. A unidade apositiva (B), “Buenos Aires, *por exemplo*, tem mais livrarias que o Brasil todo. E a você, que acha o Rio de Janeiro “a cidade mais bonita do mundo” eu lhe digo (...)” é capaz de especificar o que estava sendo dito anteriormente. Nesse sentido, é possível verificarmos a emergência da relação de elaboração, já que, nos termos da RST, o satélite especifica, exemplifica e adiciona detalhes à estrutura contida no núcleo. Por isso, podemos dizer que, nesse caso, encontra-se equivalência, pois a relação retórica de elaboração é identificada simultaneamente à relação semântica geral-específico.

Vale dizer, ainda, que a relação de elaboração, nesse caso, é considerada evidente devido à presença da relação semântico geral-específico na construção e a não competição com outras relações retóricas.



Depois de observarmos o exemplo anterior, vale chamar atenção para a questão da *equivalência*, que só ocorrerá quando, em uma construção de *por exemplo*, ambas as relações forem identificadas conjuntamente. Para que tais relações sejam detectadas simultaneamente, é obrigatória a presença de ambas as relações na mesma construção e que não haja outras relações retóricas que entrem em competição com a relação retórica de elaboração.

Em casos como esses, em que a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração são equivalentes, a relação retórica de elaboração será considerada *mais evidente*.

b. Presença da relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e avaliação

(20) Como estão os enfeites de Natal? Eu confesso que estou vivendo um dilema...rsrsrsr... Curtir enfeite de Natal, na verdade, eu não curto... É claro que é lindo o encontro de pessoas que se amam, mas isso pode acontecer o ano inteiro. E os enfeites imitando neve, coisa que nem combina com o nosso clima... Enfim, não curto mesmo, mas pra quem curte deve ser muito bom, *por exemplo*: *montar a árvore com alguém, por quem você tem amor, carinho. Como eu acredito que sempre é tempo de viver novos desafios, este ano vou receber minha família aqui no Rio e como teremos crianças aqui conosco no Natal deste ano, logo, o que tenho que ter? Uma árvore?!?! Rsrssrsrs....* Tenho andado por perto de lojas repletas de árvores pisca-pisca de todas as cores e formatos. Vi até um cacho de uvas que piscava! Paro, olho e vou embora, Acho que tive uma idéia! Vou comprar uma árvore bem bonita e enfeites piscantes e

ver o olhar feliz dessas pessoas que amo! (<http://bloglog.globo.com/flaviobauraqui/> (ator))

No exemplo (20), podemos notar a presença da relação semântica geral-específico. Na unidade base (A), o produtor do texto deixa muito claro que, apesar de não “curtir” enfeites de natal, acha lindo o encontro de pessoas que se amam. Na unidade apositiva (B), a estrutura “montar a árvore com alguém (...)” especifica o que estava sendo dito na unidade A: “(...) é claro que é lindo o encontro de pessoas (...)”.

No âmbito da relação retórica, é possível verificarmos a emergência da relação retórica de elaboração, já que, nos termos da RST, o satélite “montar a árvore com alguém (...)” especifica, exemplifica e adiciona detalhes à estrutura contida no núcleo “É claro que é lindo o encontro de pessoas que se amam, mas isso pode acontecer o ano inteiro”.

No entanto, é possível percebermos que a relação retórica de elaboração não atua sozinha, encontrando outra relação retórica que disputa espaço informacional na construção. Podemos dizer, então, que, no exemplo (20), o leitor reconhece que o satélite acrescenta detalhes sobre o núcleo e ainda, por meio da relação retórica de avaliação, faz o julgamento de que “(...) deve ser muito bom, *por exemplo*, montar árvore com alguém”.

Quadro VII - Definição da Relação Retórica de Avaliação

Nome da Relação	Núcleo	Satélite
Avaliação	Uma situação	Comentário que avalia uma situação

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>

Identificadas as duas relações retóricas na mesma construção, é possível dizermos que a relação de elaboração é menos evidente e não equivalente à relação semântica geral-específico.

A partir da análise dos *corpora*, em que o conector *por exemplo* assume o seu papel de guia, juntamente com os julgamentos de plausibilidade, torna-se possível a identificação da relação retórica de avaliação, portanto, do total de 168 dados analisados, 38 apresentam a relação retórica de avaliação.

Podemos dizer que as relações retóricas avaliativas ocorrem, segundo Labov (1972), devido à carga dramática ou ao clima emocional da estrutura analisada,

constatadas a partir de palavras evidentemente avaliativas. Observados tais aspectos que caracterizam as construções avaliativas, compreendemos que o produtor, ao utilizar uma construção avaliativa, tem o objetivo de expressar o que pensa ou o que sente sobre aquilo que está falando ou escrevendo, o que garante o nosso entendimento sobre o conjunto de valores que permeia todo o texto.

Vale ressaltar que a recorrência da relação retórica de avaliação se deve ao caráter argumentativo das construções de *por exemplo* e ocorre como uma conclusão a partir dos fatos que são apresentados. No exemplo (20), a relação retórica de avaliação é reconhecida, pois há um clima emocional na construção evidenciado, em especial pelo uso do termo e, também, porque o produtor, no núcleo/unidade apositiva, chega a uma conclusão a partir dos fatos apresentados: *por exemplo*: montar uma árvore com alguém, por quem você tem amor, carinho. Como eu acredito que sempre é tempo de viver novos desafios, este ano vou receber minha família aqui no Rio e como teremos crianças aqui conosco no Natal deste ano, logo, o que tenho que ter? Uma árvore?!?! Rsrssrsrs....”

Nesse sentido, Ford (1986) acrescenta que a relação retórica emerge no momento em que o leitor faz uma leitura plausível da porção de texto que coadune com a intenção do produtor. Nesse caso, então, a leitura plausível realizada mostrou que a construção apresenta, além da relação retórica de elaboração, a relação retórica de avaliação. Mesmo que ambas entrem em competição, disputando espaço informacional na construção, o autor introduz duas relações retóricas como estratégia argumentativa, ou seja, depois de acrescentar informações no satélite com a relação retórica de elaboração, o autor avalia, julga a situação, dando ou não o seu aval da situação, o que pode influenciar o interlocutor.

**Relação semântica geral-específico +
Relação retórica de elaboração e avaliação**

não equivalência, Rel. Retórica de elaboração menos evidente

c. **Presença da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição.**

(21) ao estabilizar a moeda, eh, eh, você ficou sem aquela loucura de, de, sabe, de trabalhar o dia inteiro, você perdia me[...], metade do dia, não somos sós nós em teatro, em qualquer outro tipo de ou[...], de outra... actividade, eh, cultural ou, ou, ou empresarial, você perdia metade do dia, tentando ver se o dinheiro não perdia o valor. e a outra [...] metade do dia você pensava em, em produzir. hoje você pode pensar em produzir o dia inteiro. você sabe que o teu, que o teu dinheiro está... aplicado ou, ou, ou, mesmo sem aplicação ele, a perda que ele vai ter se ficar um, dois dias na conta corrente é insignificante, eh, perto do, do, do que te aconteceu no passado. então você ficava a parte da manhã todinha, vendo o in[...], índice financeiro, indicadores financeiros, quanto é que vai dar o, quanto é que aumentou o dólar, compro o dólar, aplico nos CDBS, aplico nos 'comodities', não sei o quê. à tarde é que você ia ver, ver o que ia fazer com a sua fábrica, com o teu negócio, entende, agora não tem mais isso! então você tem muito mais tem[...], mais tempo para, para produzir. para pensar no s[...], no seu próprio negócio. Se eu vendesse, **por exemplo**, ingressos antecipados e aplicasse o dinheiro, ah, da Quarta-Feira, ah, para entregar esse ingresso, a pessoa só ia usar esse, esse ingresso no, no, no Domingo, não é, eu só ia pagar a minha, minha, minhas, minhas... compromissos na semana seguinte, eu ganhava mais dinheiro no mercado financeiro do que, do que, do que no próprio ingresso, está certo(...) (Corpus Lusófono - Título: O Plano Real/ Local: Brasil - S. Paulo: 1995)

No exemplo (21), podemos notar a presença da relação semântica geral-específico. No núcleo, explica-se sobre o tempo em que a moeda não era estável, o quanto de tempo se perdia pensando na aplicação do dinheiro que se ganhava. Já no satélite, a produtora do texto especifica uma determinada situação hipotética, que é a venda de ingressos.

Nesse caso, podemos, então, perceber a relação semântica geral-específico, pois, primeiramente fala-se daquilo que é geral, a moeda instável e a preocupação do investimento do dinheiro nessa época “(...) você perdia me[...], metade do dia, não somos sós nós em teatro, em qualquer outro tipo de ou[...], de outra... actividade, eh, cultural ou, ou, ou empresarial, você perdia metade do dia, tentando ver se o dinheiro não perdia o valor. e a outra [...] metade do dia você pensava em, em produzir. hoje você pode pensar em produzir o dia inteiro (...)” e, logo, a especificação: “Se eu vendesse, *por exemplo*, ingressos antecipados e aplicasse o dinheiro, ah, da Quarta-Feira(...)”.

Em seguida à identificação da relação semântica, notamos a presença das relações retóricas de elaboração e condição, que disputam espaço informacional na construção. Vale lembrar que devido à competição existente entre as relações retóricas citadas, a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração não são

identificadas simultaneamente, por isso, não são equivalentes e a relação de elaboração é considerada, então, menos evidente. A relação retórica de elaboração ocorre quando o produtor insere, no satélite, especificações sobre determinada informação que havia sido dita no núcleo. E a relação retórica de condição é notada no momento em que tal especificação é realizada por meio de uma situação hipotética; “Se eu vendesse, por exemplo, ingressos antecipados e aplicasse o dinheiro (...)”.

A introdução dessas relações retóricas realça, ainda mais, o caráter argumentativo da construção, pois o produtor lança mão de outros mecanismos para defender um determinado ponto de vista.

$$\begin{array}{c}
 \text{Presença da relação semântica geral-específico +} \\
 \text{Relação retórica de elaboração + Relação retórica de condição} \\
 \hline
 = \\
 \text{não equivalência e relação retórica menos evidente}
 \end{array}$$

d. Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração

(22) em casas assim de lavradores onde há grandes habitações, e então tem essas coisas: galinhas-da-índia, têm patos-da-índia, isso é tudo, hum, sim, é criado no campo, à vontade. e então são estes animais que, que se podem caçar à arma branca... também se podem caçar com arma de chumbo, pois claro.

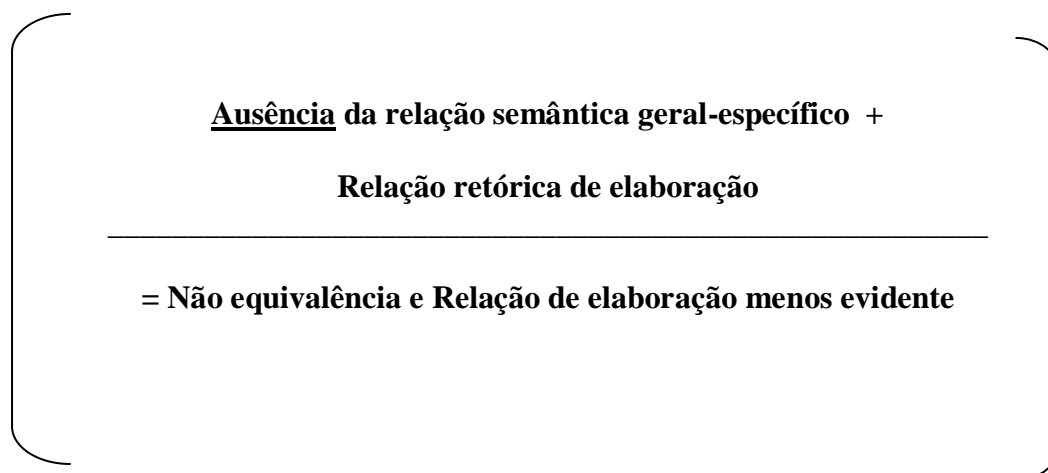
- mas...

-> há a rola, a rola que é, ah, caçada no, *por exemplo no dia quinze de, de quem? de Agosto, é que começa a caçada às rolas.* também é um animalzinho que é parecido a um pombo que se pode utilizar para comer, faz até por acaso um belo arroz (...) (Corpus Lusófono - Título: Homens e Bichos /Local: Portugal- Castro Verde, Beja/ Década de 70)

No exemplo (22), já não é possível perceber a relação semântica geral-específico. Observamos, no satélite (B), que o produtor do texto adiciona detalhes, mas não com a intenção de especificar uma informação anteriormente mencionada.

Mesmo com a ausência da relação semântica, é notória a emergência da relação retórica de elaboração. É possível observarmos a organização intencionada pelo produtor. Isto é, o satélite “*por exemplo no dia quinze de, de quem? de Agosto, é que começa a caçada às rolas (...)*” acrescenta informações importantes para que o leitor compreenda da melhor maneira possível as informações do núcleo. Podemos dizer que, mesmo não havendo a relação semântica geral-específico, é possível percebermos a relação retórica de elaboração. O produtor apesar de não fazer especificações, no satélite, sobre a informação dita no núcleo, adiciona alguns detalhes para que o leitor, de fato, compreenda as informações do núcleo. Dessa forma, podemos caracterizar essa relação retórica de elaboração como “menos evidente”, já que essa relação não equivale à relação semântica geral-específico.

Para resumir o que foi dito, observemos a estrutura esquemática abaixo:



e. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição

(23) o professor citou, que o... samba era proibido, só que pelo costume, tanto é que assim, ah, pensa no, no Código, por mais que sejam enormes, os gro[...], os Códigos, deve sempre aparecer coisa assim absurda que você fala "puta, como é que foi isso surgir, isso?" então, eh, o juiz, ele tem todo o direito de, se não tiver na lei, **por exemplo**, se ele procurar na le[...], nas leis, nos Códigos e não tiver nenhuma lei dirigida àquilo que está acontecendo, ele não pode falar que ele não vai resolver porque não tem lei. ele é obrigado a procurar em costumes o que por costume aqui seria feito, entendeu,

- ah! isso que eu ia perguntar...

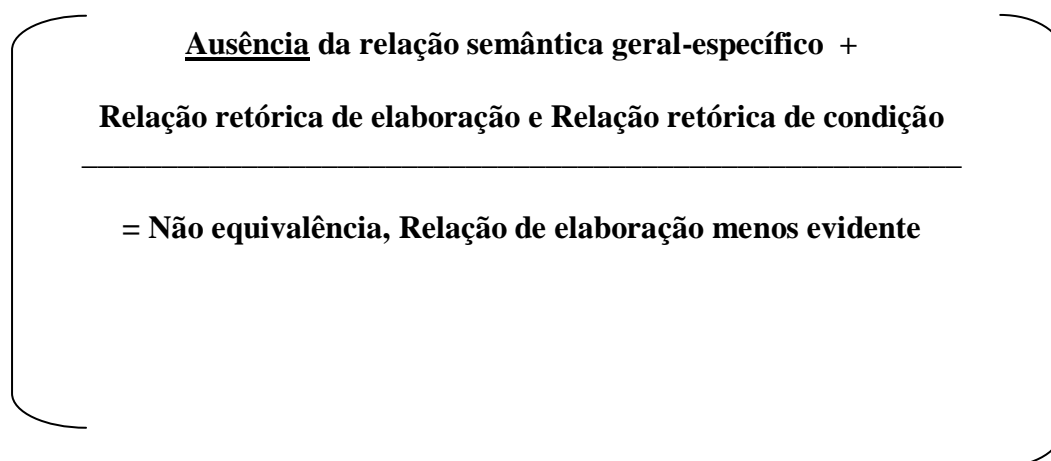
(Corpus Lusófono - Título: O Mundo do Direito/ Local: Brasil - Araquara, S. Paulo: 1995)

No exemplo (23), assim como no exemplo anterior (22), não encontramos a relação semântica geral-específico, pois o produtor do texto não pretende especificar nenhuma informação dada anteriormente. Vale dizer que apesar da inserção do conector *por exemplo*, o autor não utiliza a estratégia da especificação de informação para defender aquilo que está dizendo.

Ainda que não utilize a relação semântica anteriormente mencionada, o autor introduz, no satélite, novas informações, o que nos revela a emergência da relação retórica de elaboração: *o juiz, ele tem todo o direito de, se não tiver na lei, por exemplo, se ele procurar na le[...], nas leis, nos Códigos e não tiver nenhuma lei dirigida àquilo que está acontecendo, ele não pode falar que ele não vai resolver porque não tem lei.*

Diferentemente do exemplo (22), no exemplo (23) notamos outra relação retórica: de condição. Nesse exemplo, essa relação emerge, evidenciando uma situação hipotética, ilustrando o que o autor estava dizendo. Esse é mais um mecanismo utilizado pelo autor para aumentar o poder argumentativo e chegar ao objetivo principal, que é o convencimento.

O exemplo (23), assim como o exemplo (22) é considerado *menos equivalente*, pois não possui equivalência com a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração é menos evidente.



f. Ausência da relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e justificativa

(24) - é uma cidade que também tem muito coisas antigas. mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, por exemplo, eles acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arrebetam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim gênero planalto, é, palácio da alvorada...

- sei.

- correcto.

(Corpus Lusófono - Título: Arte Urbana/ Local: Brasil - Rio de Janeiro: Década de 80)

No exemplo (24), percebemos que a unidade (B) não especifica qualquer sintagma ou oração da unidade (A) anterior. Assim como nos exemplos (22) e (23), não é possível encontrar a relação semântica geral-específico, por isso, da mesma forma que os exemplos anteriores mencionados, não existe a equivalência entre as relações.

Nesse exemplo, a unidade B é introduzida para acrescentar informação básica, elementar referente à unidade A. Então, apesar da ausência da relação semântica geral-específico, ainda é possível notarmos a emergência da relação retórica de elaboração, mesmo que essa relação seja considerada menos evidente, como nos exemplos (22) e (23).

Em (24), ainda, podemos perceber a manifestação da relação retórica de justificativa. Conforme pode ser visto no Anexo III, essa relação se define da seguinte maneira:

Quadro VIII - Definição da Relação Retórica de Justificativa

Relação	Núcleo	Satélite
Justificação	Texto	Informação que sustenta o direito do escritor a escrever o texto

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>

A definição dada acima é complementada por Giering (2007). Segundo a autora, a relação de justificativa procura aumentar a inclinação do leitor para aceitar que o produtor apresente a informação nuclear. Muitas vezes, numa construção, a justificativa é percebida no momento que o produtor traz argumentos que o “livrem da censura sobre sua disposição em crer em algo, isto é, ele prevê uma possível contestação de sua posição e considera necessário sustentar, de alguma forma, seu direito de dizer, na medida em que sua posição pode não ser consensual”. (GIERING 2007:10;17).

É notório que o satélite em (24) elabora e também justifica a informação anterior. Dessa forma, “*eles acham que coisa antiga é coisa velha*” justifica a estrutura anterior que diz que as pessoas não dão o menor valor às coisas antigas. De acordo com Giering (2007), podemos dizer que o produtor do texto argumenta, a partir da introdução da justificativa, a favor de sua posição, explicitada no satélite.

Mais uma vez, nos termos de Ford (1986), a relação de justificativa emerge no momento em que o leitor faz uma leitura plausível das porções de texto que confirmam a intenção do escritor ao produzir o texto.

**Ausência da relação semântica geral-específico +
Relação retórica de elaboração e Relação retórica de justificativa**

= Não equivalência e Relação de elaboração menos evidente

g. Ausência da relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e solução.

(25) é uma cidade que também tem muito coisas antigas. mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, por exemplo, eles acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arreentam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim género planalto, é, palácio da alvorada...

- sei.

- correcto.

- assim, sabe, no meio, uma coisa assim...

- ham, ham.

- tacar ladrilho nas casas que não têm nada a ver. mas eu acho que, pelo menos eu acho que, que lá já está havendo mais, dentro do povo mesmo, da gente do lugar, uma consciência maior do que aqui, o velho não é, o, quer dizer, o antigo não é velho.

- correcto.

- eu acho que tem uma preocupação maior. mas acho que, aí é que eu acho. eu acho que é uma questão de educação, não é, e acho que isso, que o governo tem muita responsabilidade nisso. tem que ter. no sentido, sabe, eu acho que, **por exemplo**, deveria usar a televisão para se fazer propaganda, para se preservar, para se educar, para mostrar que a, que antigo não é velho! (Corpus Lusófono - Título: Arte Urbana/ Local: Brasil - Rio de Janeiro: Década de 80)

Em (25), encontramos mais um caso em que não há a relação geral-específico, pois não há, no satélite, especificações de informações do núcleo. Apesar da ausência da relação semântica, ainda é possível notarmos, após a introdução do conector *por exemplo*, o acréscimo de informações importantes para complementar o sentido do texto, daí a presença da relação retórica de elaboração. E, além da relação de elaboração, ainda encontramos uma segunda relação retórica: a de solução. Portanto, podemos concluir que a ausência da relação semântica e a presença de duas relações retóricas mostram que não há equivalência entre as relações e que a relação retórica de elaboração é considerada menos evidente.

Quadro IX - Definição da Relação Retórica de Solução

Relação	Núcleo	Satélite
Solução	uma situação ou método que satisfaz a necessidade, total ou parcialmente	uma pergunta, pedido, problema ou outra necessidade

Fonte: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>

Becker e Giering (2010) corroboram o que se encontra no *site* da RST, afirmando que na relação de solução, encontramos, no núcleo, uma situação, um método ou um procedimento que satisfaz o problema, a questão ou o desejo expresso no satélite. E, ainda, fala sobre as informações contidas no núcleo da relação de Solução, que podem ser as causas do problema, as ações relacionadas à pergunta, finalidades da questão, ou a ação referente ao problema.

No exemplo (25), diferentemente da definição dada por Giering (2010), é possível postular que no satélite é que se encontra a solução: “eu acho que, *por exemplo*, deveria usar a televisão para se fazer propaganda, para se preservar, para se educar, para mostrar que a, que antigo não é velho!”. Nesse caso, o produtor oferece uma possível solução para o problema, mostrando que a televisão deveria ser usada para combater o problema, apresentado do núcleo, que nesse caso é: “(...) eles acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arrebatam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim género planalto, é, palácio da alvorada”.

Assim, a emergência da relação retórica de solução demonstra, mais uma vez, que o leitor realizou uma leitura plausível das porções de texto compatível com aquela possivelmente intencionada pelo produtor do texto.

Ausência da relação semântica geral-específico +
Relação retórica de elaboração e Relação retórica de solução

= Não equivalência e Relação de elaboração menos evidente

Para clarificar o que foi dito anteriormente sobre equivalência das construções e evidência da relação retórica de elaboração, observemos o seguinte quadro:

Quadro X - Relação entre presença ou não de relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração

RELAÇÕES			EQUIVALÊNCIA		RELAÇÃO DE ELABORAÇÃO	
Semântica Geral-Específico		Retóricas Tipos	Sim	Não	Mais evidente	Menos Evidente
Sim	Não					
X		elaboração	X		X	
X		elaboração + avaliação		X		X
X		elaboração + condição		X		X
	X	elaboração		X		X
	X	elaboração + condição		X		X
	X	elaboração + justificativa		X		X
	X	elaboração + solução		X		X

A partir das análises realizadas, podemos dizer que o conector *por exemplo* é apenas uma direção para o reconhecimento de funções e de relações retóricas e, conforme apontam os dados acima analisados, assume o seu papel de guia e, juntamente com os julgamentos de plausibilidade, torna possível a identificação da relação retórica de elaboração que ocorre em 100% das ocorrências dos dados falados e escritos.

Segundo Haiman e Thompson (1988), a relação de elaboração é notada quando há uma relação “presente” entre duas ou mais unidades; isto é, a relação geral que se obtém entre um atributo e um valor, entre um conjunto e seus membros ou entre uma generalização e suas instâncias específicas. Tal ideia também é apoiada por Antonio & Takahashi (2010):

O núcleo e o satélite que relacionam as unidades de ideia são expressos por meio de orações apositivas ou por meio de orações explicativas enquanto elaboram combinações referentes ao assunto do texto (ANTONIO & TAKAHASHI, 2010:07)

Os conceitos apresentados acima apoiam a ideia de que a relação de elaboração presente nos dados analisados é representada por generalizações e especificações a partir da presença de estruturas apositivas²⁷. Assim, podemos concluir que a relação de elaboração está diretamente interligada a generalizações e especificações. Dessa forma, podemos dizer que a equivalência entre relação retórica de elaboração e relação semântica geral-específico, de fato, acontece.

Outro fator importante para detectar a relação de elaboração, mencionado por Taboada (2006), é a questão do gênero/suporte em que a relação está inserida. Segundo a autora, as relações retóricas, de certa forma, possuem uma correspondência com o gênero do texto em questão. No gênero entrevista e no suporte *blog* contamos com altos índices de relações de elaboração, já que no gênero entrevista a função é interrogar uma pessoa para saber sobre seus atos e ideias. Isto é, a entrevista é um gênero que demanda posicionamento de ponto de vista e, conseqüentemente, a elaboração e argumentação dessas ideias. No *blog*, encontramos uma grande variedade de assuntos, em que os “*blogueiros*” contam detalhes de sua vida íntima, pensamentos e ideias. Nesse suporte, encontramos o detalhamento de informações e a argumentação sobre diversos acontecimentos. Tanto nas entrevistas, quanto nos *blogs*, a argumentação, o detalhamento e especificação das informações são recorrentes, o que nos leva a postular a relação de elaboração como a relação-chave desses *corpora*.

Outro ponto que auxiliou na identificação da relação de elaboração nos dados analisados é a presença do conector *por exemplo*. Mesmo que a RST seja uma teoria capaz de descrever as relações entre partes de texto sinalizadas (lexicalmente/gramaticalmente) ou não, percebemos que, nos dados aqui investigados²⁸,

²⁷ Deve-se esclarecer que em todas as ocorrências de *por exemplo* há relação de elaboração. No entanto, há casos mais prototípicos em que a elaboração é representada pelas construções apositivas e relações textuais de geral e específico e, também, há relações menos prototípicas em que a elaboração é encontrada em construção de *por exemplo*, mas não é mais representada por construções apositivas e relações textuais de geral-específico.

²⁸ Em pesquisas realizadas por Taboada (2006), as relações do tipo *elaboração* tendem a ser menos marcadas nos dados por ela analisados, isto é, os conectores tendem a ser menos constantes nos dados em que essa relação aparece. Obviamente, não podemos corroborar, neste trabalho, a análise de Taboada

o conector *por exemplo* evidencia a relação de elaboração em nossos *corpora*. Isso nos leva a crer que a intenção do produtor é *hierarquizar, ordenar* o texto de uma forma que deixe evidente a finalidade de especificar, exemplificar ou focalizar uma informação.

Segundo Koch e Vilela (2001: 272), os marcadores constituem, ao lado dos pronomes, dos processos de repetição, da sinonímia, da antonímia e da hiponímia, e, ainda, da anáfora associativa, etc. um dos meios privilegiados para ordenar, hierarquizar, ligar, tornar mais fluido o movimento fórico construtor do discurso. De acordo com esses autores, os conectores são elementos lexicais usados para estabelecer conexões entre aquilo que precede ao que segue, formando movimentos fóricos que asseguram a função conectora.

Schiffrin (1987) mostra que os marcadores são elementos sequencialmente dependentes que apoiam as unidades de fala. Tal apoio é definido com aparato catafórico e anafórico, dependendo da posição do marcador.

Os exemplos analisados apresentam todas as manifestações das construções de *por exemplo* encontradas nos dados. Veremos, nas seções seguintes, como tais ocorrências são consideradas pelo viés da prototipicidade, iconicidade e argumentação.

3.2 A prototipicidade nas construções de *por exemplo*

Nesta seção serão analisados, nas relações detectadas, alguns elementos importantes para a identificação do grau da prototipicidade das construções de *por exemplo*: presença/ausência da relação geral-específico e a identificação das relações retóricas da construção.

Assim como Nogueira (1999), encontramos, nos estudos sobre protótipos, o entendimento necessário para as construções de *por exemplo*. Taylor (1989) mostra que os protótipos servem de ponto de referência para a categorização de construções não tão claras. Por isso, dependendo da organização pretendida pelo produtor e conseqüentemente a posição de *por exemplo* na construção, poderemos entender a construção como mais ou menos prototípica.

De acordo com Taylor (1989), a teoria clássica e objetivista de categorização estabelecia de forma rigorosa aquilo que pertencia ou não a uma determinada categoria.

(2006), uma vez que só procuramos dados que já apresentassem o conector *por exemplo*, nosso objeto de estudo.

Dessa maneira, o estudo das construções de *por exemplo* seria impossível, pois não haveria como observar as construções que apresentassem ou não relação semântica geral-específico e, conseqüentemente, as variações das relações retóricas de elaboração. No entanto, a partir da categorização por protótipos, foi possível perceber os níveis de gradiência de uma construção de uma dada categoria.

Nesse sentido, vale dizer que, de acordo com a teoria da categorização dos protótipos, são alguns atributos que tornam a construção mais ou menos prototípica. De acordo com esses conceitos, estabelecemos, assim como os demais pesquisadores Gonçalves (2001) e Rodrigues (2001), alguns critérios para a formação de um *continuum* de prototipicidade.

[+ prototípica]

Construções que apresentam

- * relação semântica geral-específico.
- * relação retórica de elaboração.
- * equivalência entre a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração.

[- prototípicas]

Construções que apresentam

- * ausência da relação geral-específico.
- * Presença da relação semântica geral-específico, presença da relação retórica de elaboração e outra relação retórica que entra em competição (Avaliação/justificativa/ solução/condição) com a relação retórica de elaboração.

Mediante análise dos dados, consideramos prototípicas as construções que apresentam a relação semântica geral-específico e, conseqüentemente, a relação retórica de elaboração, como são apresentadas a seguir.

3.2.1 Construções prototípicas

a. Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração

(26) Todas as religiões e filosofias tem suas explicações para o EGO, e TODAS pregam a busca por uma separação entre EGO e nossa essência... o AMOR!

A Kabbalah por exemplo, chama o EGO de SATAN, e o vê como o "mal necessario" para nossa evolução espiritual! Toda vez que conseguimos "dominar", "controlar" e "vencer" nosso SATAN, nos aproximamos mais e mais da LUZ!
<http://bloglog.globo.com/raulguterres/>

No exemplo (26), encontramos um exemplo prototípico, efetivado pela presença da relação semântica geral-específico, pois, na unidade na unidade A, no núcleo, diz-se aquilo que é geral “Todas as religiões e filosofias tem suas explicações para o EGO, e TODAS pregam a busca por uma separação entre EGO e nossa essência... o AMOR!” e, depois, na unidade B, no satélite, especifica-se: “A Kabbalah *por exemplo*, chama o EGO de SATAN, e o vê como o "mal necessario"(...)”.

Aqui, encontramos, conseqüentemente, a relação retórica de elaboração, pois ao especificar sobre as religiões e filosofias, o produtor do texto elabora uma explicação para aquilo que havia sido dito no núcleo. Portanto, podemos dizer que é possível observar uma relação de equivalência entre a relação semântica e a relação retórica, cumprindo, dessa forma, os critérios estabelecidos para as construções prototípicas.

3.2.2 Construções que se afastam da prototipicidade

a. **Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação**

São consideradas construções que se afastam da prototipicidade aquelas que, apesar de apresentarem a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração, apresentam uma segunda relação retórica, que segundo os dados, podem ser: avaliação e condição.

(27) Hoje fazem dez dias que perdi para o Josh Barnett, tem sido dias muito difíceis, só consigo dormir no máximo quatro horas por noite. A cabeça não para de pensar que tudo poderia ter sido diferente. Essa derrota, foi talvez a mais dolorida de todas, por exemplo quando perdi para o Couture na primeira luta, foi horrível mas sabia que tinha feito tudo que podia para vencer, e a vitória ou derrota não estava em minhas mãos, fui roubado pelos juízes. <http://bloglog.globo.com/pedrorizzo/> (lutador)

Por não haver total correspondência entre a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração, devido à presença de uma segunda relação retórica, a avaliação, que compete espaço informacional na construção com a relação retórica de elaboração, esse exemplo representa uma construção que *se afasta da prototipicidade*.

b. Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e condição.

O exemplo (28) abaixo, retoma o exemplo (21), pois esse tipo de ocorrência é escasso entre os dados analisados. No total, encontramos apenas dois exemplos dessa construção.

(28) ao estabilizar a moeda, eh, eh, você ficou sem aquela loucura de, de, sabe, de trabalhar o dia inteiro, você perdia me[...], metade do dia, não somos sós nós em teatro, em qualquer outro tipo de ou[...], de outra... actividade, eh, cultural ou, ou, ou empresarial, você perdia metade do dia, tentando ver se o dinheiro não perdia o valor. e a outra [...] metade do dia você pensava em, em produzir. hoje você pode pensar em produzir o dia inteiro. você sabe que o teu, que o teu dinheiro está... aplicado ou, ou, ou, mesmo sem aplicação ele, a perda que ele vai ter se ficar um, dois dias na conta corrente é insignificante, eh, perto do, do, do que te aconteceu no passado. então você ficava a parte da manhã todinha, vendo o in[...], índice financeiro, indicadores financeiros, quanto é que vai dar o, quanto é que aumentou o dólar, compro o dólar, aplico nos CDBS, aplico nos 'comodities', não sei o quê. à tarde é que você ia ver, ver o que ia fazer com a sua fábrica, com o teu negócio, entende, agora não tem mais isso! então você tem muito mais tem[...], mais tempo para, para produzir. para pensar no s[...], no seu próprio negócio. *Se eu vendesse, por exemplo, ingressos antecipados e aplicasse o dinheiro, ah, da Quarta-Feira, ah, para entregar esse ingresso, a pessoa só ia usar esse, esse ingresso no, no, no Domingo, não é, eu só ia pagar a minha, minha, minhas, minhas... compromissos na semana seguinte, eu ganhava mais dinheiro no mercado financeiro do que, do que, do que no próprio ingresso, está certo(...)*

(Corpus Lusófono – Título: O Plano Real/ Local: Brasil - S. Paulo: 1995)

Assim como no exemplo (27), o exemplo (28) apresenta duas relações retóricas (elaboração e condição), detectadas pelo critério de plausibilidade, que é a capacidade de o analista levar em consideração o contexto e as intenções do escritor para estabelecer a relação entre os textos. Com isso, podemos dizer que a relação retórica de condição impede que o leitor detecte a relação retórica de elaboração conjuntamente com a relação semântica geral-específico. Com isso, não é possível identificar a

equivalência entre as relações semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração; e, ainda, podemos dizer que a relação retórica de elaboração é considerada menos evidente. Assim como no exemplo anterior, o exemplo (28) é considerado uma construção *que se afasta da prototipicidade*.

3.2.3 Construções não prototípicas

a. Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração

O exemplo (29), a seguir, representa construções que não apresentam a relação semântica geral-específico. Nesses casos, já não faz sentido falarmos em equivalência (entre relações semântica geral-específico e relação retórica de elaboração), pois uma das relações não está presente.

(29) -costuma ouvir cá as notícias sobre Timor, aqui em Portugal?

-> sim.

- e

-> todo o dia.

- todo o dia.

-> acompanha sempre

- ham, ham. acha que, que eles dão bem as notícias ou...

-> não, o nosso problema foi... precisamente isso, sobre... as impensas.

- hum, hum.

-> são as impensas e eles conseguem divulgar o nosso caso através dessa, dessas maneira.

- hum, hum.

-> também é uma parte da luta.

- hum, hum.

-> pois, nós conseguimos e, convencer os jornalistas para entrar lá dentro e divulgar o nosso, o nosso caso. se f[...], se fo[...], se não foram eles, o nosso caso foram, eh, foi abafado.

- hum, hum. aqui, *por exemplo*, há cinco anos atrás, acreditava que o problema de Timor se ia resolver assim depressa?

-> não. não acreditamos. (Corpus Lusófono - Título: Por Timor independente /Local: Timor-Baucau/ 1999)

Ainda que esteja ausente a relação semântica geral-específico, é possível notarmos a presença da relação retórica de elaboração, já que o falante acrescenta, no satélite, informações explicitadas no núcleo. Nesse caso, apesar de haver apenas a relação retórica de elaboração, não a classificamos como evidente, pois a relação semântica

geral-específico não está presente, dificultando a detecção de tal relação retórica. Nesse caso, na escala de prototipia, a construção é considerada *menos prototípica* do que as construções anteriormente citadas.

3.2.4. Construções menos prototípicas ainda

a. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição.

Tomemos, agora, o trecho dado em (30), a seguir. Como dissemos anteriormente, em casos de ausência da relação semântica geral-específico não faz sentido falarmos em equivalência entre relações. No entanto, nesse caso, é possível percebermos a relação retórica de elaboração e, também, a relação retórica de condição.

(30) ah! profissionalmente falando! pois! no meu caso, que estou no jornal, claro, aí está! surgiu agora a hipótese de entrevistar os, os Extreme, mas isso é uma hipótese que surge... de cinco em cinco anos, se é que surgir! de vez em quando pela san[...], pelas sanjoaninas principalmente, vêm cá grupos de, mais grupos de fora

- hum, hum.

-> dois ou três. aí já há mais uma hipótese

- hum, hum.

-> de eu fazer umas entrevistas. durante o ano, claro que não há muito trabalho. e aí está: é uma das desvantagens, se eu *por exemplo*, se estivesse em Lisboa, já tinha entrevistas todas as semanas, não é (...)

(Corpus Lusófono – Título: Um Meio Pequeno/ Local: Portugal - Angra do Heroísmo, Açores: 1996)

No exemplo (30), notamos a presença da relação retórica de elaboração. O autor adiciona, no satélite, informações importantes para que o leitor compreenda as informações fornecidas no núcleo. Nesse caso, ainda é possível notarmos a emergência da relação retórica de condição, que potencializa a argumentação, garantindo que o leitor compreenda as intenções do produtor.

Com isso, podemos dizer que a ausência da relação semântica geral-específico garante a não equivalência entre as relações; e a presença de duas relações retóricas – elaboração e condição - , define que a relação retórica de elaboração é *menos evidente*.

Esse exemplo é considerado, na escala da prototipia, *menos prototípico ainda*.

Nos parágrafos **b** e **c** a seguir, os exemplos (31) e (32) constituem retomadas de exemplos dados anteriormente, pois são exemplares únicos nas análises dos dados da construção de *por exemplo*, o que inviabiliza a variação dos exemplos.

b. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa.

(31) é uma cidade que também tem muito coisas antigas. mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, *por exemplo*, eles acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arrebetam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim género planalto, é, palácio da alvorada...

- sei. (Corpus Lusófono - Título: Arte Urbana/ Local: Brasil - Rio de Janeiro: Década de 80)

No exemplo (31), que retoma o exemplo (24), não é possível notarmos a utilização do mecanismo de generalização e especificação de informação. No entanto, a relação retórica de elaboração é percebida, já que o autor, ao introduzir o *por exemplo*, elabora a informação, adicionando detalhes ao que tinha sido dito anteriormente. Nessa ocorrência, percebemos que, além da relação retórica de elaboração, está presente a relação retórica de justificativa, pois o produtor do texto, ao elaborar a informação, apresenta uma justificativa “*eles acham que coisa antiga é coisa velha*”. A presença de duas relações retóricas numa mesma construção dificulta a detecção da relação retórica de elaboração e, por isso, será considerada menos prototípica, já que não apresenta a relação semântica geral-específico e apresenta, ainda, relações retóricas que entram em competição.

c. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações de elaboração e solução.

(32) é uma cidade que também tem muito coisas antigas. mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, por exemplo, eles acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arrebetam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim género planalto, é, palácio da alvorada...

- sei.

- correcto.

- assim, sabe, no meio, uma coisa assim...

- ham, ham.

- tacar ladrilho nas casas que não têm nada a ver. mas eu acho que, pelo menos eu acho que, que lá já está havendo mais, dentro do povo mesmo, da gente do lugar, uma consciência maior do que aqui, o velho não é, o, quer dizer, o antigo não é velho.

- correcto.

- eu acho que tem uma preocupação maior. mas acho que, aí é que eu acho. eu acho que é uma questão de educação, não é, e acho que isso, que o governo tem muita responsabilidade nisso. tem que ter. no sentido, sabe, eu acho que, por exemplo, deveria usar a televisão para se fazer propaganda, para se preservar, para se educar, para mostrar que a, que antigo não é velho!

(Corpus Lusófono - Título: Arte Urbana/ Local: Brasil - Rio de Janeiro: Década de 80)

O exemplo (32), que retoma o exemplo (25), não apresenta a relação semântica geral-específico, pois as informações contidas no satélite não especificam qualquer informação do núcleo. No entanto, nele emergem duas relações retóricas: elaboração e solução. Nesse sentido, podemos dizer que, por não apresentar a relação semântica geral-específico e por apresentar as relações retóricas de elaboração e solução, tal ocorrência é considerada, na escala da prototipicidade, como menos prototípica ainda.

O esquema, a seguir, resume o que foi discutido no que se refere ao grau de prototipicidade das construções de *por exemplo*

Esquema 2: Relação entre presença (ou não) da relação semântica geral-específico e da relação retórica de elaboração e a prototipicidade da construção.

1)

Mais prototípicas



Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração;

2)

Afastam da prototipicidade

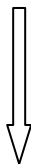


Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação;

Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e condição

3)

Menos
prototípicas



Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração.

4)

Menos
prototípicas ainda



Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição.

Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa.

Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações de elaboração e solução.

3.3 A iconicidade e a força argumentativa nas construções de *por exemplo*

Não seria possível analisar os dados do ponto de vista da iconicidade sem mencionar a função argumentativa presente. Por isso, nesta seção, será analisada, nas relações encontradas nos dados, a correspondência que existe entre função e forma.

A argumentação pode ser considerada a função mais importante dos dados de *por exemplo*, já que é encontrada em todas as ocorrências. Podemos dizer, ainda, que o produtor do texto lança mão de variados mecanismos argumentativos para defender um determinado ponto de vista, o que nos leva a constatar a grande força argumentativa presente nas construções.

Chamamos de força argumentativa as diversas estratégias (relação semântica geral-específico; relações retóricas – elaboração, avaliação, solução, condição e justificativa -, e focalização de informação) utilizadas pelo produtor do texto no momento da produção. Então, como as construções de *por exemplo* possuem grande força argumentativa, apresentam também, de acordo com os princípios do funcionalismo, grande quantidade de estruturas para representar a argumentação, daí a relação entre forma (estruturas) e função (argumentação).

Os dados foram interpretados a partir das ideias de posição, disputa e sustentação, discutidos por Schiffrin (1987) e retomados por Vieira (2002). Nos dados analisados, *por exemplo*, na maioria das vezes, aparece como introdutor de sustentação/suporte de alguma ideia (posição) exibida anteriormente. Porém, diferentemente do trabalho de Vieira (2002), nós não encontramos nos dados investigados traços de um segundo participante, do interlocutor, fazendo papel daquele que questiona, que entra em desacordo com a ideia exposta. O que notamos é que um mesmo participante exibe uma determinada posição ou proposição, nos termos de Garcia (2007) e logo, por meio de evidências, a sustenta, levando, na maioria das vezes, o leitor a ser persuadido. No entanto, reconhecemos que, principalmente em dados retirados de entrevistas e comentários de *blog*, pode haver a presença de um interlocutor virtual, atuando como questionador de ponto de vista.

Além das ideias de Vieira (2002), trabalhamos com a noção de força argumentativa de Ducrot (1998) para analisarmos os dados de *por exemplo*. De acordo com esse autor, os predicados são nomes e verbos, e as palavras que podem atuar como modificadoras desse predicado com maior ou menor força argumentativa são os adjetivos e os advérbios. No entanto, é necessário repensarmos um pouco sobre tal

teoria, visto que tratar de advérbios e adjetivos em nossas análises não seria tão abrangente quanto tratar de construções. Sendo assim, podemos dizer que o produtor do texto, quando decide utilizar *por exemplo* em uma determinada construção, com certeza opta por utilizar maior força argumentativa. Isso quer dizer que a sua intenção é potencializar a força argumentativa, adicionando estratégias que visam ao convencimento do interlocutor.

Para entender melhor o que foi dito anteriormente, observemos o esquema 3, abaixo:

Esquema 3 - Esquema argumentativo do conector *por exemplo*

Posição – ideia a ser exibida
<p>Sustentação – (evidência que sustenta o ponto de vista)</p> <p>a) Evidência formal/empírica: a especificação, os dados estatísticos, os testemunhos e os fatos encontrados na unidade apositiva/ satélite sustentam o ponto de vista defendido na unidade base.</p> <p>b) Elaboração: o autor adiciona, no satélite, informações que serão importantes para a compreensão do leitor.</p> <p>c) Avaliação: a apreciação (do avaliador em relação ao objeto avaliado) e o julgamento (segundo normas de comportamentos éticos e sociais) marcam a atitude do falante e constituem a sustentação do ponto de vista defendido e representado na unidade base.</p> <p>d) Justificativa: o autor acrescenta uma informação que justifica o seu direito de escrever o texto.</p> <p>e) Condição: o autor acrescenta uma informação dita hipotética que auxilia no momento da argumentação.</p> <p>f) Solução: o autor insere uma solução, seja essa total ou parcial, que tem como objetivo sustentar o seu ponto de vista.</p> <p>g) Focalização: nas construções em que não se observa a relação semântica geral-específico, a estratégia de focalização de uma informação – que pode ser tanto uma informação catafórica ou anafórica – fica muito mais evidente.</p>

Como se pôde perceber, no esquema aparecem apenas a *posição* e a *sustentação*, não ocorrendo a *disputa*. (cf. capítulo 2 deste trabalho)

“De acordo com Schiffrin, a argumentação é constituída essencialmente por dois componentes: a posição a ser defendida e a sua sustentação, esta última podendo corresponder a explanação, justificação, defesa e modo de apresentação” (Gryner, 2000, p.98-99).

Os mecanismos acima dispostos são empregados de acordo com a intenção do produtor do texto. E é possível percebermos que tais mecanismos são materializados por meio de inúmeras informações, isto é, uma grande quantidade de forma, obedecendo, então, o subprincípio da quantidade, proposto pela Teoria da Iconicidade. Além disso, percebemos a integração que há entre as informações do núcleo e as informações do satélite: tudo aquilo que o produtor insere no satélite é motivado pelas informações contidas no núcleo, levando em consideração o subprincípio da integração. E, ainda, é possível percebermos, nos exemplos analisados, como mecanismo argumentativo, o subprincípio da ordenação linear, que consiste na inserção das informações mais importantes, consideradas assim pelo produtor, no princípio da construção do satélite, visando o convencimento de uma determinada ideia.

Analisemos os exemplos abaixo levando em consideração a relação entre função e forma descrita acima.

a. Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração

(33) Esse tipo de líder permite alguns excessos, mas, sob certas condições prescritas. **Por exemplo,** *Dourado tolera as excentricidades de Serginho desde que ele não fale de suas relações sexuais nem se oponha deliberadamente à ordem heterossexual que ele defende. Ora, é fácil tolerar um gay quando ele tem homofobia internalizada, é despolitizado, está reduzido ao estereótipo da “bicha louca” e, por isso mesmo, justifica a opressão que a maioria heterossexual exerce contra os homossexuais.*

<http://bloglog.globo.com/jeanwyllys/> (escritor)

O exemplo (33), que pertence à tipologia *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração*, representa a relação mais prototípica, em que há presença da relação geral-específico e, conseqüentemente, a relação retórica de elaboração.

No que se refere à iconicidade, as análises realizadas nos mostram que não há arbitrariedade entre forma e função. Dessa maneira, nessa e em muitas outras

ocorrências, *o complexo oracional* foi utilizado a fim de especificar e explicar o que o autor selecionou como tema, no núcleo. Isto é, a função argumentativa demanda, nesse caso, um grande número de estruturas para corresponder à intenção pretendida pelo autor. Vale dizer que, das 73 ocorrências consideradas mais prototípicas (entre os dados orais e escritos) que foram analisadas, 63 apresentaram, no satélite, um complexo oracional, confirmando assim a força argumentativa das construções de *por exemplo*.

Além do subprincípio da quantidade, podemos perceber o subprincípio da integração: o conteúdo do núcleo, expresso na unidade base, está mental e sintaticamente conectado por meio do conector *por exemplo* ao conteúdo do satélite, expresso na unidade apositiva da construção. De acordo com Fodor (1998), a mente é um computador que mapeia conteúdos a partir das propriedades causais lógicas; assim, a informação contida no núcleo é a causa para que o autor mapeie e então elabore, na unidade subsequente, informações necessárias para que o leitor compreenda, de fato, a intenção do produtor do texto.

E, por fim, notamos o subprincípio da ordenação linear. Nesse sentido, é possível perceber, nesse caso, que a intenção primordial do autor é a argumentação. O autor utiliza argumentos para convencer o leitor da sua ideia: “Esse tipo de líder permite alguns excessos, mas, sob certas condições prescritas”. Por isso, os argumentos mais convincentes ocorrem em primeiro plano, após a introdução do conector, quando o autor utiliza a especificação como estratégia de convencimento. Com isso, podemos dizer que a ordem dos termos reflete os interesses pretendidos pelo autor.

b. Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e avaliação

(34) - portanto, pertences a um... grupo de futebol, tens os treinos mais ou menos diários, é?

-> sim. normalmente. depende de, vá, da qualidade do clube, do cal[...], da qualidade do campeonato que está a disputar.

- hum, hum. hum, hum. e esse treino, portanto há uma parte que é mesmo igual para todos, então, não é?

-> é. há o treino conjunto, que é

- ah, pois. [...]

pois, futebol. e há o treino técnico específico, que é jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos, e depois há outro treino técnico mas... de, da própria técnica em si, tipo, aquilo que eu lhe disse há bocado

- sim

-> fintar

- hum, hum.

-> receber a bola, rematar.

- normalmente, eh, quantas horas treina por dia um jogador?

-> profissional? da primeira divisão?

- ao nível a que tu jogavas?

-> ah, p[...], a nível a que eu jogava, pouco. uma vez, du[...], de dois em dois dias, para aí, duas horas.

- duas horas de dois em dois

-> mas um jogador do Benfica ou um jogador profissional

- hum, hum.

-> da primeira divisão treina quatro horas por dia, ou cinco mesmo. duas e meia de manhã, duas e meia à tarde.

- é duro!

-> é duro.

- e chato também, com certeza, não?

-> sim, não, um gajo faz o que gosta, é sempre bom.

- eu penso que, ah! mesmo fazendo o que se gosta há partes que são chatas.

-> ah, claro! eu, *por exemplo*, gostava muito de jogar futebol, mas, se jogava ao Domingo à noite, [...] ao Domingo de manhã aliás, Sábado à noite não ia sair. prontos, é logo aquela, mas pronto, não ia sair. e depois há os esfolões, as feridas, eh, aquelas coisas todas. mas prontos isso... a gente está no chão todo esfolado, vê a bola a passar, levanta-se logo e pronto. passa logo tudo.

(Corpus Lusófono - Título: Jogar Futebol/ Local: Portugal – Faro: 1995)

No exemplo (34), que pertence à tipologia *Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação*, encontramos a relação semântica geral-

específico, quando o autor generaliza contando como é a vida daqueles que jogam futebol. Logo, especifica, colocando-o como o foco do assunto.

Detectamos também a relação retórica de elaboração, ou seja, no momento em que se especifica o assunto, o autor também elabora, adicionando informações importantes para que o leitor compreenda da melhor forma possível a intenção do autor. No entanto, como mencionado anteriormente em outras seções, encontramos, ainda, a relação retórica de avaliação, que disputa espaço informacional com a relação retórica de elaboração na construção de *por exemplo*. A avaliação é feita pelo produtor no momento em que ele avalia e julga uma determinada situação: eu, **por exemplo**, gostava muito de jogar futebol, mas, se jogava ao Domingo à noite, [...] ao Domingo de manhã aliás, Sábado à noite não ia sair.

Mais uma vez, pudemos perceber que, de acordo com a teoria da iconicidade, forma e função estão em sintonia, pois o produtor tem a intenção de argumentar sobre o assunto e por isso utiliza diversos mecanismos e elementos, o complexo oracional, que farão parte da estratégia argumentativa.

Assim como mencionado anteriormente, os outros princípios da Iconicidade estão presentes: o subprincípio da integração, pois o conteúdo do núcleo se conecta mental e sintaticamente com o conteúdo do satélite; e também o subprincípio da ordenação linear. Assim como no exemplo (33), neste exemplo também percebemos que o autor utiliza argumentos para convencer o leitor de uma determinada opinião. Então, como estratégia argumentativa, o autor utiliza os argumentos considerados mais convincentes no primeiro plano, nesse caso, acrescenta uma evidência (“eu, *por exemplo (...)*”, obedecendo, assim, o subprincípio da ordenação linear, que destaca que a ordem dos termos reflete os interesses do leitor.

Diferentemente do que ocorre no exemplo (34), o exemplo (35), que pertence ao mesmo tipo de relação, mostra-nos outra possibilidade de elaboração do processo argumentativo.

(35) agora, eu vou lhe contar uma diferença muito interessante. eu cheguei no Pará, então, no Pará usa-se muito, depois, mais tarde, não é, eu mesmo - quase como se fosse uma pesquisa - no Pará, fala-se muito o português de Portugal.

- não, é?

- é, o português com muitas palavras do português de Portugal. porque nós falamos o português, mas o português em Portugal

- hum.

- falamos completamente diferente. *por exemplo*, no Pará não diz "tem uma esquina", "tem um sobrado". no Pará não diz aqui nós dizemos "na esquina... da Álvares de Miranda", não é, "com a avenida suburbana", "você vai lá, fulano, no sobrado, está," no Pará diz "no canto da rua tal", "nos alto", que é o sobrado, não é, por exemplo, "vou fazer, vou," aqui, como você diz, "vou fazer um terno" (Corpus Lusófono - Título: Bichinho /LOCAL: Brasil - Rio de Janeiro: Década de 80).

No exemplo (35), encontramos a relação semântica geral-específico, pois o autor, primeiramente, generaliza uma informação, contando como é a vida daqueles que jogam futebol. Logo, especifica tal informação, colocando-a como o foco do assunto. Há, ainda, a emergência de duas relação retóricas: a elaboração e avaliação. Assim como no exemplo anterior, é possível percebermos, no satélite, a adição de detalhes e também a avaliação, o julgamento realizado por parte do produtor.

No entanto, esse exemplo, diferentemente daqueles citados anteriormente nesta seção, não apresenta um complexo oracional. Ainda que o exemplo seja argumentativo, o autor acrescenta depois do conector um exemplo: “no Pará não diz "tem uma esquina", "tem um sobrado"”, que se materializa em apenas uma oração.

Vale dizer que casos como esses ocorrem de forma escassa nos dados analisados. Das 38 ocorrências desse tipo (Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação), apenas 2 apresentam, no momento da argumentação, uma oração e não um complexo oracional.

A escolha de apenas uma oração para introduzir o processo argumentativo não é uma falha e sim uma estratégia utilizada para que o autor alcance o seu objetivo. Nesse caso, o autor opta pela inclusão de um exemplo direto (uma oração) que chame a atenção do leitor. Logo, na sequência argumentativa, ele insere outros argumentos materializados por complexos oracionais.

Os outros subprincípios da Iconicidade estão presentes. O subprincípio da integração ocorre, pois aquilo que está sendo tratado no satélite corresponde ao que foi dito no núcleo, mantendo, assim, uma conexão mental e sintática entre as porções de texto. Também o subprincípio da ordenação é detectado, quando a oração é introduzida

após o conector, evidenciando que a informação mais importante e esclarecedora deve ocupar a primeira posição na construção.

c. Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e condição

(36) Nós artistas estamos sempre viajando. O que mais acontece é remarcar passagens, mudar trechos, transformar milhas em créditos, enfim... temos que fazer uma "suruba de bilhetes" pra dar tudo certo. Como nessa confusão toda a gente acaba ficando com vários créditos resolvi pegar todos eles e transformar em um crédito só. Belezzz!

Belezzz nada. Eu chego na loja da Tam e a moçoila me da a notícia: A partir de agora se eu tiver **por exemplo**, um crédito de mil reais e utilizá-lo para comprar uma passagem que custa seiscentos reais, o troco que seria meu (afinal o crédito está EM MEU NOME!!!) volta é pra operadora que comprou a passagem pra mim. E mais uma vez eu não consigo ver a cor do dinheiro... nem dos créditos da TAM TAM...
<http://bloglog.globo.com/geraldomagela/> (humorista)

No exemplo (36), como já dito anteriormente, emergem a relação retórica geral-específico e, também, as relações retóricas de elaboração e condição.

Nesse caso, podemos perceber que forma e função possuem uma relação harmônica, pois o produtor tem a intenção de argumentar sobre o assunto e, por isso, utiliza diversos mecanismos como a relação geral-específico e as relações retóricas de elaboração e condição. Nesse caso, é importante percebermos que a estratégia argumentativa é representada por um complexo oracional, atendendo, assim, um dos subprincípios da iconicidade: o subprincípio da quantidade. Quanto maior a força argumentativa, maior a quantidade de forma a ser utilizada.

Além do subprincípio da quantidade, notamos que os conteúdos do núcleo e satélite estão conectados, nesse caso, pelo conector *por exemplo*, mostrando-nos que no satélite, através da relação retórica de elaboração, há uma continuação do assunto tratado anteriormente, por isso podemos dizer que os conteúdos estão intrinsecamente conectados tanto mental como sintaticamente, obedecendo ao subprincípio da integração.

Ao utilizar argumentos para convencer o leitor de determinado ponto de vista, percebemos que o produtor os posiciona estrategicamente: os mais convincentes são introduzidos em primeiro plano na construção: A partir de agora se eu tiver **por exemplo**, um crédito de mil reais e utilizá-lo para comprar uma passagem que custa

seiscentos reais, o troco que seria meu (afinal o crédito está EM MEU NOME!!!) volta é pra operadora que comprou a passagem pra mim. Nesse caso, o produtor do texto introduz um exemplo hipotético para convencer o leitor dos absurdos realizados pela empresa no resgate de créditos.

d. Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração

(37)²⁹ (...) problemas ecológicos, como disse, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola. a transferência de populares, camponeses, *por exemplo*, do planalto central para as regiões de Luanda, regiões de Benguela e Lobito, o Namibe inclusivamente, em que eles vêm com hábitos culturais do Lubango, do Huambo, por exemplo, da província do Huambo, onde chovem mil e seiscentos milímetros por ano, e vão para as zo[...], zonas semi-áridas, mas as técnicas de cultivar são as mesmas que eles utilizavam no Huambo.(Corpus Lusófono – Título: A guerra e o ambiente/ Local: Angola-Luanda:1997)

No exemplo (37), relação semântica geral-específico não ocorre. A unidade (B), nesse caso, não possui a função de especificar e, sim, enfocar um referente da unidade posterior (B). No entanto, vale ressaltar que ainda é possível percebermos a manifestação da relação retórica de elaboração, pois detalhes são acrescentados para facilitar a compreensão do texto pelo leitor/ouvinte.

Diante disso, podemos dizer que o produtor organizou as porções de texto de forma que *por exemplo* sinalizasse uma função de focalizador de informação. Nessa posição, *por exemplo* assume, prioritariamente, a função de focalizar o elemento subsequente. Nesse caso, o elemento destacado é “do planalto central para as regiões de Luanda, regiões de Benguela e Lobito, o Namibe inclusivamente, em que eles vêm com hábitos culturais do Lubango (...)”, que foi inserido pelo produtor para facilitar o entendimento do leitor. De acordo com Costa (2008), o conector *por exemplo*, ao assumir a fronteira de constituinte verbo/complemento, tende a assumir uma focalização catafórica. Nesse caso, a posição ocupada por *por exemplo* atende às expectativas previstas pelo produtor do texto (subprincípio da ordenação linear).

Mesmo não empregando, nesse exemplo, a estratégia argumentativa de generalização e especificação, ainda é possível percebermos o foco argumentativo dado pelo produtor do texto. Portanto, constata-se que grande parte das construções de *por*

²⁹ Apenas a primeira ocorrência de *por exemplo* será analisada neste exemplo.

exemplo não apresentam uma relação arbitrária entre forma e função. Dessa maneira, quanto maior a força argumentativa, maior a quantidade de estruturas formais; nesse caso, o autor emprega grande quantidade de estruturas, representado por um complexo oracional, para defender seu ponto de vista. Além disso, os conteúdos empregados estão amplamente conectados através do conector *por exemplo* e pela relação retórica de elaboração, que tem a função de detalhar o que havia sido dito anteriormente, no núcleo.

Além disso, o produtor do texto se preocupa em ordenar os itens do texto de forma que favorece a argumentação. Dessa forma, introduz, em primeiro plano, as informações que julga mais importantes, utilizando, ainda, o mecanismo de focalização que chama atenção do interlocutor para uma determinada informação.

e. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição.

(38) embora estamos a fazer largos estudos para ver se consegue, mas ainda não tem cura, sabemos qual é o perigo. a principal causa da SIDA é a morte, infelizmente. então, temos, resolvemos fazer assim um, uma escala. muitas pessoas dizem que a SIDA pode-se transmitir através de beijo, não é verdade, através de trocar as roupas, se *por exemplo* tens SIDA's - Deus queira, hem? - tu tens SIDA, eu visto as tuas roupas eu vou também apanhar SIDA, através de colheres, comer, comer ou dormir na mesma cama. mas outras pessoas sabem que a SIDA não se transmite assim. a SIDA trans[...], transmite através de transfusões sanguínea, seringas, através de relações sexuais, ah, e através também de outra coisa, já não me lembro. (Corpus Lusófono Título: A Sida/ Local: Guiné-Bissau - Bissau: 1995).

No exemplo (38), assim como no exemplo (37), já não podemos notar a presença da relação semântica geral-específico. Não há elementos no satélite que especificam qualquer informação dada no núcleo.

Porém, ainda é possível observarmos as relações retóricas de elaboração e condição. O autor, nesse caso, nos mostra que organizou o texto a fim de ressaltar uma determinada informação. Em (38), a posição ocupada pelo conector *por exemplo*, de acordo com os trabalhos realizados por Costa (2008), assume a função de focalizar a informação anaforicamente, portanto, o item focalizado é “se”. Nesse caso, a estratégia utilizada pelo produtor foi chamar atenção para o elemento “se”, que dá uma ideia de condição.

Nesse caso, função e forma possuem relação harmônica, atendendo, assim, os subprincípios da iconicidade. Percebemos que quanto maior o desempenho

argumentativo e as estratégias de convencimento utilizadas, maior a quantidade de forma. No exemplo (38), o autor utiliza diversos mecanismos argumentativos, como a focalização e elaboração e, por isso, a quantidade de forma é proporcional. Nesse caso, podemos perceber o complexo oracional introduzido no satélite para defender a ideia, no núcleo (grifada).

Além do subprincípio da quantidade, notamos que os conteúdos estão intrinsecamente conectados, a informação dada no núcleo continua sendo desenvolvida no satélite. O produtor fala, no núcleo, sobre os mitos que as pessoas propagam sobre a Aids (SIDA) e, no satélite, há uma continuação do assunto, pois o autor visa sustentar, através de exemplificação e focalização, a ideia de que há pessoas que pensam dessa maneira e outras que já conhecem a verdadeira maneira de se contrair Aids. Com isso, podemos compreender que tal ocorrência atende ao subprincípio da Integração.

Ainda, compreendemos que os conteúdos mais importantes estão em primeiro plano, como rege o subprincípio da ordenação linear, pois percebemos que a construção da hipótese que chamará a atenção do interlocutor é o que o produtor aposta para o convencimento do leitor, por isso, posiciona a informação em primeiro plano, no satélite, e ainda insere o conector logo após o “se” como forma de focalizá-lo ainda mais.

f. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa.

(39) é uma cidade que também tem muito coisas antigas. mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, *por exemplo*, elas acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arrebatam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim gênero planalto, é, palácio da alvorada...

- sei. (Corpus Lusófono - Título: Arte Urbana/Local: Brasil - Rio de Janeiro: Década de 80)

No exemplo (39), renumeração de (31), dado anteriormente, também não encontramos a relação semântica geral-específico. Não há, no satélite, elementos que especifiquem qualquer informação disposta no núcleo.

No entanto, após a introdução de *por exemplo*, no satélite, é possível percebermos a emergência das relações retóricas de elaboração e justificativa. Nesse momento, o produtor do texto introduz duas relações retóricas a fim de desenvolver o potencial argumentativo e convencer o interlocutor da ideia de que as pessoas não dão o devido valor às coisas antigas da cidade.

De acordo com Costa (2008), o *por exemplo* de (39) encabeça unidade e, por isso, focaliza o(s) termo(s) imediatamente posterior(es). Com isso, podemos dizer que a informação focalizada acima é “*eles acham que coisa antiga é coisa velha*”. Essa focalização foi uma das estratégias argumentativas utilizadas pelo produtor.

Tantos mecanismos argumentativos nos mostram que tal exemplo vai ao encontro do subprincípio da iconicidade, pois quanto maior a força argumentativa (os mecanismos e estratégias), maior a quantidade de forma empregada. Nesse caso, podemos observar que o satélite, onde encontramos a argumentação, é composto por um complexo oracional, comprovando a relação função e forma pregada pelo princípio da Iconicidade e, portanto, pelo funcionalismo.

Além do subprincípio da quantidade, percebemos a relação estreita entre os conteúdos dispostos nesse exemplo. Notamos que os conteúdos do satélite, introduzidos pelo conector *por exemplo*, só foram desenvolvidos porque o autor teve a intenção de convencer o interlocutor de uma ideia presente no núcleo. Isso é o que o princípio da Iconicidade chama de subprincípio da integração.

Não poderíamos deixar ainda de mencionar que as informações selecionadas pelo autor como mais importantes para o convencimento do interlocutor foram posicionadas, no satélite, em primeiro plano: “*eles acham que coisa antiga é coisa velha*”. Essa é a informação considerada pelo produtor do texto a mais relevante e que tende a convencer o interlocutor.

g. Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações de elaboração e solução.

(40) é uma cidade que também tem muito coisas antigas. mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, **por exemplo**, eles acham que coisa antiga é coisa velha. então botam para, arrebetam com o negócio, acham lindo fazer uma casa assim género planalto, é, palácio da alvorada...

- sei.

- assim, sabe, no meio, uma coisa assim...

- ham, ham.

- tacar ladrilho nas casas que não têm nada a ver. mas eu acho que, pelo menos eu acho que, que lá já está havendo mais, dentro do povo mesmo, da gente do lugar, uma consciência maior do que aqui, o velho não é, o, quer dizer, o antigo não é velho.

- correcto.

- eu acho que tem uma preocupação maior. mas acho que, aí é que eu acho. eu acho que é uma questão de educação, não é, e acho que isso, que o governo tem muita responsabilidade nisso. tem que ter. no sentido, sabe, *eu acho que, por exemplo, deveria usar a televisão para se fazer propaganda, para se preservar, para se educar, para mostrar que a, que antigo não é velho!*

- correcto. (Corpus Lusófono – Título: Arte urbana/Local: Brasil- Rio de Janeiro: Década de 80)

Assim como já dissemos anteriormente, nesse exemplo (40), não há presença da relação semântica geral-específico, no entanto, há a presença das relações retóricas de elaboração e solução.

De acordo com Costa (2008), o conector entre fronteira verbo-complemento tende a focalizar a informação subsequente, que no caso é: *deveria usar a televisão para se fazer propaganda, para se preservar, para se educar, para mostrar que a, que antigo não é velho!* Nesse caso, a focalização é uma estratégia de argumentação utilizada pelo produtor do texto.

Os diversos mecanismos de argumentação de que o produtor lança mão atendem aos subprincípios da Iconicidade, pois, como vimos, função e forma estão harmonicamente dispostos. A grande força argumentativa, representada pelos mecanismos anteriormente explicitados, está proporcionalmente representada pela quantidade de forma, concebido pelo complexo oracional.

Ainda percebemos a integração entre os conteúdos da ocorrência. Os conteúdos inseridos no satélite são o desenvolvimento, a elaboração das informações do núcleo, por isso, dizemos que estão intrinsecamente conectados.

E, ainda, como estratégia argumentativa, o autor insere, no satélite, em primeiro plano, argumentos que considera potencialmente mais relevantes para o convencimento do leitor. Isso é o que a princípio da Iconicidade chama de ordenação linear.

Como pudemos observar, nos tantos exemplos acima analisados, as construções de *por exemplo* estão de acordo com os princípios propostos pela Iconicidade. No entanto, existe uma parcela dos dados em que forma e função não são harmônicas. Mais especificamente, dos 123 dados orais analisados, podemos dizer que 94,2% apresentam proporcionalidade entre função e forma (grande força argumentativa e grande quantidade de forma) enquanto nos dados escritos 91,1%. No restante das ocorrências de *por exemplo* notamos que, apesar de possuírem grande força argumentativa, não apresentam grande quantidade de estruturas para representá-las, fugindo aos princípios propostos pela iconicidade. Tal fenômeno pode ser explicado a partir dos estudos realizados por Dias (2004) em seu trabalho sobre construções apositivas. De acordo com a autora, há casos em que quanto mais peso tem o elemento base, mais leve será a unidade apositiva e quanto mais leve é a unidade base, mais peso terá a unidade apositiva. Dias (2004) denomina esse fenômeno de *pêndulo*.

A seguir, observemos o exemplo (41) que apresenta o fenômeno de *pêndulo*.

(41) Parabens querido Estepan! Você venceu merecidamente, e que tenha muita saúde e sabedoria pra levar seu mandato com a conduta honesta e coerente que sempre pautaram seus atos. Deu segundo turno como torcemos tanto. Não vou comentar sobre isso agora, pois quero ver como o PV e Marina vão agir. Hoje eu quero falar de personagens. Eles tem endereço certo? Se transformam em entidades? Minha vida profissional com muitos Altos e alguns baixos foi levada de forma romantica e apaixonada o que muitas vezes me prejudicou bastante. Sempre coloquei meu coração, meus sentimentos na frente do trabalho, o que me fez recusar por motivos pessoais alguns personagens maravilhosos, dando chance a outras atrizes pegarem a oportunidade, fazerem bem e com muito sucesso. Por exemplo: Na novela Roque Santeiro primeira versão, eu fazia a Viuva Porcina. Gravamos 30 capitulos e no dia da estréia foi censurada e proibida em todo território nacional.
<http://bloglog.globo.com/bettyfaria/> (atriz)

No exemplo (41), observamos a relação semântica geral-específico, consequentemente a relação retórica de elaboração. Esses aspectos mostram que tal construção apresenta uma unidade apositiva/ satélite cuja função é especificar, explicar a tese destacada, no núcleo.

Vale dizer que apesar de percebermos várias estratégias argumentativas, o produtor optou por utilizar poucas construções para representá-las. De acordo com Dias (2004), isso não é um erro, na construção acima (41), podemos dizer que houve um caso de pêndulo. Nessa construção, observamos um núcleo pesado e, em contrapartida, o satélite mais leve. Lembramos que isso ocorre devido à intenção do produtor que, nesse caso, inseriu seus argumentos em primeiro plano, no núcleo, reservando apenas uma pequena quantidade de estrutura para o satélite.

Feitas as análises, percebemos o quão as construções são argumentativas. Em todas as ocorrências, o produtor utilizou estratégias argumentativas, através de generalização e especificação, do uso das diversas relações retóricas e também da focalização. Ainda, foi possível notar que função e forma tendem a ser relativamente harmônicas e, por isso, proporcionais. De acordo com os princípios do funcionalismo e dos subprincípios da Iconicidade, quanto maior a força argumentativa (estratégias argumentativas) de uma porção textual, maior a quantidade de forma utilizada para representá-la.

Os estudos sobre *por exemplo* não se concluíram nesta pesquisa. Na próxima seção, ficam descritos alguns exemplos encontrados da estrutura “*como por exemplo*”. Essa construção encontrada nos dados fará parte de pesquisa posterior, pois o presente trabalho se restringiu às construções de *por exemplo*.

3.4 Um caso residual: a construção “*como por exemplo*”

Antes de discutirmos o comportamento da construção *como por exemplo* à luz da RST, é necessário traçarmos um percurso histórico para melhor compreender o uso dessa construção.

Orientados pela noção de que a forma está, realmente, atrelada à função, em investigações realizadas por Costa (2008), foram descobertos, na análise do percurso histórico de *por exemplo* alguns dados em que esse conector não se encontrava sozinho em sua forma, mas acompanhado de outro elemento, o “como”. Essa estrutura chamou atenção já que, em muitos casos, tanto *como* quanto *por exemplo* parecem desempenhar a mesma função: de exemplificação. Dessa forma, a partir do estudo das funções de “*como por exemplo*”, buscamos compreender a utilização de duas estruturas (na forma) que desempenham a mesma função.

Para sustentar nossa hipótese de que duas estruturas (“*como + por exemplo*”) desempenham a mesma função, buscamos os estudos realizados por Lima-Hernandes (2005). Em sua análise de usos de *tipo, feito, igual e como*, a autora nos mostra que é possível que *como* seja um introdutor de exemplificação:

Como (**preposição**) – este grupo inclui ocorrências prepositivas de dois tipos: **exemplificativa** propriamente dita e **pseudocomparativa**. No primeiro caso, *como* desempenha função de introduzir exemplos ou de enumerar elementos em cadeia exemplificativa. Antecede-o um SN indefinido, ou seja, de referência especificada. Pode ser parafraseado pela expressão “*por exemplo*” ou “qual seja”. (LIMA-HERNANDES, 2005:88).

Vejamos o exemplo selecionado pela autora:

(a) É o mal do século. A televisão, por incrível que pareça, ela é uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ela instrui a uma criança em programas bons **como** o (ruído) sítio do pica-pau amarelo, ela também passa, toda noite, um filme de violência. (E48- PEUL - Amostra 80)

Nesse exemplo “*como*” possui uma função exemplificativa, pois enumera elementos em cadeia exemplificativa.

Segundo a autora, *como* possui uma função exemplificativa quando enumera elementos; assim, em *como por exemplo*, hipotetizamos que a função de *como* é exemplificar, enumerar elementos em cadeia exemplificativa (Lima-Hernandes 2005:88), enquanto *por exemplo* é introjetado para fornecer apoio, reforço à preposição. Esta leitura se aplica aos dados analisados em Costa (2008).

(42) he hum só, sem que pela multiplicação das unidades, a unidade de cada numero se componha, ou misture com outra unidade, porque naquelle numero, que consta de muytas unidades, **como por exemplo** o numero oyto consta de oyto unidades, não crescendo o valor de alguma dellas, nem incorporando-se hua com a outra, mas sendo realmente distinctas, ou realmente huma só, cada huma; porque quem contar hum oyto vezes fará (TRATADO DA SCIENCIA CABALA, OU NOTICIA DA ARTE CABALISTICA - *Corpus* Informativo Medieval-1724)

Costa (2008) analisa o exemplo anterior com base na proposta de análise de Lima-Hernandes (2005): “como” é um introdutor de exemplificação, já que podemos perceber a sua função exemplificativa (enumeração de exemplo, de elemento) e o conector *por exemplo* que possui uma função de reforço, apoio à preposição.

Acreditamos que a motivação para o uso do “como *por exemplo*” vem da intenção do produtor de reforçar aquilo que deseja tornar claro em seu texto. O produtor, definitivamente, pretende definir em seu texto que somente “como” ou “*por exemplo*” não são suficientes para atender o sentido previamente intencionado. Dessa forma, chegamos à conclusão de que é a junção desses dois itens que forma uma estrutura considerada mais forte para atender a necessidade do produtor de tornar evidente a exemplificação desejada.

Se recorrermos ao exemplo (42) a seguir, notaremos uma nova possibilidade de leitura, isto é, é possível percebermos traços de *conformidade*: o número oito está conforme (de acordo), em consonância ao que foi dito anteriormente: “que consta de muitas unidades”.

Anteriormente, acompanhamos a análise a partir de um dado diacrônico. No entanto, é possível encontrarmos *como por exemplo* em dados atuais:

(43) Essas constatações permitem duas possibilidades de interpretação: ou o item se encontra nos estágios iniciais de um processo de GR, podendo vir a cumprir uma

trajetória rumo a uma categoria mais gramatical ainda (**como, por exemplo**, a dos clíticos ou afixos, o que demandaria alterações morfofonológicas profundas em sua estrutura), ou pode ter seu processo de GR interrompido, possibilidade prevista nesse quadro teórico. (Gramaticalização de construções com o verbo “parecer” no português brasileiro: de verbo pleno a satélite atitudinal – Sebastião Carlos Leite Gonçalves. *Veredas*, vol. 14/15)

No exemplo (43), a seguir, Costa (2008) indica que a proposta de análise de Lima-Hernandes (2005) mais uma vez se aplica: “como” possui a função exemplificativa, pois há uma enumeração de elementos, enquanto “*por exemplo*” é o reforço da preposição atendendo à necessidade do produtor de reforçar, deixar o mais clara possível sua intenção. Porém outra leitura é possível, a leitura da conformidade. Ou seja, os clíticos e os afixos estão conforme, de acordo com aquilo dito anteriormente: “item se encontra nos estágios iniciais de um processo de GR, podendo vir a cumprir uma trajetória rumo a uma categoria mais gramatical ainda”.

Através de uma breve análise de *como por exemplo*, podemos afirmar que, na maioria das ocorrências, tal fenômeno apresenta a sobreposição semântica, sugerindo a possibilidade de duas leituras concomitantes: a exemplificativa, a partir da enumeração de exemplos e elementos e a conformativa (aquilo que está de acordo e em consonância com algo). A partir dessas análises, podemos concluir que assim como o conector *por exemplo*, que apresenta em seu processo diacrônico o momento em que apenas uma forma abriga duas funções (quando *por exemplo*, em fronteira de constituintes, exerce a função de focalizar informação e, também, a função de significar: “através de um bom exemplo”), *como por exemplo* é, também, capaz de abrigar mais de uma função. Esse acúmulo de funções quer dizer que o *como por exemplo* passa, também, por um processo de mudança, de gramaticalização, na qual é possível percebermos a etapa do processo que segundo Heine (1991) é aquele marcado pela ambiguidade, envolvendo conceitos tanto do estágio 1 (fonte), quanto do estágio 3 (alvo).

Motivados com as pesquisas em torno de *como por exemplo*, partimos em busca de outros testes para entendermos um pouco mais sobre esse fenômeno.

Nessa nova empreitada de análises, para descobrirmos a real importância de *por exemplo* para a hierarquização do texto, substituímos as partículas “por exemplo” por “como”, até então dadas como semelhantes.

Observe o exemplo:

(44) “Mais do que qualquer outra coisa, a DNA resolve a sua vida. Ela se preocupa por você, ela tem tempo por você, ela pensa com você. Quer coisa melhor? Elas que trabalham e você que ganha o dinheiro. Se você tá sempre cheio de coisa, sem tempo, enrolado, correndo com tudo, tá dando mole. Eu, *por exemplo*, agora, to na praia de Ipanema, de chinelo, tomando uma água de coco e só esperando a DNA me ligar com tudo pronto! Quer vir pra cá não?” <http://bloglog.globo.com/agenciadna/> (agenciamento artístico)

Nesse caso, *por exemplo* perdeu as funções apositivas (correferencialidade, relação geral-específico...). Agora, a função principal de *por exemplo* é **focalizar** a informação antecedente “eu”.

De acordo com Costa (2008), Braga (1997:281) se refere ao *foco* como a *saliência e importância* do que dizemos a respeito das coisas tópicas³⁰. A autora possui a mesma visão de Halliday (1967, *apud* Lambrecht 1994) que compreende o *foco* como um tipo de proeminência em que o falante marca aquilo que deseja ser interpretado como informacional.

Dessa forma, podemos entender que, todas as vezes que *por exemplo* é focalizador, isto é, quando esse item assume o papel de focalizar uma informação em fronteira de constituinte, então, *por exemplo* não poderá ser substituído por *como* ou *tipo* ou mesmo *tipo assim*. Nesses casos, de fronteiras de constituintes, é possível perceber que não há liberdade na substituição dos termos, pois nesses contextos a **significação** de *por exemplo* e dos outros elementos ainda se diferenciam muito.

Dessa forma, já não podemos mais generalizar e dizer que *por exemplo* é semelhante a “como”. Somente em certos contextos, essas duas partículas serão semelhantes.

Já em construções em que *por exemplo* não se encontra em fronteira de constituintes, poderá ser substituído por “como” ou outros elementos significativamente semelhantes.

(45) morar na cidade? morar na cidade é bom porque temos acesso a muitas mais coisas, basta sa[...], sai-se de casa e está-se em tudo onde se quer ir. agora, talvez seja mais calmo e, e mais repousante morar no camp[...], morar no campo, mas aí é que está, tem que se ter transportes também à mão, não é,

- hum, hum.

-> **por exemplo**, um jovem, o jovem que não conduza... tem que estar dependente de, de, de urbanas e (...) (Corpus Lusófono – Título: Portugal - Angra do Heroísmo, Açores, 1996)

³⁰ O tópico tem a ver com as coisas a respeito das quais falamos.

Nesse exemplo, é possível substituímos a partícula “por exemplo” por “como”. Isso ocorre porque em (45), *por exemplo* não aparece em fronteira de constituinte. Nesses casos, a dependência do significado na estrutura não é tão grande como no exemplo anterior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, examinamos as construções de *por exemplo* com base nos postulados da Teoria da Estrutura Retórica. Essa teoria funcionalista visa compreender como as partes do texto se articulam a fim de formar um todo coerente. E foi com base nesse princípio fundamental da RST que traçamos o nosso objetivo principal: averiguar a organização textual das construções de *por exemplo* a partir da articulação das porções de texto em que essas se inserem.

Primeiramente, ao analisarmos as porções de texto das construções de *por exemplo*, verificamos a incidência ou não da relação semântica geral-específico. Logo, partimos, sob a orientação da RST, em busca das relações retóricas que emergem nos dados. Dessa maneira, mostramos que, de acordo com a finalidade argumentativa, o produtor rearranja as porções de texto e introduz o conector *por exemplo*, propiciando, assim, a emergência das relações retóricas, materializando a intenção argumentativa inicial.

Independentemente do tipo organizacional selecionado, constatamos que, em todos os dados analisados, a relação retórica de elaboração está presente. Vale dizer que essa relação retórica se assemelha à relação semântica geral-específico, pois ambas possuem as mesmas funções, que são as de especificar e acrescentar informação à porção de texto para que o interlocutor compreenda, da melhor maneira possível, as intenções do produtor. Nessa etapa de análise, classificamos essas relações como equivalentes.

Em alguns casos, porém, foi detectada a emergência de mais de uma relação retórica junto com a de elaboração. Assim, emergiam elaboração e solução, elaboração e avaliação, e elaboração e condição e, ainda, elaboração e justificativa. Essas relações retóricas que ocorrem juntamente com a de elaboração assumem relevante participação no texto competindo o espaço informacional. Por esse motivo, quando detectamos duas relações retóricas em uma mesma construção, já não podemos considerar a relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração equivalentes.

De acordo com a os tipos de relações veiculadas pela construção, pudemos classificá-las como mais ou menos prototípicas. O conceito de prototipicidade norteou a classificação das construções de *por exemplo* de forma que consideramos prototípicas as construções que apresentam a relação semântica geral-específico e a relação retórica de

elaboração (equivalência). Consideramos menos prototípicas as construções que apresentam a relação semântica geral-específico e mais de uma relação retórica; e consideramos menos prototípica ainda a construção que não apresenta a relação geral-específico.

Ainda podemos dizer que este estudo, baseando nos princípios da Iconicidade e nos conceitos de argumentação, teve a finalidade de verificar a relação entre forma e função, isto é, a relação entre a quantidade de argumentos utilizados para construir a argumentação e a função (mecanismos argumentativos) exercida pela construção.

Dentre as opções organizacionais, os dados analisados deste trabalho permitiram que estabelecêssemos os seguintes parâmetros de caracterização das ocorrências da construção de *por exemplo*, a que denominamos **tipologia da construção de *por exemplo***:

- 1- Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração;
- 2- Relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração e avaliação;
- 3- Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e condição
- 4- Ausência da relação semântica geral-específico e presença da relação retórica de elaboração;
- 5- Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e justificativa.
- 6- Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações retóricas de elaboração e condição.
- 7- Ausência da relação semântica geral-específico e presença das relações de elaboração e solução.

Nas construções analisadas, a organização das estruturas depende do objetivo comunicativo do produtor do texto. Para nós, vale dizer que, ao eleger a construção 1, aquela em que há relação semântica geral-específico e relação retórica de elaboração, o produtor opta por especificar e detalhar uma determinada informação. Nesta pesquisa, consideramos essas construções as mais prototípicas. Ao selecionar as construções 2 (Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e avaliação) e 3 (Relação semântica geral-específico e relações retóricas de elaboração e condição), o produtor, ao especificar a informação, não só a detalha, na utilização da relação retórica

de elaboração, como utiliza outras relações retóricas para tornar o seu ponto de vista mais convincente. Com isso, podemos dizer que, ao organizar a construção dessa forma, o produtor se afasta daquilo que é considerado mais prototípico. E, ainda, existem as construções em que já não há a presença da relação semântica geral-específico, como no parâmetro tipológico 4, em que também é possível perceber a relação retórica de elaboração. Nesses casos, faz-se necessário detalhar informações, mas não mais especificá-las. A escolha de tais mecanismos é considerada menos prototípica. E é considerada menos prototípica ainda quando o produtor investe em construções que, além da ausência da relação semântica geral-específico, apresentam a emergência da relação retórica de elaboração e de outra relação retórica que entra em competição com a de elaboração, como nos casos de 5 a 7.

Foi possível percebermos que, tanto no corpus escrito (aproximadamente 71%) quanto no corpus oral (aproximadamente 43%), o produtor tem preferência pelas construções que apresentam a relação semântica geral-específico e a relação retórica de elaboração. Isso quer dizer que o número de construções prototípicas é maior do que o número de construções não prototípicas, o que nos leva a compreender que, na maioria das vezes, é preciso, sim, lançar mão da generalização e especificação e acrescentar informações para que o interlocutor, de fato, corrobore o ponto de vista do produtor.

No entanto, vale dizer que, além das construções prototípicas, foram elencadas, também, na tipologia apresentada acima, outras seis opções organizacionais, consideradas menos prototípicas, que o produtor poderá utilizar ao eleger uma construção de *por exemplo* no texto. Todas essas **sete** possibilidades só foram possíveis de serem descritas por meio do estudo da RST, teoria que nos apresentou novas possibilidades de leitura a fim de compreender as relações proposicionais emergentes entre as porções de texto em que o conector *por exemplo* estava presente.

A organização realizada pelo produtor do texto apresenta a função de acordo com a intenção argumentativa; e essa função será sempre concretizada por grande quantidade de material linguístico, como rege um dos subprincípios da Iconicidade, conceito que orientou este trabalho: quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Com isso, foi possível percebermos quantas relações semânticas e retóricas são veiculadas (relação semântica geral-específico, relação retórica de elaboração, outras relações retóricas) e, também, que estratégias de focalização contribuem para convencer o interlocutor de uma determinada ideia.

Os estudos que foram realizados em torno do conector *por exemplo*, com base na RST e vários postulados funcionalistas, mostraram as inúmeras possibilidades de uso desse conector, gerando novas maneiras de compreender o estudo do texto, principalmente das construções que apresentem o conector *por exemplo*. Acreditamos que este trabalho, por trazer uma visão mais atual do uso desse conector, poderá contribuir para uma possível revisão dos postulados da Gramática Tradicional naquilo que se refere ao estudo de conectores de modo geral.

Não pretendemos esgotar o assunto sobre o *por exemplo*. Acreditamos que outras perspectivas de análise poderão surgir, na medida em que pesquisas avancem, como a questão da argumentação nas construções de *por exemplo*. Seria interessante, em estudos futuros, observarmos qual é a construção considerada mais eficaz em determinadas situações argumentativas. Esse estudo seria interessante para comprovar se o produtor seleciona, de fato, a construção que mais se adéqua a cada situação argumentativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANOTNIO, Juliano e TAKAHASHI, Camila. **As dimensões da relação retórica de elaboração em elocuições formais**. Anais do 1º Cielli: Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos. Maringá, PR, 2010

ANTONIO, Juliano e TAKAHASHI, Camila. **Atuação da relação retórica de elaboração na macroestrutura de elocuições formais**. Calidoscópico, n.3,v.8, 2010.

BECKER, Janaina Pimenta Lemos ; GIERING, M. E. **O discurso relatado em textos de divulgação científica midiática constituídos pela relação de Solução**. Revista Signos^{JCR}, v. 43, p. 27-44, 2010.

BOLINGER, D. **The form of language**. London: Longmans, 1977.

BRAGA, M. L. **Fala, Escrita e Estratégias de Focalização**. In: Encontro de Funcionalistas, Araraquara. Anais do II Encontro de Funcionalistas.1997.

BUCHLER, J. (Ed.). **The philosophy of Peirce**. New York: Harcourt and Brace, 1940.

BUTLER, C. S. **Structure and function: a guide to three major structural-functional theories**. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

BYBEE, Joan (2010). *Language, usage, and cognition*. Cambridge, UK: CUP.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. IN: CHAFE, W.L. (ed.) **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

COSTA, Rafaela Domingues. **A multifuncionalidade e trajetória de por exemplo**. 2008.122f. Dissertação (Mestrado em linguistics) – Programa de Pós graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora.

CUNHA, M.A.F da; COSTA, M.A & CEZARIO, M.M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M.A.F da; OLIVEIRA, M. Rios de; MARTELOTTA, ME. (orgs). **Linguística Funcional: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-55, 2003.

DECAT, Maria Beatriz N. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In: MARINHO, JHC; SARAIVA, MEF (orgs). **Estudos da língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.231-262, 2010.

DECAT, Maria Beatriz N. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. São Paulo. Editora: Pontes, 2011.

_____. **Orações relativas apositivas: SN's "soltos" como estratégia de focalização e argumentação**. Veredas, n.1, v.8, p.79-101, jan/jun.2004.

DIAS, Nilza; COSTA, Rafaela & FERREIRA, . **As construções apositivas (conexão \emptyset e conector “por exemplo”): interface com movimentos argumentativos.** Diadorim. UFRJ. 2008.

DIAS, Nilza Barrozo. **Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático-discursivo.** Veredas. Juiz de Fora, n.1, v.8, p.63-77, jan./dez. 2004.

DIK, S.C. **The theory of functional grammar.** Part 2: Complex and derived constructions. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, pp.133-137; 435-436, 1997.
discourse grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.).
Discourse, of course. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 127-140.

FODOR, J.D. **Learning to parse?** Journal of psycholinguistic research. New york. V.27,n. 2, p. 285-319. 1998.

FORD, Cécilia E. **Overlapping relations in text structure.** DELANCEY, Scott and RUSSELL S. Tomlin (eds.). *Proceedings of the Second Annual Meeting of the Pacific Linguistics Conference.* p.107-123, 1986.

GEERAERTS, Dirk, GRONDELAERS, Stefan & BAKEMA, Peter. **The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming, and Context.** Cognitive Linguistics Research, Berlin - New York, Mouton de Gruyter, 1994.

GIERING, M. E. . **O texto como sistema aberto e a configuração prototípica de artigos de opinião autorais.** Linguagem em (Dis)curso, v. 7, p. 27-44, 2007.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar.** Amsterdã: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations.** Studies in language. Philadelphia: Benjamins, 1991

GIVÓN, Talmy. **Syntax: a functional-typological introduction.** Amsterdã: John Benjamins, 1984.

GOMES, Cecília Leda Jordão. **Conteúdos conceituais ou cognitivos da educação física escolar para a quinta série do ensino fundamental: uma proposta desistematização.** Londrina: UEL, 2008.

GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A.; TABOADA, M. Coherence relations in functional discourse grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Ed.). **Studies in functional discourse grammar.** Berne: Peter Lang, 2005. p.227-259

GONÇALVES, S. C. L. (2001). **Orações subjetivas e teoria dos protótipos.** Scripta, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 183-196.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

HARBERLANDT, K. **Les expectations du lector dans la comprehension du texte.** In: Bulletin de Psychologie, Tomo, XXXV, nº356, p.733-799, 1982.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries, Cognitive Forces and Grammaticalization**. Nova York, Oxford. Universidade de Oxford, 1993.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991.

KOCH, Ingedore e VILELA, Mario. **Gramática da Língua Portuguesa**. Editora Almedina. Coimbra. 2001.

LABOV, Willian. **The Transformation of experience in Narrative Syntax**. Language in the Inner City. Oxford, Basil Blackwell, P.354-396, 1972

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago. 1987.

LEHMANN, Christian. (1988) Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Philadelphia: John Benjamins. p. 181-225.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia P. **A Interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia**. Tese de Doutorado. Unicamp, 2005

LYONS, J (1980). **Semantics I**. Lisboa: Editorial Presença. (Publicado originalmente em 1977)

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. A. **Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization**. v. 8. n. 3 Berlin, 1988.

MANN, William C. and Sandra A. Thompson. **Relational propositions in discourse**. California: University of Southern California, 1983.

MANN, William C. **Discourse Structures for Text Generation**. California: University of Southern California, 1984.

MANN, William C., and Sandra A. Thompson. **Assertions from discourse structure**. Eleventh Annual Meeting of the Berkley Linguistics society. Berkley 1985.

MARCU, Daniel. **The rhetorical parsing of natural language texts**. Department of Computer Science University of Toronto. Toronto, Ontario, 1997.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo & AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M.A.F da; OLIVEIRA, M. Rios de; MARTELOTTA, ME. (orgs). **Linguística Funcional: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 18-28, 2003.

MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p.275-329.

MENDES, Wellington. **A construção de sentidos no Blog: um estudo sobre Multimodalidade**. Anais do 2º Simpósio: Hipertexto e Tecnologias na educação, Recife/PE. Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

MEYER, Charles F. **Apposition in Contemporary English**. Studies in English language. University of Massachusetts at Boston. Cambridge University Press, 1992.

MONTOLÍO, E. **Conectores de la lengua escrita**. Barcelona: Ariel, 2001.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

O'DONNELL, M. RSTTOOL 2.4 – **A Markup Tool for Rhetorical Structure Theory**. In: INTERNATIONAL NATURAL LANGUAGE GENERATION CONFERENCE (INLG'2000), 1. 13-16 June 2000, Mitzpe Ramon (Israel). Proceedings... Mitzpe Ramon: Association for Computational Linguistics, 2000, p. 253-256. Disponível em: [HTTP:// www.wagsoft.com/rsttool/rsttool/345install.exe](http://www.wagsoft.com/rsttool/rsttool/345install.exe)>. Acesso em: 23 de setembro de 2012.

PARDO, T. A. S. **Métodos para análise discursiva automática**. 2005. 195 f. Tese - Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.

PARDO, T. A. S. **Métodos para análise discursiva automática**. 2005. 195 f. Tese de Doutorado- Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.

PEIRCE, Charles Sanders. In: Buchler, John (Ed) **The philosophy of Peirce**. Nova York: Harcourt and Brace, 1940.

PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação – A Nova Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

PORTOLÉS, J. **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel, 1998a.

RODRIGUES, Angélica (2001). **A prototipicidade das orações predicativas**. Scripta. Belo Horizonte, v.5, n.9, p. 197-202.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997

TABOADA, M. **Coherence Relations in Functional Discourse Grammar**. Studies in Functional Discourse Grammar. Berne: Peter Lang. p. 227-259, 2005.

TABOADA, M. **Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations**. Journal of Pragmatics. Digital Object Identifier (<http://www.doi.org/>),2006

TABOADA, M. **Implicit and explicit coherence relations**. In: RENKEMA, J. (Ed.).

TABOADA, M. and M. A. Gómez González. Discourse markers and coherence relations: Comparison across markers, languages and modalities. In M. Taboada, S. Doval-Suárez and E. González-Álvarez (eds), **Contrastive discourse analysis: Functional and corpus perspectives**, Sheffield: Equinox.17-41, 2012

TABOADA, M.; MANN, W.C. **Rhetorical Structure Theory: looking back and moving ahead**. **Discourse Studies**, 8(3):423-459 Disponível em: <http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/8/3/423>. Acesso em: 20/04/2010. 2006

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

VIEIRA, Amitza. **A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança**. 2007. Tese de Doutorado- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Puc. Rio de Janeiro.

VILELA, **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1999.

Sites Consultados:

http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php

<http://www.bloglog.globo.com>

<http://www.wagsoft.com/rsttool/rsttool/345install.exe>>

<http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/intro.html>.

<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/sl33/11.pdf>

ANEXO A

Relação das entrevistas selecionadas do Corpus Lusófono

1)

TÍTULO: A Guerra e o Ambiente

LOCAL: Angola - Luanda

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 40 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Professor universitário

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Ang97:Guerra e Ambiente)

2)

TÍTULO: Meninos da Rua

LOCAL: Angola - Luanda

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 27 anos

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO: Educador do Centro Infantil

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Ang97:Meninos de Rua)

3)

TÍTULO: O Ensino em Angola

LOCAL: Angola - Luanda

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE:

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Professora

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Ang97:EnsinoAngola)

4)

TÍTULO: O Jovem Gaspar

LOCAL: Angola - Luanda

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 22 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Empregado de mesa

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Ang97:JovemGaspar)

5)

TÍTULO: **A Fazenda**LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: 1972

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 30 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra80:Fazenda](#))

6)

TÍTULO: **Arte Urbana**LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: Década de 80

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 44 anos

ESCOLARIDADE: 11 anos

PROFISSÃO: Doméstica

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra80:ArteUrbana](#))

7)

TÍTULO: **Bichinho**LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: Década de 80

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 62 anos

ESCOLARIDADE: 7 anos

PROFISSÃO: Profissional de seguros

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra80:Bichinho](#))

8)

TÍTULO: **Comer Bem e Falar Bem**LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: Década de 80

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 41 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Mecânico

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra80:ComerFalarBem](#))

9)

TÍTULO: **Criar Filhos**LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: Década de 80

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 32 anos
ESCOLARIDADE: 8 anos
PROFISSÃO: Vendedor
IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra80:CriarFilhos](#))

10)

TÍTULO: **Economia e Sociedade**

LOCAL: **Brasil - São Paulo**

DATA: 1987

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 22 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra87:EconomiaSociedade](#))

11)

TÍTULO: **Festa de Estudantes**

LOCAL: **Brasil - Araraquara, S P**

DATA: 1993

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 26 anos

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra93:FestaEstudante](#))

12)

TÍTULO: **Muito Iguais e Muito Diferentes**

LOCAL: **Brasil - Araquara, SP**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 22 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra95:MuitoIguaisDiferentes](#))

13)

TÍTULO: **O Jogo do Bicho**

LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: Década de 80

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 39 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Padeiro

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([Bra80:JogoBicho](#))

14)

TÍTULO: **O Mundo do Direito**

LOCAL: **Brasil - Araquara, S. Paulo**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 20 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Bra80:MundoDireito)

15)

TÍTULO: **O Plano Real**

LOCAL: **Brasil - S. Paulo**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: 2 F e 4 M

IDADE:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Bra80:Planoreal)

16)

TÍTULO: **Samba**

LOCAL: **Brasil - Rio de Janeiro**

DATA: Década de 80

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 44 anos

ESCOLARIDADE: 8 anos

PROFISSÃO: Doméstica

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Bra80:Samba)

17)

TÍTULO: **Surpresas da Fotografia**

LOCAL: **Brasil - S. Paulo**

DATA: 1993

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 23 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Bra80:SurpresasFotografia)

18)

TÍTULO: **As Mornas**

LOCAL: **Cabo Verde - S. Vicente**

DATA: 1995

INFIRMANTE:

SEXO: M

IDADE: 54 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Marinheiro
IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (CV95:AsMornas)

19)

TÍTULO: **Coleccionismo**

LOCAL: **Cabo Verde - S. Vicente**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 48 anos

ESCOLARIDADE: 6 anos

PROFISSÃO: Tipógrafo

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (CV95:Colecionismo)

20)

TÍTULO: **Colher de Panela**

LOCAL: **Cabo Verde - S. Vicente**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 55 anos

ESCOLARIDADE: 9 anos

PROFISSÃO: Comerciante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (CV95:ColherPanela)

21)

TÍTULO: **Ilha do Fogo**

LOCAL: **Cabo Verde - Santiago**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 25 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (CV95:IlhaFogo)

22)

TÍTULO: **Raparigas de Cabo Verde**

LOCAL: **Cabo Verde - Cidade da Praia**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 41 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Inspectora do magistério primário

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (CV95:RaparigasCV)

23)

TÍTULO: **Democracia**

LOCAL: **Guiné-Bissau - Bissau**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 18 anos

ESCOLARIDADE: 10 anos

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (GB95:Democracia)

24)

TÍTULO: **A SIDA**

LOCAL: **Guiné-Bissau - Bissau**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 17 anos

ESCOLARIDADE: 8 anos

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (GB95:SIDA)

25)

TÍTULO: **A Mulher Africana**

LOCAL: **Guiné-Bissau - Bissau**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 45 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Jornalista

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (GB95 MULHER AFRICANA)

26)

TÍTULO: **A Juventude Guineense**

LOCAL: **Guiné-Bissau - Bissau**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 19 anos

ESCOLARIDADE: 10 anos

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (GB95:JuventudeGuineense)

27)

TÍTULO: **Cantar e Pintar**

LOCAL: **Moçambique - Maputo**

DATA: 1983

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Moç83:CantarPintar)

28)

TÍTULO: **Maternidade**

LOCAL: **Moçambique - Maputo**

DATA: 1997

INFORMANTES

SEXO: 1 M e 1 F

IDADE:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Moç97:Maternidade)

29)

TÍTULO: **Sentimento e Desporto**

LOCAL: **Moçambique - Maputo**

DATA: 1997

INFORMANTES

SEXO: 2 F

IDADE: 25 e 26 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO: Professora estudante e estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (Moç97:SentimentoDesporto)

30)

TÍTULO: **As Grandes Cidades**

LOCAL: **Portugal - Porto**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 42 anos

ESCOLARIDADE: 10 anos

PROFISSÃO: Secretário

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT95 AS GRANDES CIDADES)

31)

TÍTULO: **Jogar Futebol**

LOCAL: **Portugal - Faro**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 20 anos

ESCOLARIDADE: Bacharelato

PROFISSÃO: Técnico agrícola

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT95:Futebol)

32)

TÍTULO: **O Marido Ideal**

LOCAL: **Portugal - Faro**

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 22 anos

ESCOLARIDADE: Bacharelato

PROFISSÃO: Estudante

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT96:MaridoIdeal)

33)

TÍTULO: **Ser Pastor**LOCAL: **Portugal - Penedo Gordo, Beja**

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 59 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Pastor

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT97 SER PASTOR)

34)

TÍTULO: **Um Meio Pequeno**LOCAL: **Portugal - Angra do Heroísmo, Açores**

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 28 anos

ESCOLARIDADE: 9 anos

PROFISSÃO: Jornalista

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT96:MeioPequeno)

35)

TÍTULO: **Um Namoro de Outros Tempos**LOCAL: **Portugal - Landim, Famalicão**

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 73 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Doméstica

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT97:NamoroOutrosTempos)

36)

TÍTULO: **Vida de Estudante**LOCAL: **Portugal - Porto**

DATA: 1995

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 47 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Farmacêutica

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT95:VidaEstudante)

37)

TÍTULO: **Homens e Bichos**LOCAL: **Portugal - Castro Verde, Beja**

DATA: Década de 70

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 59 anos

ESCOLARIDADE: Analfabeto

PROFISSÃO: Trabalhador rural

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (PT70:HomensBichos)

38)

TÍTULO: **Jornalismo em Directo**LOCAL: **Portugal - Lisboa**

DATA: 1973

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 62 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Jornalista

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([PT73 Jornalismo em directo](#))

39)

TÍTULO: **Cartografia Portuguesa**LOCAL: **Portugal - Lisboa**

DATA: 1989

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE:

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Oficial da Marinha

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([PT89:CartografiaPortuguesa](#))

40)

TÍTULO: **O Pai da Medicina**LOCAL: **Portugal - Lisboa**

DATA: 1989

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 56 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Médico

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([PT89:PaiMedicina](#))

41)

TÍTULO: **Os Poderes do Chefe de Estado**LOCAL: **Portugal - Lisboa**

DATA: 1990

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 65 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Presidente da República

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([PT90:PoderesCE](#))

42)

TÍTULO: **Costureira de Sucesso**LOCAL: **S.Tomé e Príncipe - S. Tomé**

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 35 anos

ESCOLARIDADE: 9 anos

PROFISSÃO: Costureira

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: ([To-Pr96:Costureira](#))

43)

TÍTULO: **Sabores**LOCAL: **S. Tomé e Príncipe - S. Tomé**

DATA: 1997

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 20 anos

ESCOLARIDADE: 4 anos

PROFISSÃO: Empregada doméstica

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (To-Pr96:Sabores)

44)

TÍTULO: **Ser Professor**LOCAL: **S. Tomé e Príncipe - S. Tomé**

DATA: 1996

INFORMANTE

SEXO: F

IDADE: 39 anos

ESCOLARIDADE: Curso Superior

PROFISSÃO: Professora do ensino secundário

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (To-Pr96:SerProfessor)

45)

TÍTULO: **Identidade de um Povo**LOCAL: **Timor - Dili**

DATA: 1999

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 33 anos

ESCOLARIDADE: 12 anos

PROFISSÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (TL99:IdentidadePovo)

46)

TÍTULO: **Por Timor Independente**LOCAL: **Timor - Baucau**

DATA: 1999

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE: 25 anos

ESCOLARIDADE: Frequência de um curso superior

PROFISSÃO:

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (TL99:Timor)

47)

TÍTULO: **Regras e Regras**LOCAL: **Timor**

ANO:

INFORMANTE

SEXO: M

IDADE:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO: Padre

IDENTIFICAÇÃO DO INQUÉRITO: (TL99:Regras)

ANEXO B

Lista dos blogs utilizados na pesquisa obtidos através do site www.bloglog.globo.com

- 1) <http://bloglog.globo.com/agenciadna/>
- 2) <http://bloglog.globo.com/aguinaldosilva/>
- 3) <http://bloglog.globo.com/anabotafogo/>
- 4) <http://bloglog.globo.com/brunomazzeo/>
- 5) <http://bloglog.globo.com/brunoboni/>
- 6) <http://bloglog.globo.com/bettyfaria/>
- 7) http://www.bloglog.globo.com/az_new.html
- 8) <http://bloglog.globo.com/chicoanysio/>
- 9) <http://bloglog.globo.com/clauidiorresgonzaga/>
- 10) <http://bloglog.globo.com/danielehaloten/>
- 11) <http://bloglog.globo.com/edafagundes/>
- 12) <http://bloglog.globo.com/eduardoregal/>
- 13) <http://bloglog.globo.com/fabiobibancos/>
- 14) <http://bloglog.globo.com/fiorellamattheis/>
- 15) <http://bloglog.globo.com/flaviobauraqui/>
- 16) <http://bloglog.globo.com/geovannatominaga/>
- 17) <http://bloglog.globo.com/geraldomagela/>
- 18) <http://bloglog.globo.com/gutofranco/>

- 19) <http://bloglog.globo.com/jacquinedalabona/>
- 20) <http://bloglog.globo.com/jeanwyllys/>
- 21) <http://bloglog.globo.com/joanalimaverde/>
- 22) <http://bloglog.globo.com/leonardoborges/>
- 23) <http://bloglog.globo.com/lucianamello/>
- 24) <http://bloglog.globo.com/luizavaldetaro/>
- 25) <http://bloglog.globo.com/marceloacacio/>
- 26) <http://bloglog.globo.com/marciobernstein/>
- 27) <http://bloglog.globo.com/marcosveras/>
- 28) <http://bloglog.globo.com/neylatorraca/>
- 29) <http://bloglog.globo.com/nizoneto/>
- 30) <http://bloglog.globo.com/pedrorizzo/>
- 31) <http://bloglog.globo.com/raulguterres/>
- 32) <http://bloglog.globo.com/rodrigophavanello/>
- 33) <http://bloglog.globo.com/rosanaferrao/>
- 34) <http://bloglog.globo.com/vaniaabreu/>

ANEXO C

Definição das Relações Retóricas

Relation Name	Nucleus	Satellite
Antithesis	ideas favored by the author	ideas disfavored by the author
Background	text whose understanding is being facilitated	text for facilitating understanding
Circumstance	text expressing the events or ideas occurring in the interpretive context	an interpretive context of situation or time
Concession	situation affirmed by author	situation which is apparently inconsistent but also affirmed by author
Condition	action or situation whose occurrence results from the occurrence of the conditioning situation	conditioning situation
Elaboration	basic information	additional information
Enablement	an action	information intended to aid the reader in performing an action
Evaluation	a situation	an evaluative comment about the situation
Evidence	a claim	information intended to increase the reader's belief in the claim
Interpretation	a situation	an interpretation of the situation
Justify	text	information supporting the writer's right to express the text
Motivation	an action	information intended to increase the reader's desire to perform the action
Non-volitional Cause	a situation	another situation which causes that one, but not by anyone's deliberate action
Non-volitional Result	a situation	another situation which is caused by that one, but not by anyone's deliberate action
Otherwise (anti conditional)	action or situation whose occurrence results from the lack of occurrence of the conditioning situation	conditioning situation
Purpose	an intended situation	the intent behind the situation
Restatement	a situation	a reexpression of the situation
Solutionhood	a situation or method supporting full or partial satisfaction of the need	a question, request, problem, or other expressed need
Summary	text	a short summary of that text
Volitional Cause	a situation	another situation which causes that one, by someone's deliberate action
Volitional Result	a situation	another situation which is caused by that one, by someone's deliberate action

Relation Name	Span	Other Span
Contrast	one alternate	the other alternate
Joint	(unconstrained)	(unconstrained)
List	an item	a next item
Sequence	an item	a next item